normas
de inventário

cerâmica

ARTES PLÁSTICAS
E ARTES DECORATIVAS

cerâmica

Fundo Europeu
de Desenvolvimento
Regional

INSTITUTO DOS MUSEUS
E DA CONSERVAÇÃO

normas
de inventário

cerâmica

ARTES PLÁSTICAS
E ARTES DECORATIVAS

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA
Museu Nacional do Azulejo, Ana Anjos Mântua, Paulo Henriques, Teresa Campos

PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS
Ana Anjos Mântua, Carla Melo, Isabel Pires, João Pedro Monteiro, Lurdes Esteves, Paulo Henriques, Teresa Campos

IMAGEM
Divisão de Documentação Fotográfica / Instituto dos Museus e da Conservação (Imagens de Inventário Fotográfico Nacional)
Museu Nacional do Azulejo (Imagens de Trabalho / Desenho Técnico)

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO
Instituto dos Museus e da Conservação
Paulo Ferreira da Costa

CONCEPÇÃO E EXECUÇÃO GRÁFICA
tvm designers

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO
Cromotipo

©Instituto dos Museus e da Conservação. Todos os direitos reservados
1.ª edição, Maio 2007
1000 exemplares

ISBN n.º 978-972-776-327-6

Dep. Legal n.º 259093/07

APRESENTAÇÃO

É indiscutível o trabalho profícuo e cientificamente estruturado que o Museu Nacional do Azulejo desenvolve, sob a direcção do Dr. Paulo Henriques, no âmbito da investigação, salvaguarda e divulgação das produções cerâmicas em Portugal, e do qual tem resultado não apenas o conhecimento aprofundado e a sistemática divulgação das próprias colecções do Museu, como igualmente o apoio técnico e científico a inúmeras entidades públicas e privadas com vista à conservação, inventário e estudo de importantes acervos cerâmicos, designadamente revestimentos azulejares *in situ*.

No mesmo contexto de acção, tem o Museu Nacional do Azulejo reforçado a sua estratégia de internacionalização, em particular mediante a concepção e realização além-fronteiras de importantes exposições centradas na cerâmica de produção nacional, mas igualmente através da inserção do Museu em redes e projectos internacionais no contexto do estudo e normalização terminológica e descritiva de bens culturais cerâmicos, móveis e integrados, de que é exemplo a sua activa participação no projecto CCI – *Ceramic, Culture, Innovation 1851-2000*, entre 2000 e 2004, no âmbito do qual foram produzidos instrumentos de referência sobre a cerâmica nas colecções europeias.

Encontrando-se as suas capacidades técnico-científicas no âmbito do inventário do património móvel já plenamente expressas no primeiro volume da presente Colecção que foi desafiado para conceber (*Cerâmica de Revestimento*), o Museu Nacional do Azulejo alarga agora o seu contributo ao estudo e inventário das demais tipologias de bens enquadráveis na ampla Categoria de Cerâmica, no domínio das artes plásticas e das artes decorativas.

O presente volume é, pois, expressão evidente dos dois planos que tão sucintamente acima referimos, reflectindo, por um lado, o valioso capital de conhecimento desenvolvido e acumulado pela pequena, mas particularmente qualificada e empenhada equipa do Museu, e beneficiando, por outro, da ampla rede de relações e colaborações inter institucionais em que se insere e da visão alargada e completa que detém sobre as produções cerâmicas.

Estamos certos de que este Caderno de Inventário constituirá assim um importante instrumento para o estudo, classificação e inventário deste universo da cultura material. Tal importância é evidente se atentarmos, desde logo, na presença assídua que a cerâmica ocupa nos museus portugueses e em inúmeras colecções de entidades públicas e privadas, bem como na vasta diversidade de tipologias, técnicas de produção, funcionalidades, em contextos de uso quotidiano ou festivo, e meios e ambientes sociais para que os materiais cerâmicos remetem, e para cujo conhecimento, descrição e catalogação adequados as presentes Normas de Inventário permitirão a partir de agora uma abordagem sistemática e bem fundamentada.

Expresso, pois, o meu sincero agradecimento a toda a equipa do Museu Nacional do Azulejo pela concretização do presente Caderno de Normas de Inventário, destacando em particular o seu Director, Dr. Paulo Henriques, bem como a Dr.ª Ana Mântua e a Dr.ª Teresa Campos, por todo o rigor e empenho que colocaram na partilha do seu conhecimento e experiência.

MANUEL BAIRRÃO OLEIRO
Director do Instituto dos Museus e da Conservação

PREÂMBULO 11

PROCEDIMENTOS GERAIS 13

CLASSIFICAÇÃO 17
CATEGORIA 17
Cerâmica 17
SUBCATEGORIAS 18
Cerâmica de Revestimento 18
Cerâmica de Arquitectura 20
Cerâmica de Equipamento 20

IDENTIFICAÇÃO 24
DENOMINAÇÃO 24
TÍTULO 26
OUTRAS DENOMINAÇÕES 26
ATRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE INVENTÁRIO 27
MARCAÇÃO DE NÚMEROS DE INVENTÁRIO 31
ELEMENTO(S) DE CONJUNTO 32

DESCRIÇÃO 34
DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA 35
DESCRIÇÃO ICONOGRÁFICA 37
MARCAS/INSCRIÇÕES 42

PRODUÇÃO 46
OFICINA/FABRICANTE 46
CENTRO DE FABRICO/LOCAL DE EXECUÇÃO 47

INFORMAÇÃO TÉCNICA 48
MATERIAIS 48
PRODUTOS CERÂMICOS 50
TÉCNICAS DE PRODUÇÃO 51

CONFORMAÇÃO 51
TÉCNICAS DE PRODUÇÃO CERÂMICA 52
COZEDURAS 53
PRECISÕES SOBRE A TÉCNICA 54

DIMENSÕES 55

GLOSSÁRIOS 58
FORMAS 59
DECORAÇÃO 88
MATÉRIAS E TÉCNICAS 98
CONSERVAÇÃO 121

ANEXO 130
FICHAS DE INVENTÁRIO MATRIZ 131

BIBLIOGRAFIA 147

PREÂMBULO

Coube ao Museu Nacional do Azulejo, em volume anterior, a tarefa de fixar a terminologia e os procedimentos normativos para a inventariação, na Categoria da Cerâmica, à subcategoria de Cerâmica de Revestimento, considerando-se então a evolução histórica, entre a Idade Média e a Contemporaneidade, do uso da cerâmica como material de preferência em revestimento arquitectónico, arcaicamente de chão e tecto, depois das paredes, entre nós vulgarizando-se na tradição do Azulejo, que se actualizou até à actualidade em peças de autor, placas lisas ou relevadas, de forma regrada ou não.

O imenso universo de peças de azulejaria e de cerâmica com vocação decorativa, desde o século XVI até à actualidade e cobrindo praticamente todo o território nacional, muito do qual subsistiu pela recolha em colecções públicas e privadas, justificou a decisão de se consagrar um único volume ao que se designou Cerâmica de Revestimento.

A organização da obra colocou contudo em evidência a necessidade de reunir num único volume as Normas de Inventário para a categoria de Cerâmica, integrando a subcategoria anteriormente tratada pelo Museu Nacional do Azulejo, a Cerâmica de Revestimento, e completando-a com a Cerâmica de Arquitectura e a Cerâmica de Equipamento.

Contempla-se deste modo um amplo universo de objectos cerâmicos que visam o revestimento da arquitectura como sistema protector e decorativo, os que se constituem como elementos construtivos e estruturais do objecto arquitectónico, e finalmente os objectos que se caracterizam pela sua autonomia física, equipamento que são dos mais diversos quotidianos, domésticos, tecnológicos, decorativos e sumptuários.

Na concepção deste documento não se adoptou uma atitude hermética de especialista, preferindo-se outra mais didáctica, a de divulgação acessível, pautada por parâmetros de rigor

científico. Desejou-se que a fixação de terminologias e procedimentos normativos para a inventariação de Cerâmica fossem compreensíveis a qualquer um de nós que, por hipótese, sendo leigo na área, necessite proceder ao preenchimento da ficha de inventário de um objecto cerâmico.

Daí a importância dada aos glossários como auxiliar para o preenchimento dos diferentes campos e circunscritos aos termos mais recorrentes e que cobrem as três subcategorias que, embora distintas, são indissociáveis, dos objectos tipológicos, o das técnicas e o dos motivos decorativos, a par de um outro sobre defeitos de manufactura e conservação da Cerâmica.

Complementando o trabalho desenvolvido no Programa Matriz, centrado até ao momento na inventariação de bens móveis, o Museu Nacional do Azulejo tem ponderado um sistema de inventariação de revestimentos cerâmicos *in situ* antigos e contemporâneos, património que urge documentar por ser, com excessiva frequência, alvo de destruição e roubo.

PAULO HENRIQUES
Director do Museu Nacional do Azulejo

PROCEDIMENTOS GERAIS

O objectivo desta publicação é estabelecer e fixar um elenco de normas para a inventariação da Cerâmica de Revestimento, de Arquitectura e de Equipamento, bem como contribuir para o desenvolvimento de métodos documentais de trabalho e consequente produção de catálogos sistemáticos, sendo concebida como auxiliar prático destinado ao carregamento da ficha de inventário do *Programa Matriz*, desenvolvido e actualizado pelo Instituto Português de Museus desde 1995.

Resultado da experiência e ponderação que nos últimos anos têm vindo a ser mais reflectida no Museu Nacional do Azulejo, deseja-se que este Caderno de Normas possa ser um instrumento útil para o desenvolvimento e aprofundamento do trabalho de inventário sistemático de colecções de Cerâmica.

A normalização da metodologia de inventariação com regras estabelecidas de observação do objecto e de registo da informação, bem como o aprofundamento gradual das linguagens documentais para cada área temática, são factores imprescindíveis para a consulta eficaz das fichas e, consequentemente a uma classificação com critérios comuns e rigorosos, condição indispensável no processo de partilha e recuperação da informação em ambiente informático.

No entanto, a documentação normalizada deve ser alvo constante de mecanismos reguladores de controlo que proporcionarão a validação de termos e critérios comuns no processo generalizado de digitalização de inventários e, consequentemente, a sua (re)avaliação e (re)adaptação às necessidades específicas de cada uma das colecções e à natural evolução das metodologias e linguagens.

⋆

A inventariação da Cerâmica de Revestimento, de Arquitectura e de Equipamento requer o conhecimento de um vocabulário geral e de uma terminologia especializada que permita a sua correcta utilização tendo em vista a partilha de conceitos idênticos ou, pelo menos, com grande grau de aproximação material.

O vocabulário da Cerâmica em geral e os termos técnicos mais específicos apresentam diversos problemas dos quais o mais complexo é o facto de um mesmo vocábulo poder ter na linguagem corrente, nas obras de divulgação e na gíria profissional, significados múltiplos e imprecisos, algumas vezes discrepantes.

Há que considerar aqui a aplicação de vários critérios que permitem formatar o vocabulário de modo a ser igualmente perceptível por diferentes utilizadores em diferentes lugares. A escolha de um termo deve ser sempre orientada para aquele que é usado na actualidade e não para o que foi utilizado para designar o objecto em tempos anteriores. Este, podendo ser registado no campo Outras Designações, não constitui termo controlado, aplicável para identificação normalizada, por não se revelar eficaz numa primeira pesquisa informática.

Objectos que se tornaram obsoletos na sua função e que, por isso, não tiveram evolução na designação, recebem o nome com que ficaram conhecidos na sua última utilização corrente. O mesmo critério obriga igualmente à adopção de sintaxes e grafias actualizadas e contemporâneas. A simplificação do vocabulário é outro critério a adoptar, tentando não desmultiplicar os vocábulos relativos a um mesmo objecto ou especializá-lo demasiado pela funcionalidade ou acepções linguísticas locais, antes o integrando numa estrutura tipológica geral.

Os procedimentos respeitantes às características da informação comum a qualquer tipo de objecto, independentemente do seu suporte material, são abordados no volume de *Normas Gerais de Inventário para Artes Plásticas e Artes Decorativas*, pelo que os limites de abrangência deste caderno são específi-

cos da Cerâmica, relacionando-se directamente com os campos tipológicos e técnicos, para os quais se desenvolveu uma terminologia controlada. Para o desenvolvimento desta terminologia desenvolveram-se os seguintes procedimentos:

1. Levantamento sistemático de termos específicos ou relacionados com a produção cerâmica;
2. Identificação e definição de termos;
3. Relação entre os termos e as suas hierarquias.
4. Validação dos termos preferenciais, ficando os termos rejeitados registados com indicação dos respectivos termos remissivos.

Deve salientar-se, no entanto, que estamos perante uma estrutura em desenvolvimento, fruto de uma abordagem que desejámos tão exaustiva quanto possível, mas que deve ser entendida como referência na implementação de métodos sistemáticos de inventariação da Cerâmica, instrumento normativo para o tratamento documental de objectos cerâmicos aplicados na arquitectura ou usados como equipamento móvel do quotidiano. Dos campos do *Programa Matriz – Inventário e Gestão de Colecções Museológicas* são assim aqui especialmente abordados os seguintes:

Classificação
· Categoria
· Subcategoria
Identificação
· Denominação
· Título
· Outras Denominações
· Descrição
Representação
· Iconografia
· Marcas/Inscrições

Informação Técnica
· Matéria
· Técnica
· Precisões sobre a Técnica
Dimensões
· Outras dimensões
Conservação

Embora o *Programa Matriz* privilegie a abordagem aos objectos de Cerâmica entendidos como peças museológicas, esta poderá naturalmente estender-se às peças cerâmicas ainda hoje integradas na arquitectura e que, na actualidade, têm sofrido grande delapidação por destruição, vandalismo e furto.

Os parâmetros referidos neste Caderno de Normas, podem ser utilizados para inventariação destes patrimónios integrados, devendo ter em conta a reunião da seguinte informação:

· Instituição/Proprietário
· Localização
· Identificação do conjunto
· Identificação das unidades do conjunto
· Descrição
· Características técnicas
· Dimensões
· Registo do número de elementos
· Registo de elementos em falta
· Registo da inserção de elementos não pertencentes à composição para preencher faltas
· Registo do estado de conservação do revestimento e do suporte arquitectónico
· Registo fotográfico
· Fontes: históricas, iconográficas, bibliográficas

CATEGORIA

Cerâmica

Este primeiro nível de classificação das colecções agrupa objectos que têm como matéria de base substâncias inorgânicas, geralmente terras com qualidades de plasticidade, que ganham resistência mecânica quando sujeitas a cozedura, e sobre a qual se pode fixar, também por cozedura, a decoração.

O termo deriva da palavra grega para argila, *keramos*, e é frequentemente utilizado para todos os tipos de objectos feitos de TERRAS que sofreram transformações químicas por acção do calor, quer se trate de FAIANÇA, GRÊS, PORCELANA ou TERRACOTA que constituem as grandes tipologias da Cerâmica, provenientes inequivocamente das suas matérias-primas e técnicas de fabrico.

Um outro nível de classificação estrutura-se pela funcionalidade dos objectos que, com maior eficácia, permite a sua gestão no que diz respeito às colecções museológicas. Tal obriga à criação de classificações subalternizadas que, directamente dependentes da categoria Cerâmica, contemplam objectos que apresentam analogias funcionais e formais capazes de constituir as subcategorias de Cerâmica de Revestimento, Cerâmica de Arquitectura e Cerâmica de Equipamento.

Por razões metodológicas não se consideram neste caderno de Normas a Olaria, a Cerâmica Arqueológica e a Escultura Cerâmica: a primeira por ter tipologias conformadas numa evolução lenta de morfologias e funções com sistematização ponderada pela Etnologia; a segunda por ter sistemas específicos de análise e identificação sedimentados pela Arqueologia; e a última, a Escultura Cerâmica com policromia a frio, por se

inserir no âmbito da Escultura, exceptuando-se, contudo, as peças tridimensionais cuja tecnologia de conformação implique repetição mecânica e acabamento da superfície com vidrados, radicando esta na concepção e tecnologia da produção cerâmica.

SUBCATEGORIAS

Cerâmica de Revestimento

O termo Cerâmica de Revestimento permite o agrupamento de qualquer corpo cerâmico tendencialmente plano, destinado a ser aplicado na decoração da arquitectura, exterior ou interiormente, individual ou conjuntamente numa variada gama de decorações e técnicas de fabrico, como objecto para revestimento das paredes, pavimentos e tectos.

Sendo múltiplos os objectos cerâmicos que são aplicados como revestimento interior e exterior da arquitectura, entre o chão, as paredes e os tectos, o azulejo tem especial importância, suporte quadrado justaposto, facto que lhe confere especial flexibilidade e polivalência na utilização, contendo em si muito da terminologia aplicável a objectos cerâmicos de revestimento arquitectónico.

Azulejo, Arqueiro
França, Sarreguemines, 1910-1920
Relevado e esmaltado
MNAz, inv. n.º 6286

O uso ininterrupto do azulejo em Portugal, nos últimos cinco séculos, fez chegar até nós as seguintes formas passíveis de inventariação:

Espécie unitária autónoma

Todo o corpo cerâmico constituído por um único elemento que possui só por si unidade formal, funcional e estética.

Secção de painel

Qualquer espécie anteriormente parte de um painel, figurativo ou de um módulo de repetição, todo o corpo cerâmico,

unitário ou múltiplo, cuja presença só permite uma leitura parcial da unidade formal, funcional e estética de origem.

Painel

A composição cerâmica formada por um número variável de elementos cuja leitura constitui uma unidade formal, funcional e estética completa.

Painel de Azulejo
Senhora ao toucador
Atribuído ao monogramista PMP
Lisboa, 1700-1730
Faiança a azul sobre branco
MNAz, inv. n.º 6341

Conjunto

A totalidade de vários painéis, articulados entre si pelo programa temático e/ou enquadramentos decorativos, com utilização original num mesmo espaço arquitectónico.

Secção de painel
Lisboa, Real Fábrica
da Louça ao Rato (?)
1790-1810
Faiança policroma sobre branco
MNAz, inv. n.º 226

Secção de painel mitológico
com episódio das Metamorfoses
de Ovídio
Gabriel del Barco
Lisboa, c. 1695
Faiança a azul sobre branco
MNAz, inv. n.º 900

Cerâmica de Arquitectura

Telha de cumeeira
Século XX
MNAz, inv. n.º C-372

Tijolo
MNAz, inv. n.º 7618

O termo Cerâmica de Arquitectura permite o agrupamento de qualquer corpo cerâmico de clara expressão volumétrica destinado a ser aplicado como elemento de estrutura física ou constituindo valorização estética da arquitectura, exterior ou interiormente, individual ou conjuntamente, numa variada gama de funções, formas, decorações e técnicas de fabrico, entre objectos para construção de paredes, pavimentos e coberturas dos edifícios como o tijolo ou a telha, ou para equipamentos de estrutura sanitária como as manilhas e condutas de águas.

Cerâmica de Equipamento

Na subcategoria Cerâmica de Equipamento enquadram-se objectos cerâmicos móveis, funcionalmente autónomos com as seguintes vocações:

Objecto utilitário

Aquele que dá resposta às necessidades práticas da vida quotidiana (serviços para alimentos e refeições, louça sanitária, utensílios médicos, etc.);

Chávena e Pires
Fábrica de Louça de Sacavém/
Gilman & C.ª, 1930-1940
Faiança rodada e aerografada
Pintura policroma sobre branco
MNAz, inv. n.º C-69

Pote de farmácia
Lisboa, 1.ª metade do século XVII
Faiança rodada
Pintura a azul sobre branco
MNAz, inv. n.º C-452

Estatueta *Efebo*
Lisboa, Real Fábrica de Louça
ao Rato, 1780-1816
Faiança moldada com vidrado
branco
MNAz, inv. n.º C-350

Objecto decorativo

Aquele que visa sobretudo a guarnição estética dos espaços mais do que a resolução de necessidades práticas primeiras (contentores para flores de sala ou jardim, potes ornamentais, estatuetas etc.);

Prato *O Gaio*
Rafael Bordalo Pinheiro,
Fábrica de Faianças das Caldas
da Rainha, 1905
Faiança moldada, rodada
e relevada
Pintura policroma
MNAC, inv. n.º 1587

Objecto artístico

Aquele que, podendo revestir-se de carácter funcional ou decorativo, constitui-se como expressão artística de um autor que rejeita qualquer intencionalidade prática e antes utiliza o material como meio plástico ou a tradição cerâmica ou suporte conceptual para a sua actividade criadora (imagens resultantes do uso experimentalista de materiais, esculturas, instalações, etc.).

Ânfora
Wenceslau Cifka
Lisboa, 1877
Faiança rodada e moldada
Pintura policroma
MNAz, inv. n.º C-42

Poço
Cecília de Sousa, 1999
Gres refractário chamotado
e modelado
MNAz, inv. n.º C-426

Nas subcategorias da Cerâmica onde se contemplam objectos cerâmicos com vocações utilitárias, decorativas e artísticas identificaram-se os seguintes tipos de produção tecnológica:

· O objecto manufacturado, de produção repetitiva, embora não por processos mecânicos industriais;

Jarras
Lisboa, Real Fábrica de Louça, ao Rato
Período de Tomás Brunetto, 1767-1771
Faiança rodada
Pintura a azul sobre branco
MNAz

· O objecto industrial, obtido por processos mecânicos industriais, numa metodologia repetitiva que vai do projecto à grande produção, e no qual a máquina substitui totalmente a acção directa da mão humana;

Bule
Fábrica Lusitânia
1940-1950
Faiança moldada
Pintura policroma
MNAz, inv. n.º C-321

Jarro
Fábrica de Louça de Sacavém/ Gilman & C.ª Lda
Faiança moldada
Estampada a verde
MNAz, inv. n.º C-247

· O objecto artístico, de produção não repetitiva e manufactura artesanal que pode ir da peça única de autor às séries limitadas com controlo directo do mesmo.

Composição
Bela Silva
Fábrica Cerâmica Viúva Lamego, Lisboa, 1999
Faiança policroma
MNAz, inv. n.º 7030

Máscara de Eva
Ernesto Canto da Maia, c. 1924
Manufactura de Fau et Guillard
Faiança moldada
Pintura a azul sobre branco
MNAz, inv. n.º C-353

IDENTIFICAÇÃO

DENOMINAÇÃO

Os problemas que se levantam à Denominação das peças classificadas sob as subcategorias Cerâmica de Revestimento, Arquitectura e Equipamento são do âmbito da fixação de linguagens normativas e do sistema descritivo, devendo contemplar-se para a validação de termos a vocação funcional do objecto.

Verificou-se que, por vezes, na inventariação de objectos de Cerâmica, adoptam-se critérios de classificação que incluem designações que associam indiferentemente caracterizações técnicas, funcionais e decorativas. Vejamos alguns exemplos de situações equívocas:

- Azulejo de aresta (o objecto azulejo é caracterizado por uma técnica de decoração);
- Azulejo de figura avulsa (o objecto azulejo é caracterizado pelo tipo de composição);
- Louça de Sacavém (um termo generalista que designa toda a produção de uma fábrica cujo nome serve para identificação técnica do produto);
- Chávena de *Meissen*, (um termo de tipologia funcional associado a um centro de produção de porcelana, articulando-se deste modo uma vertente tecnológica com outra de gosto);
- Terrina *Companhia das Índias* (um termo de tipologia funcional associado a uma entidade importadora europeia de porcelana da China, articulando-se deste modo uma vertente tecnológica e de gosto através de uma referência generalista sem precisão histórica).

Analisando a Cerâmica de Arquitectura, Revestimento e Equipamento relativamente à sua funcionalidade prática,

concebeu-se o Glossário das tipologias funcionais, em anexo, com vista à identificação estrita e inequívoca do objecto. Exemplificam-se alguns processos de validação de diferentes termos:

· Chávena (e não xícara)
· Tigela (e não malga)
· Serviço (e não aparelho)
· Bacio (e não bacia de cama)
· Silhar (e não alisar)
· Painel de azulejos (e não Figura de Convite)
· Azulejo (e não Azulejo hispano-mourisco)
· Painel (de azulejos e não Registo)

A denominação deve ser feita no singular e sem a utilização de artigos (o/a; um/uma):

· Taça; prato; terrina; talha; estatueta, telha, manilha, etc.

A quantificação de peças idênticas, ou concebidas pela sua função para constituírem um conjunto, far-se-á pela utilização dos vocábulos par, conjunto e número, colocados entre parênteses após a denominação:

· Candelabro (par)
· Centro de mesa (conjunto)
· Prato (21)
· Serviço de mesa (120)

Quando houver dúvidas na atribuição de uma denominação deve utilizar-se um ponto de interrogação parentético (?):

· Saladeira (?)
· Taça (?)
· Tigela (?)

TÍTULO

Tal como no caso de outras Categorias, também aos objectos classificados sob as categorias de Cerâmica de Revestimento, de Arquitectura e de Equipamento podem ser associados títulos que, de origem ou criados posteriormente, são sugeridos pelo motivo representado, pela decoração ou por uma relação possessória. Vejamos os seguintes exemplos de títulos sugeridos pela representação:

EX.: Denominação: Azulejo
Título: Esfera Armilar

EX.: Denominação: Painel de azulejos
Título: Panorama de Lisboa

EX.: Denominação: Placa
Título: Cabeça de mulher caracol

EX.: Denominação: Prato decorativo
Título: O Gaio

EX.: Denominação: Serviço de mesa (7)
Título: Máxima
Fábrica SPAL, Sociedade de Porcelanas de Alcobaça

OUTRAS DENOMINAÇÕES

Os termos utilizados neste campo permitem a identificação do objecto com base na sua forma, função e técnica, remetendo para o vocabulário corrente e anteriormente usado que, com diferentes vocábulos, significam o mesmo objecto. Nos glossários anexos encontram-se indicadas, para cada termo validado, as formas rejeitadas com a indicação dos respectivos termos

remissivos, sendo todos eles seguidos pela indicação daquele que deverá ser utilizado no campo Denominação. Aí se indicam ainda Termos Relacionados que, por razões funcionais ou técnicas, podem surgir associadas aos termos validados.

ATRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE INVENTÁRIO

Como princípio normativo, o primeiro registo do objecto é feito no Livro Geral de Inventário, sendo atribuído à peça um número sequencial e único de inventário, quer se trate de um único objecto ou de um conjunto. A maior parte do acervo da Cerâmica não apresenta dúvidas, com excepção de objectos repetitivos frequentes na Cerâmica de Revestimento, nomeadamente em azulejos de padrão, barras, cercaduras e frisos.

Para o registo de um painel com a localização exacta de todos os seus elementos aplica-se uma estrutura alfanumérica em que as fiadas verticais são identificadas pela sequência numeral – A1, A2, A3, A4...A57 – e as horizontais por letras – A1, B1, C1, D1...P1. Esta marcação permite a identificação exacta dos azulejos num painel, podendo ser aplicada para identificação de qualquer peça de um revestimento cerâmico cuja estrutura formal e funcional a tal obrigue como, por exemplo, uma composição de placas cerâmicas.

Na produção antiga, é frequente encontrarmos no tardoz dos azulejos de um painel um terceiro número ou símbolo gráfico que o identifica como parte de uma série. Assim temos A1 3, A2 3, A3 3, etc. ou A1•, A2•, A3•, etc.

Módulo

Consideremos as seguintes situações:

Azulejos de padrão acondicionados em caixotes

O padrão tem por módulo 1 azulejo, deve atribuir-se um mesmo número de inventário a todo o lote e registar-se o número de azulejos existentes.

Padrão com módulo de 2 x 2 azulejos ou maior

É atribuído um mesmo número de inventário e registado o número de módulos completos existentes e de elementos avulsos do módulo.

Para registar o número de módulos completos existentes e de elementos avulsos do módulo deve recorrer-se ao registo alfanumérico, acima referido, identificando os elementos do módulo com uma letra correspondente a cada fiada horizontal associada a um número para cada fiada vertical. Podem assim identificar-se os módulos completos e os elementos existentes dos módulos incompletos.

No caso dos módulos incompletos poder-se-á recorrer ao registo dos elementos existentes.

EX.: 14 azulejos A1, 34 azulejos D3, 8 azulejos C4, etc.

Idêntico procedimento pode ser aplicado a módulos incompletos de barras, cercaduras e frisos.

D1	D2	D3	D4
C1	C2	C3	C4
B1	B2	B3	B4
A1	A2	A3	A4

Painel de azulejos de padrão com a respectiva cercadura de friso e barra

Existindo uma grande quantidade de azulejos de padrão, é possível destacar um número certo para montagem de uma peça para exposição, adquirindo o estatuto de objecto autónomo, logo registado com um único número de inventário. Nesta situação, deverá proceder-se ao registo nas respectivas fichas do padrão e da cercadura, do número de azulejos retirados, identificando com rigor o seu destino.

No caso de painéis intencionalmente idênticos quer no enquadramento decorativo quer na relação dos motivos figurados ou das cenas narrativas, deve ser atribuído um único número de inventário, singularizando-se cada um dos painéis pela associação de uma letra ou de um número. Exemplo:

Ficha global

EX.: Denominação: Painel de azulejos (conjunto)
Título: História do Chapeleiro António Joaquim Carneiro
Número de inventário: 227

Fichas individuais

EX.: Denominação: Painel de azulejos
Título: António Joaquim Carneiro pastando no campo
Número de inventário: 227 a

EX.: Denominação: Painel de azulejos
Título: o dito no campo pastando as boiadas de seu avo marchante
Número de inventário: 227 b

EX.: Denominação: Painel de azulejos
Título: o dito em companhia de um almocreve para casa de seu tio para este ensinar-lhe o seu ofício.
Número de inventário: 227 c

Idêntico procedimento deve ser adoptado para outras peças de cerâmica que constituam conjunto.

Ficha global

EX.: Denominação: Serviço de mesa (27)
Número de inventário: 357

Fichas individuais

EX.: Denominação: Prato raso (21)
Número de inventário: 357.1 a 357.21

EX.: Denominação: Terrina (2)
Número de inventário: 357.22 e 357.23

EX.: Denominação: Travessa (4)
Número de inventário: 357.24 e 357.27

MARCAÇÃO DE NÚMEROS DE INVENTÁRIO

As peças devem ser sempre marcadas em zonas acessíveis e estáveis, previamente limpas e preparadas, visíveis mas de modo a não interferir com a sua leitura formal e estética (verso, base, reentrância, etc.). Evitar-se-ão, para o efeito, zonas de decoração, bem como superfícies vidradas ou pintadas por haver maior risco de queda ou erosão da tinta de marcação. O número de inventário deverá também ser marcado na embalagem da peça, sempre que esta exista.

Inscrição do número de inventário no tardoz de um azulejo

Uma vez seleccionada e convenientemente limpa a superfície da peça, deve ser aplicado verniz (acetato de polivinilo ou equivalente) em camadas sucessivas, de modo a torná-la impermeável; seguidamente, inscreve-se o número de inventário a tinta-da-china (preto ou branco consoante o fundo),

Aplicação de acetato de polivinilo

Inscrição do número de inventário no interior da tampa de uma peça

sobre o qual será aplicada uma última e sólida camada de verniz de modo a evitar o seu apagamento pelo uso ou por intenção fraudulenta.

ELEMENTO(S) DE CONJUNTO

Por conjunto deverá entender-se um número múltiplo de objectos que, embora tenham existências físicas autónomas, só quando agrupados permitem uma leitura completa – estética, formal ou funcional – da peça.

EX.: serviço de mesa, escritório, serviço de toalete, galheteiro, conjunto de painéis, etc.

Deve ter-se em atenção que duas ou mais peças iguais, semelhantes ou afins, podem não formar um conjunto, informação que deverá ser registada no campo Objecto Relacionado[1] da ficha do *Programa Matriz*.

Independentemente da leitura individual de cada um dos elementos constitutivos, deverá constituir-se uma ficha global e fichas individuais, sendo que estas últimas agruparão peças iguais, cujo número total será indicado entre parênteses. Por exemplo:

[1] Entende-se por objecto relacionado o que tem com a peça em inventariação uma relação funcional pré-concebida ou de percurso histórico. O objecto relacionado pode estar localizado dentro ou fora da instituição e do país, pelo que deverá ser identificado com o maior rigor possível, através do preenchimento dos subcampos Denominação, Localização, Número de Inventário e associação de pelo menos uma imagem.

- Aquamanis portugueses e estrangeiros
- Objectos pertencentes a uma mesma encomenda; as peças da baixela dos Medici MNAA
- Um prato que pertenceu à colecção de majólicas de D. Fernando II.
- Um prato de porcelana da China que serviu de modelo para um prato de faiança portuguesa do século XVII.

EX.: 1 – Denominação: Prato (21)
Elemento de um conjunto

Ficha global

EX.: Serviço de mesa (27)

Fichas individuais

EX.: 1 – Denominação: Prato (21)
Elemento de um conjunto
Denominação: Serviço de mesa (27)

EX.: 2 – Denominação: Terrina (2)
Elemento de um conjunto
Denominação: Serviço de mesa (27)

EX.: 3 – Denominação: Travessa (4)
Elemento de um conjunto
Denominação: Serviço de mesa (27)

DESCRIÇÃO

Na estrutura do sistema descritivo de objectos cerâmicos deve aplicar-se as Normas Gerais de Inventário para Artes Plásticas e Artes Decorativas, dando-se especial atenção aos seguintes procedimentos:

1. Definir o ponto de vista principal para observação e registo documental e fotográfico do objecto. No caso dos revestimentos parietais opta-se pela vista frontal do plano. Em objectos cerâmicos de equipamento deve fazer-se uma observação cuidada antes de definir a vista principal, aplicando para o efeito critérios que se prendem com o máximo de informação fornecido pela imagem, perfil com maior visibilidade dos elementos estruturais e da decoração, a posição de uso do objecto e, no caso de conjuntos, a articulação funcional com as outras peças.
   Por vezes é necessário recorrer a imagens de pormenor quando, por exemplo, um objecto apresenta informação variada em pontos de vista incompatíveis entre si como, por exemplo, no caso de uma taça de porcelana decorada exterior e interiormente.

2. Deve aplicar-se uma lógica de observação hierarquizada do objecto que vai do geral para o particular e dos elementos estruturais para os acessórios.

3. Identificar e descrever a configuração/forma do corpo cerâmico, pela identificação dos elementos estruturais caracterizando-os, sempre que possível, pelo recurso a figuras geométricas planas e tridimensionais simples.

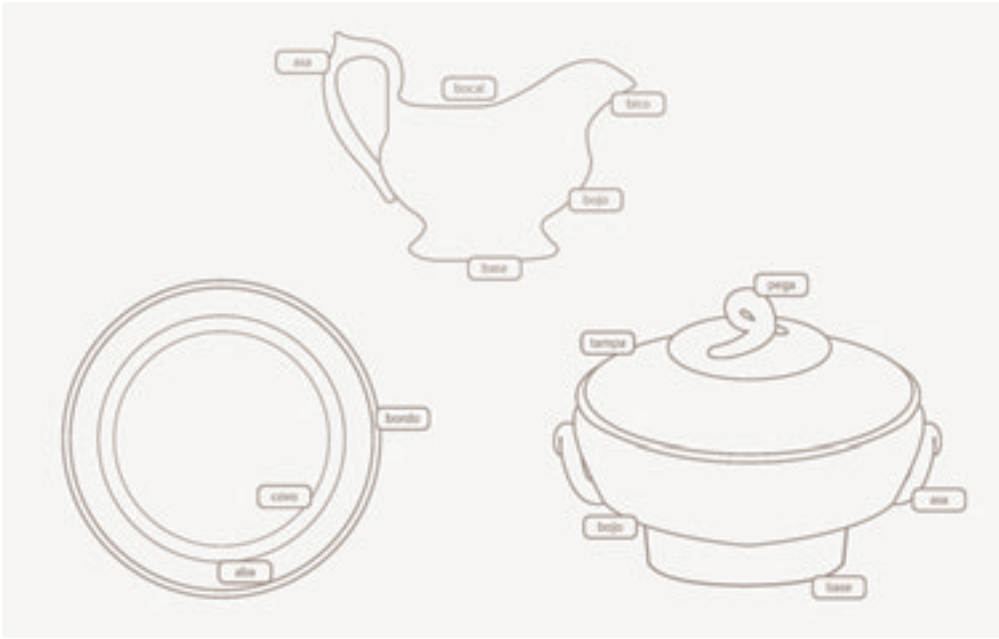
4. Identificar e descrever os elementos da decoração aplicados ao corpo cerâmico.

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA

Para facilitar a descrição da configuração física dos objectos cerâmicos deve articular-se a identificação dos seus elementos estruturais com figuras planas ou tridimensionais simples.

A identificação dos elementos estruturais resulta da função construtiva e funcional que têm no objecto cerâmico, podendo ser encontrado no glossário anexo de tipologias funcionais e de que citamos os seguintes exemplos:

Aba, Asa
Base, Bico, Bocal, Bojo, Bordo
Cabo, Colo, Covo
Frete, Fundo
Gargalo, Gola
Pé, Pega
Tampa



A descrição destes elementos estruturais deve ser feita com referência clara a figuras geométricas simples:

Formas planas

- Círculo, semicírculo
- Oval, Óvulo
- Triângulo, Quadrado, Pentágono, Hexágono, Heptágono, Octógono, etc.

Superfícies

- Plana
- Curva, Cónica, Cilíndrica
- Côncava, Convexa

Volumes

- Cubo
- Paralelepípedo
- Prisma recto (triangular, quadrangular, pentagonal, hexagonal, etc.)
- Pirâmide recta (triangular, quadrangular, pentagonal, hexagonal, etc.)
- Tronco de pirâmide
- Cilindro
- Cone, Tronco de cone
- Esfera, Calote esférica
- Ovóide
- Toro

A descrição do contorno de uma forma ou de um ornato pode implicar o recurso a linhas:

- Recta, quebrada
- Curva, contra curvada
- Paralelas, intersectadas

Por vezes a complexidade estrutural da configuração orgânica de alguns objectos cerâmicos de equipamento obriga ao recurso a uma adjectivação comparativa que não se deseja frequente e de que os seguintes casos são exemplo:

- Forma de balaústre
- Forma bulbosa
- Forma de botão
- Forma de campânula
- Forma estrangulada
- Forma alongada
- Forma esférica
- Forma achatada

DESCRIÇÃO ICONOGRÁFICA

A identificação do tema de representação é pertinente para os objectos da categoria Cerâmica, sejam de Revestimento, de Arquitectura ou de Equipamento. Para além dos objectos que se desejam estritamente funcionais, sem preocupações de valorização estética ou artística, todos os outros podem ter decorações de motivos figurados, tanto elementos estritamente ornamentais como figurações iconográficas convencionais, também com vocação decorativa.

Propondo uma hierarquia de leitura e tendo em conta a vocação primeira da Cerâmica como suporte decorativo por excelência, distinguem-se os seguintes níveis de representações nos objectos cerâmicos: Ornatos, Heráldica e Iconografia.

Ornatos

Por Ornatos entende-se o elenco das formas convencionais das Artes Decorativas que têm como função criar uma mais-valia estética no objecto, através de elementos visuais e tácteis que podem fazer parte ou ser acrescentados ao corpo cerâmico, sem pretensão de construir um discurso de transcendência artística. Apresentam-se em seguida alguns exemplos, podendo ser consultado o Glossário de Decoração.

Ornatos

- Caneluras, Cartelas
- Ferroneries, Gregas
- Laçarias
- Ondas, Óvulos e dardos
- Ponta de diamante
- Quadrícula
- Troféus, Urnas

…

Ornatos antropomórficos e zoomórficos

- Águias, Atlantes
- Golfinhos
- Leões
- Mascarões
- Pássaros, Putti
- Rãs
- Serpentes
- Termos

…

Ornatos fitomórficos

- Acantos
- Camélias
- Enrolamentos

- Festões, Folhas de acanto, Frutos
- Grinaldas
- Parras
- Rosas
- Tulipas

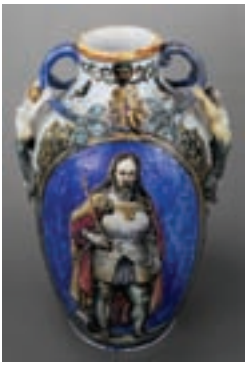
…

Heráldica

Representação muito frequente na Cerâmica, a Heráldica pode fornecer elementos inequívocos para a identificação do proprietário ou encomendador da peça. Deve contudo considerar-se a aplicação de composições heráldicas sem preenchimento dos campos convencionais ou com atributos fantasiados, aplicados apenas pelo seu valor decorativo. Para o tratamento documental dos temas heráldicos devem respeitar-se os critérios definidos nas Normas Gerais de Inventário para Artes Plásticas e Artes Decorativas.

Brasão dos Duques de Bragança
Secção de silhar
Atribuído à oficina Den Salm, Antuérpia, 1558
Faiança policroma
MNAz, inv. n.º 51

Iconografia



Ânfora
Wenceslau Cifka
Retrato (Sancho I, Rei, Putti)

Travessa
Lisboa, Real Fábrica de Louça ao Rato (?), 1780-1816
Retrato (perfil de mulher em reserva oval, ramos de flores e folhas)
Faiança moldada
Pintura policroma sobre branco
MNAA, inv. n.º 7452 Cer

Por Iconografia entende-se o elenco de figurações que se regem por representações convencionais comuns às artes figurativas como a Pintura, o Desenho, a Gravura e a Escultura, onde se constituem como tema autónomo, estatuto que podem manter na Cerâmica. A iconografia, como sucede nas séries de painéis historiados de azulejo, é frequentemente envolvida por composições decorativas, geralmente imagens, inscritas ou não em reservas, e envoltas por ornatos em objectos utilitários ou sumptuários de cerâmica de equipamento. São exemplo as Porcelanas Chinesas de Exportação, vulgo Companhia das Índias, com figurações europeias de episódios mitológicos, religiosos e quotidianos, ou as vistas dos lugares de referência e os retratos de personalidades notáveis nas porcelanas e faianças europeias.

Deve aplicar-se um método descritivo normalizado da imagem, pela enumeração simples dos diversos motivos iconográficos, independentemente da configuração que assumem no objecto a descrever, permitindo a uniformização da pesquisa e a partilha da informação a qualquer nível de consulta.

No preenchimento do campo Descrição, a linguagem natural deve ser substituída por linguagem documental, atra-

Centro de mesa com Nereidas e Tritões (representação mitológica)
Rafael Bordalo Pinheiro
Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, 1896
Faiança moldada e modelada
Pintura policroma
Depósito do Museu do Chiado, inv. n.º 542

vés da escolha de descritores temáticos, genéricos e específicos, organizados num sistema hierárquico.

Para este elenco iconográfico pode-se recorrer ao estabelecido para as Artes Visuais em que a representação figurativa, iconograficamente codificada, é exclusiva na imagem. Assim poderemos contemplar, entre outros, os seguintes termos:

Representação antropomórfica
- Figura humana
- Grupos de figuras humanas
- Retrato
- Putti

…

Representação zoomórfica
- Pássaros
- Monstros marinhos
- Lutas entre animais

…

Representação vegetal
- Flores
- Ramos floridos
- Frutos

…

Representação simbólica
- Símbolos religiosos
- Símbolos maçónicos
- Símbolos corporativos
- Natureza morta

…

Representação de espaços
- Paisagem campestre
- Paisagem urbana
- Interiores
- Ruínas
- Jardins

…

Representação de cenas
- Religiosas
- Históricas
- Mitológicas
- Galantes
- De género

…

Painel de azulejos
Coração Mitrado
Alegoria (Santo Agostinho: missal, coração trespassado, setas, mitra, báculo)
Guarnição (enrolamentos de acanto)
Lisboa, 1.ª metade do século XVII
Pintura policroma sobre branco
MNAz, inv. n.º 134

Painel de azulejos
Paisagem marítima/ costumes populares (barcos, figuras populares, castelo);
Guarnição (atlantes, putti, golfinhos, enrolamentos).
MNAz, inv. n.º 1843

MARCAS/INSCRIÇÕES

Marcas

Marca pintada na base

Marca pintada no bojo

Entende-se por Marca um signo convencional, aplicado em repetição e que tem por intenção explícita identificar o local de produção, o centro de fabrico, o autor, os números de código dos executantes e dos decoradores das peças, a data e o modelo da peça, etc. A localização da marca deve ser indicada com precisão, se possível com registo fotográfico de pormenor, referindo a parte do objecto onde se encontra:

- no fundo da base
- no interior do bordo
- no interior da tampa
- na face exterior do covo
- no bojo

A marca deve ser descrita com precisão, referindo igualmente a sua eventual identificação em catálogo da produção, com as marcas referidas por letras ou números codificados, como no seguinte exemplo:

M.MAFRA/CALDAS/PORTUGAL, sobrepujada com
coroa real
Marca 7, referida no catálogo *Expo Caldas 77*

Deve indicar-se como foi executada:

- Pintada, estampilhada, carimbada
- Gravada, prensada
- Incisa
- Relevada

Deve indicar-se o grau de legibilidade da marca:

- Completa e bem visível
- Incompleta mas identificável (neste caso reproduzir as partes legíveis da marca)
- Mal executada e pouco legível
- Ilegível

Prato
Gaia, Fábrica do Cavaquinho, 1790-1808
NA REAL/FABRICA/DO CAVAQUI/NHO – PORTO
MNAA, inv. n.º 162 Cer

Molheira
Lisboa, Real Fábrica de Louça de Sacavém
Marca da Fábrica de Sacavém
MNAz, inv. n.º C-248

Caixa
Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, 1905.
Monograma e data incisas por punção no interior da tampa
MNAz, inv. n.º C-480

Floreira
Período Sebastião de Almeida
Real Fábrica de Louça
ao Rato
Legenda no bojo superior:
"CAXIAS"
FRESS, inv. n.º 968

Legenda/ Inscrição

Entende-se por Legenda qualquer palavra ou texto colocado com a intenção de reforçar o sentido do objecto, por exemplo um nome que é marca possessória, ou uma frase descritiva ou poética que esclarece o sentido da sua iconografia e/ou função, constituindo-se como elemento integrante da composição decorativa.

Entende-se por Inscrição qualquer letra, algarismo, palavra, número ou texto aposto ao objecto como informação complementar e que não integra a composição visual do mesmo.

EX.: Prato de experiência técnica,
1.ª Fornada de...

Tal como é referido nas Normas Gerais de Inventário para Artes Plásticas e Artes Decorativas, tanto a legenda como a inscrição deverão ser ambas transcritas e/ou descodificadas e desenvolvidas de acordo com as recentes normas de transcrição paleográfica, determinada a localização na peça e descrito o modo como foi executada.

Cabaça ou Garrafa de peregrino
Lisboa (?) 1.º quartel do século XIX
Inscrição no bojo superior:
"BOM VINHO"
Inscrição no bojo inferior
"VICENTE/BERNARDO/OLIVEIRA"
MNAA, inv. n.º 6579

Indicações de localização:

- ao centro
- do lado esquerdo/ direito
- no verso, no reverso
- no interior do bordo
- no pé, na asa, na tampa

Indicação sobre o modo como foi executada:

- pintada, carimbada
- esgrafitada
- gravada, incisa
- prensada

Registo, Nossa Senhora da Conceição, São Marçal, Santo António de Lisboa com o Menino e São Pedro de Alcântara.
Lisboa, Real Fábrica de Louça ao Rato
Inscrição: em filactera na base à esquerda sob a imagem do santo "S. MARSAL", em cartela ao centro sob a imagem da Virgem "1790", e em filactera à direita sob as imagens dos santos "S.ANto.S. PEDRO.DEALCANTRA"
MNAz, inv. n.º 6105

Painel de azulejos, História do Chapeleiro António Joaquim Carneiro
Lisboa, Real Fábrica de Louça, ao Rato, 1790-1800
Pintura policroma sobre branco
Legenda sobre o medalhão central: "ANTONIO JOAQUIM CARNEIRO PASTANDO NO / CAMPO DE MENOR IDADE LEUANDO SEU IRMAÕ ACAZA"
MNAz, inv. n.º 227a

OFICINA/FABRICANTE

Neste campo do *Programa Matriz* é de especial relevância a identificação tão rigorosa quanto possível das oficinas e fábricas, devendo inscrever-se a designação completa e correcta de cada uma delas, não usando abreviaturas ou designações vernaculares.

Exemplos:

· Real Fábrica da Louça, Lisboa
(e não Fábrica do Rato)

Considera-se esta como a designação correcta da fábrica por ser a que consta nos documentos oficiais do seu período de laboração.

· Real Fábrica de Louça de Sacavém
(e não Fábrica de Sacavém)

· Fábrica de Louça de Sacavém
(e não Fábrica de Sacavém)

As diferentes designações da Fábrica referem diferentes tempos históricos e de produção. Real Fábrica de Louça de Sacavém corresponde ao período entre 1885 e 1902 e Fábrica de Louça de Sacavém desta última data em diante.

· Fábrica Cerâmica Viúva Lamego
(e não Fábrica Viúva Lamego)

· Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devezas
(e não Fábrica das Devesas)

CENTRO DE FABRICO /LOCAL DE EXECUÇÃO

Podendo completar a informação sobre os centros e fábricas identificados (Real Fábrica da Louça, Lisboa, Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devezas, Gaia, etc.), esta indicação é especialmente importante quando desconhecidas as unidades de produção. Desta forma, podemos associar o objecto, por comparação tecnológica e estética, a um centro geográfico de produção cerâmica, como nos seguintes exemplos:

- Estremoz
- Caldas da Rainha
- Viana do Castelo
- Delft
- Limoges
- Stoke-on-Trent

INFORMAÇÃO TÉCNICA

No separador Informação Técnica do *Programa Matriz* é necessário identificar os Materiais com que se fabrica e decora o objecto cerâmico, bem como as respectivas Técnicas de transformação destes, que lhes dão a configuração final, através da Conformação, Acabamento e Decoração. Estes factores permitem a identificação com base nas características dos materiais e tecnologias de fabrico do objecto.

MATERIAIS

Os principais materiais para o fabrico de um objecto cerâmico são os seguintes:

Argila

Matéria primeira a partir da qual se inicia todo o processo cerâmico. Mineral sedimentar, de grão fino, que provém da decomposição, química ou por erosão, ao longo do tempo, de rochas feldspáticas, cujos principais elementos são a sílica, o alumínio e a água.

Pastas cerâmicas

Matéria que resulta do tratamento de uma ou de várias argilas que misturada com água ganha maior qualidade de plasticidade, endurece com a secagem e ganha robustez física quando sujeita a cozedura.

Os principais materiais para o revestimento de um objecto cerâmico são os seguintes:

Engobe

Revestimento fino que é constituído por uma argila muito diluída podendo ser misturada com vidrado transparente e fixado por cozedura.

Pigmento

Substância corante, geralmente em pó fino e no estado seco, que se dilui em água para a preparação de cores cerâmicas. Basicamente os pigmentos são óxidos metálicos e usam-se em mistura adicionados a outras matérias que facilitam a sua aplicação e lhe garantem a fixação definitiva ao corpo de argila (caulino, vidro transparente, fundentes, feldspato, etc.).

Vidrado

Matéria transparente, composta por vidro em pó e que se mistura com corantes e outras substâncias, usado para cobrir a superfície dos objectos cerâmicos em chacota e fixados por cozedura. Tem por finalidade primeira proteger e impermeabilizar o corpo poroso de argila, aumentando a respectiva resistência física e garantindo maior higiene no uso dos objectos. Os vidrados fixam os pigmentos ao corpo cerâmico, dão-lhe qualidade de brilho, com uma variedade infinita sendo, assim, um importante suporte dos pigmentos e meio para a decoração.

Esmalte

Vidrado opaco, corado com óxidos metálicos, adquirindo a cor dos respectivos óxidos, que é aplicado directamente na chacota e fixado pelo fogo.

PRODUTOS CERÂMICOS

Os artefactos cerâmicos são obtidos pelo manuseamento a frio de pastas argilosas cruas que, depois de cozidas, podem ou não receber acabamentos de vidrados ou esmaltes. Consoante as qualidades das pastas e dos acabamentos dividem-se em quatro grandes categorias:

Estatueta
Eva ou Femme au serpent
Ernesto Canto da Maia
Paris, c. 1923
Terracota moldada
MNAz, inv. n.º C-351

Terracota

Produto executado em pastas coadas de argilas vermelhas, amarelas ou brancas, sujeitas a uma cozedura e sem revestimento vítreo.

Faiança

Produto obtido através do revestimento integral da chacota com vidrado estanífero, sobre o qual se aplica a decoração.

Grés

Produto cuja pasta tem grande densidade, com composição à base de sílica, quartzo e feldspato, e que vitrifica entre os 1150º C e os 1350º C. Segundo a origem da argila e a quantidade de óxido de ferro pode adquirir tons que vão desde o branco, cinzento ao amarelo e castanho.

Caneca
Gaia, Fábrica da Afurada (?)
1.º quartel do século XIX
Faiança rodada e moldada
Pintura policroma sobre branco
MNSR, inv. n.º 139 CER

Pote
China, Século XVII,
Dinastia Ming (final)
Grés rodado, modelado e vidrado
MNAA, inv. n.º 3305 Cer

Porcelana

Produto de pasta com granulometria muito fina, com composição à base de caulino, muito densa, branca, translúcida e com pouca plasticidade, geralmente revestida com vidrado transparente.

Pote
China, Dinastia MIng,
Período de Wanli, c. 1590
Porcelana rodada
Pintura a azul sobre branco
MNAA, inv. n.º 6917 Cer

Refrescador
China, Dinastia Qing,
Período de Kangxi, c. 1720
Porcelana pintada e dourada
MNAA, inv. n.º 914 Cer

TÉCNICAS DE PRODUÇÃO

Os processos de produção de artefactos cerâmicos obedecem a diferentes fases: tratamento das argilas em pastas argilosas, conformação das peças, cozedura do objecto apenas em pasta argilosa, aplicação de revestimento e de decoração e segunda cozedura para fusão dos vidrados e esmaltes, por vezes uma terceira cozedura.

Contudo, para uma situação de inventariação interessa ter conhecimento básico das fases de produção que conduzem directamente à compreensão da realização técnica do objecto em análise.

CONFORMAÇÃO

Embora antecedido por complexos processos de elaboração de pastas e vidrados, o processo de conformação, ou seja,

o modo como a pasta cerâmica é trabalhada até o objecto atingir a sua configuração antes de ser decorado.

Destes processos de transformação da pasta cerâmica em artefactos cerâmicos, os principais são os seguintes:

Modelação

Conformação de um objecto cerâmico pela acção directa das mãos ou de utensílios sobre a pasta.

Roda

Conformação de um objecto cerâmico pelo levantamento da pasta mole por acção das mãos ou de utensílios, num movimento contínuo de rotação.

Moldagem

Conformação de um objecto cerâmico pela pressão de pasta mole ou pelo derramamento de pasta líquida dentro de moldes.

Calibragem

Conformação de um objecto cerâmico pela aplicação da pasta sobre um molde que lhe configura o interior, sendo o exterior definido pela acção de perfis metálicos.

TÉCNICAS DE DECORAÇÃO CERÂMICA

O objecto cerâmico apenas em chacota pode ter como meios de acabamento o engobe, o vidrado e o esmalte, que consistem em materiais com os quais se executa uma imensa variedade de técnicas de decoração, sendo as mais frequentes:

- Brunido (Técnica)
- Corda Seca (Técnica)
- Pintura (Técnica)

· Estampilhagem (Técnica)
· Decalque (Técnica)
· Aerografia (Técnica)
· Lustro (Técnica)
· Brilho Metálico (Técnica)
...

COZEDURAS

O processo de cozedura dos materiais cerâmicos é constituído por três momentos fundamentais: o enforno, acomodação das peças dentro do habitáculo do forno; a cozedura propriamente dita, período de transformação física e química das pastas e de fusão dos vidrados; finalmente, o arrefecimento e o desenforno das peças.

Na transformação por altas temperaturas de um objecto cerâmico devem considerar-se as seguintes fases:

Primeira cozedura,
Também chamada enchacotamento, porque transforma o objecto de barro seco mas cru em barro cozido ou chacota, depois de sujeito a temperaturas até aos 800º C. Dá-se então a desidratação da pasta com a perda de água molecular e a combustão das matérias orgânicas.

Segunda cozedura
Produz a fusão do vidrado e dos esmaltes, fixando definitivamente os pigmentos e as decorações aplicadas e criando uma forte coesão física destes com a chacota, ao serem sujeitos a temperaturas entre 800º C a 1400º C.

Terceira cozedura ou cozedura de mufla,
Poderá ter lugar posteriormente às duas anteriores e pode ocorrer para aplicação de pigmentos que não resis-

tem a altas temperaturas, por exemplo ouro ou vermelhão.

Com outra função, a da correcção de problemas técnicos sobretudo das camadas de vidrado, é possível recorrer a outras cozeduras posteriores.

O controlo das condições de cozedura pode ainda ter em vista a exploração de efeitos decorativos:

Cozedura em atmosfera redutora

Caracteriza-se pela entrada insuficiente de oxigénio durante a combustão completa, sendo mais lento o aumento de temperatura. Esta circunstância faz com que a chacota mude de cor, e alguns dos óxidos se alterem totalmente, principalmente o de cobre e o de ferro.

Cozedura em atmosfera oxidante

Caracteriza-se pela entrada abundante de oxigénio que acelera a combustão completa. A temperatura aumenta com facilidade e todos os óxidos presentes quer nos vidrados quer nas pastas, atingem a sua máxima qualidade de cor (o branco fica branco; o ferro fica amarelo ou alaranjado; o cobre fica verde, etc.).

PRECISÕES SOBRE A TÉCNICA

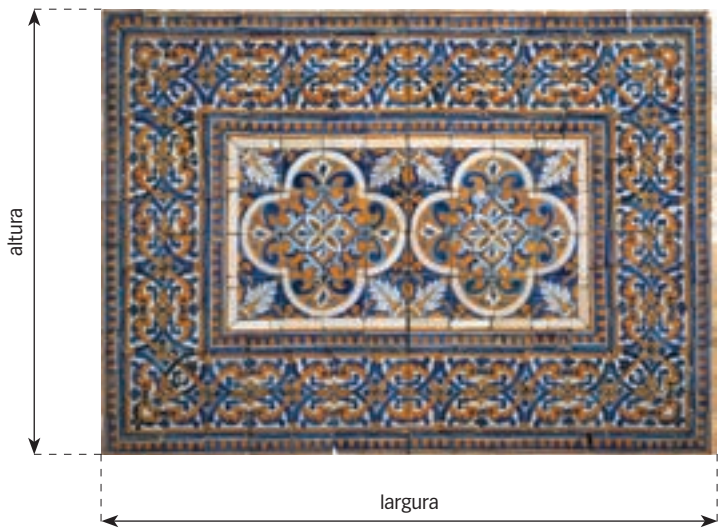
Neste campo, deverão registar-se as especificações sobre a(s) técnicas registada(s) nos campos anteriores, como por exemplo:

- esmalte verde com esgrafitos
- ocres e verdes escorridos
- estampagem com pormenores pintados à mão

DIMENSÕES

A unidade de medição utilizada, segundo processos internacionalmente normalizados, para o tratamento documental de objectos cerâmicos é o centímetro. Para situações de transporte e montagem é importante registar o peso, que deve ser considerado em gramas até 1000g, e em quilogramas quando ultrapassar este valor. As medidas a registar são as dimensões máximas da peça, pela seguinte ordem:

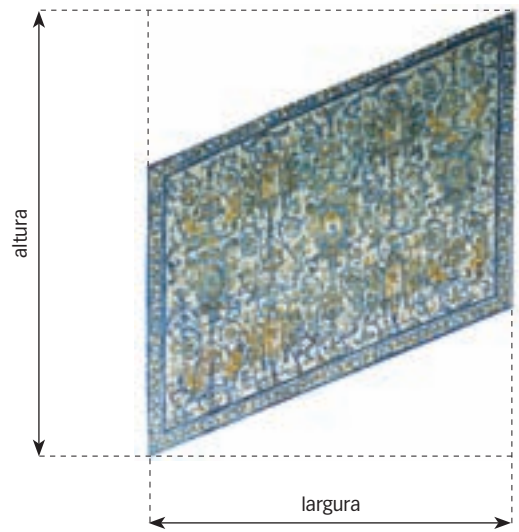
- altura
- largura
- comprimento



No caso do azulejo deve ser registada a respectiva espessura, tendo em conta que, num painel de azulejos, deverá ser considerada a espessura média.

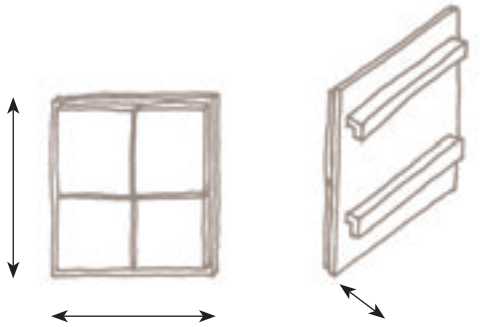
Para registo das dimensões deve procurar-se a vista principal do objecto: a que foi contemplada como principal na sua concepção, ou a que corresponde à posição correcta de utilização corrente. Para os objectos regrados, com configurações circulares, cilíndricas ou cónicas, pode considerar-se apenas a indicação da altura e o diâmetro, registado este no seu perímetro máximo. Para os objectos com formas não regradas, devem considerar-se as três dimensões indicadas, registando-se os seus valores máximos, a partir de pontos extremos dos contornos irregulares, utilizando sempre linhas horizontais e verticais de medição. Para facilitar a medição podemos conceber um mecanismo simples de medição com um plano horizontal e outro vertical, fixos entre si, rígidos mas ligeiros, a que se possam associar, com mobilidade, outros dois planos, também vertical e horizontal, ajustáveis aos pontos extremos do objecto.

Para os fragmentos seguem-se as regras gerais de medição para as peças não regradas.



No campo Outras Dimensões, de extrema importância para o registo de dados relevantes sobre o acondicionamento, embalagem e transporte de uma peça, inserem-se as dimensões do suporte em que estão montadas, com especial destaque para a espessura e o peso.

EX.: Peça montada em suporte, com ripas de fixação, para exposição



GLOSSÁRIOS

FORMAS (Lista aberta)

NOTA DE APLICAÇÃO: os termos aqui indicados devem ser inseridos no campo Outras Denominações do Matriz.

ABA (RECIPIENTE) – Extremidade, prolongamento de um corpo ou superfície.
Ver BORDO (RECIPIENTE)

ABAJUR – Peça que se fixa à volta ou somente de um lado de uma fonte de luz para a suavizar. Pode ter forma quadrangular, esférica, cónica ou tubular.

Abertura
Use BOCAL

AÇUCAREIRO – Recipiente para guardar e servir o açúcar. Tem formas variadas, com ou sem tampa, e geralmente, duas asas.

ALBARELO – Recipiente para guardar substâncias sólidas, pastosas e líquidas. foi usado para guardar drogas farmacêuticas, pigmentos, essências, cosméticos e doces. De forma aproximadamente cilíndrica, com uma leve depressão central; com ou sem tampa, apresentando o gargalo uma reentrância no bordo. Ocasionalmente pode ter pequenas asas na parte superior do bojo.
Ver POTE DE FARMÁCIA
Usado para Manga

ALBARRADA – Painel de azulejos cuja composição é formada por um vaso de flores ladeado por pássaros, golfinhos ou *putti*. Representadas como composições autónomas na segunda metade do século XVII transformaram-se na 1.ª metade do século XVIII em composições de repetição intercalados entre si geralmente por palmitos, putti e golfinhos, constituindo longos silhares seriados.

Albarrada

Alfardon

ALFARDON – Corpo cerâmico hexagonal de pavimento, justaposto a cada um dos quatro lados de uma loseta, formando composições octogonais. Produção de Valência do século XV e 1.ª metade do século XVI.

ALMINHAS (AZULEJO) – Azulejo isolado ou pequeno painel de azulejos representando as Almas do Purgatório envolvidas pelas chamas. Podem ter inscrito *P.N.-A.V.* (Padre Nosso - Avé Maria), indicando ao espectador que reze estas orações pelos pecadores.

ALMOFARIZ – Recipiente usado para esmagar e misturar alimentos ou produtos químicos. Tem forma de calote esférica e pode ou não ter pilão.

ALMOTOLIA – Recipiente que se destina a conter líquidos oleosos. Tem forma bojuda, gargalo estreito, com ou sem bico e asa lateral.

Usado para Almontoria
Almoteriga
Almotoria
Almotriga
Amontaria
Amotolia
Azeiteira
Gorguleta
Montaria

ÂNFORA – Recipiente usado para o armazenamento e transporte de azeite, vinho ou outros líquidos, também como peça decorativa ou troféu. Tem forma ovóide, base estreita ou afunilada, e duas asas.

Aparelho

Use SERVIÇO

APLIQUE – Objecto para iluminação ou apenas de função decorativa para ser fixado na parede.

AQUAMANIL – Recipiente usado à mesa para lavagem das mãos. Em geral tem forma de figura humana, animal ou híbrida.

AQUÁRIO – Recipiente concebido para conter água e nele manter peixes e outros animais aquáticos, geralmente com função decorativa doméstica.
Use para Piscina

AQUECEDOR DE MÃOS – Recipiente para manter as mãos quentes, que se enche de água quente e guarda no bolso, podendo ter configurações decorativas (em livro, garrafa ou bola).

AREEIRO – Recipiente com pó ou areia fina para polvilhar o papel de escrita e secar a tinta. Tem formas variadas e a face superior formando uma tampa é inteiramente perfurada. Constitui, muitas vezes, um dos elementos do Serviço de escritório, podendo estar encaixado numa base e fazer conjunto com o tinteiro.
Ver ESCRITÓRIO

ARGOLA DE GUARDANAPO – Objecto usado para segurar o guardanapo, com vão central, geralmente cilíndrico, oval ou prismático.

ARRASTADEIRA – Recipiente para recolher as fezes dos doentes acamados. Tem forma circular achatada, com ou sem pega.

ASA (RECIPIENTE) – Elemento que serve para manusear um recipiente, com uma posição destacada. Geralmente são laterais mas também se podem encontrar peças com uma única asa unindo dois pontos simétricos do bordo.
Ver PEGA

AZULEJO – Corpo cerâmico, de espessura variável, geralmente quadrado, constituído por uma base argilosa – chacota – decorada e vitrificada numa das faces, destinado essencialmente ao revestimento arquitectónico.
Ver PAINEL DE AZULEJOS

Azulejo de fachada – Azulejo de padrão ou figurativo usado para o revestimento das fachadas dos edifícios, usado em Portugal a partir do 2.º quartel do século XIX.

Azulejo de figura avulsa – Azulejo que contém em si mesmo todo o motivo principal – flores, frutos, animais, figuras humanas, barcos, casas, cestos, etc. Geralmente é decorado nos quatro cantos por pequenos ornatos que constituem elementos de ligação entre eles quando aplicados.

NOTA DE APLICAÇÃO: Termo usado no campo Outras Denominações da ficha Matriz

Azulejo industrial – Designação dada ao azulejo fabricado em grandes séries, com a chacota e a pintura realizados por processos mecânicos.

NOTA DE APLICAÇÃO: Termo usado no campo Outras Denominações da ficha Matriz

Azulejo de padrão

Ver PADRÃO

BACIA – Recipiente para uso doméstico ou ritual em geral circular mas que tem quase sempre o diâmetro do bordo com maior dimensão que a altura.

NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ter um modificador de função (ex. bacia de barbear, bacia de mãos, bacia de pés, etc). Pode fazer conjunto com um jarro.

Bacia de cama

Use BACIO

Bacia de cloaca

Use SANITA

BACIO – Recipiente que serve para recolher as fezes. Tem forma circular ou oval, com ou sem tampa e, geralmente, uma asa lateral em posição vertical.

Usado para Bispote
Bacia de cama

Baixela – Conjunto de recipientes para conter e/ou servir alimentos e especiarias, com função mais sumptuária, sendo os mais frequentes as terrinas, os pratos cobertos, as travessas, os saleiros e pimenteiros.
Use SERVIÇO

BALAÚSTRE – Coluna ou pilar de pequena dimensão que serve de suporte a corrimãos de escadas e peitoris de varandas. Pode constituir também remate arquitectónico de fachadas.

BALAUSTRADA – Sequência repetitiva de balaústres rematados por corrimão ou imposta, alguns decorados com pinhas, globos e vasos decorativos.

BANCO (CERÂMICA) – Objecto destinado ao repouso. Tem diversas formas.
NOTA DE APLICAÇÃO: este termo pode ter um modificador de função: banco de jardim, banco de pés.

Espaldar de banco

BANDEJA – Objecto para transporte e apresentação das peças ligadas ao serviço de mesa ou de quarto. Tem formas variadas, base ampla e plana, com bordos baixos, com ou sem asas, com ou sem pé; pode ser um objecto autónomo, integrar um serviço ou ser base de um centro de mesa.

Barra

BARRA – Tipo de guarnição para painéis de azulejo com a largura de dois azulejos que são justapostos e sobrepostos, limitando uma composição, tendo como soluções de remate os cantos e contra-cantos.

Ver GUARNIÇÃO

BASE (RECIPIENTE) – Parte inferior, ou suporte, de uma peça cerâmica.

Ver PÉ (RECIPIENTE)
SUPERFÍCIE DE APOIO (BASE)

BASE PARA QUENTES – Suporte baixo com função isolante para apoiar recipientes com substâncias a altas temperaturas no serviço à mesa.

BEBEDOURO DE AVES – Recipiente para água destinado às aves. Pode ter diversos modelos, sendo comum o de um recipiente baixo cilíndrico com aberturas laterais e aberto em cima a que se ajusta o depósito, recipiente aplicado com o bocal invertido.

BICO (RECIPIENTE) – Protuberância simples ou tubular através da qual o líquido de um recipiente pode ser vertido ou por vezes directamente ingerido.

BIDÉ – Recipiente destinado à higiene das zonas genitais com forma baixa e alongada que se pode apresentar como objecto cerâmico autónomo de pousar no chão ou montado numa estrutura de madeira ou metal.

BILHA – Recipiente destinado a conter líquidos. Tem forma bojuda, um ou dois gargalos estreitos e uma ou mais asas laterais e/ou superiores. Pode ter acessórios como, tampa, copo ou púcaro e, por vezes ainda, uma torneira.

BILHA DE SEGREDO – Bilha cujo colo tem decoração vazada, fazendo-se a circulação da água entre a asa oca ajustada ao bojo directamente com o gargalo, também oco e com um bico.

Bispote
Use BACIO

Boca
Use BOCAL

BOCAL (RECIPIENTE) – Abertura superior, geralmente horizontal, de um recipiente.
Usado para Abertura
Boca

BOJO (RECIPIENTE) – Parte convexa e arredondada do corpo central de uma peça cerâmica.

BOMBONEIRA – Caixa pequena para doces, muitas vezes com função decorativa, com ou sem tampa.

Borda
Use BORDO (RECIPIENTE)

BORDO (RECIPIENTE) – Parte protuberante ou não que remata o bocal de um recipiente vertical ou que limita a aba de um recipiente horizontal.

BOTÕES – Pequenas peças usadas para apertar ou para ornamentar o vestuário, quase sempre de forma arredondada e achatada, com dois ou mais orifícios de fixação.

BOURDALOUE – Termo francês que designa um recipiente para recolha de fezes. Oval ou em forma de feijão, tem fundo plano, bordo superior ligeiramente em reentrância e asa lateral vertical. Utilizado pelas senhoras quando obrigadas a permanecer de pé durante muito tempo, ou em viagem, então com tampa e colocado num suporte adaptado.

BRAÇO DE LUZ – Peças de encaixe para suporte de velas ou lâmpadas. Pertencem a objectos de luminária como candelabro, tocheiro, lustre e placas de luz ou mesmo espelhos.

BRASEIRO – Recipiente onde se colocam brasas para aquecer um aposento, as mãos ou os pés. Tem forma arredondada e baixa, com pés e uma tampa vazada.

BULE – Recipiente no qual se faz a infusão do chá e que se destina ao seu serviço. De forma, geralmente, bojuda, tem tampa, bico longo e asa lateral. A tampa pode ser independente ou de charneira. Alguns modelos podem ter um crivo interior, fixo ou móvel, para suster as folhas do chá.

BUSTO – Representação em vulto da secção superior do corpo humano, incluindo a cabeça, o pescoço e uma secção variável do peito e do tronco.

Cabaret (Cerâmica)
Use SERVIÇO DE CHÁ

CABO (RECIPIENTE) – Apêndice de forma cilíndrica alongada, fixa num objecto por um ponto e que facilita o manuseamento do mesmo.
Ver ASA
PEGA

CABO (TALHER) – Artefacto em cerâmica para manuseamento de colheres, facas e garfos metálicos.

CACHEPÔ – Termo de origem em *cache-pot*, designação francesa para um recipiente decorativo, destinado a conter e esconder um vaso de flores.

CACHIMBO – Objecto para fumar tabaco, constituído por um fornilho onde se introduz o tabaco e um tubo por onde se inspira o fumo.

CAFETEIRA – Recipiente em que se prepara o café e faz o seu serviço. Tem formas variadas, tampa fixa ou móvel, asa ou cabo e bico.

CAIXA – Recipiente que serve para guardar ou transportar substâncias sólidas. A forma e o tamanho são tão variados e numerosos quanto os objectos que pode conter. Tem tampa solta ou de charneira e fundo plano.

NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ter um modificador de função, p.ex.: caixa de café, caixa de chá, caixa de especiarias, caixa de toucador, caixa de música, caixa de rapé, caixa decorativa, etc.

Caixa

CALDEIRA – Superfície côncava de um recipiente de dimensões médias ou grandes.

Ver COVO

CANDEEIRO – Recipiente destinado à iluminação, de formas variadas, podendo ser de apoiar ou de suspender, geralmente composto por um contentor de combustível líquido (óleo, petróleo ou álcool) e por um ou mais lumes onde através de mechas arde o combustível.

Actualmente aplica-se este termo a objectos com idêntica função mas de alimentação eléctrica.

CANDELABRO – Objecto de grandes dimensões destinado à iluminação, composto por dois ou mais braços que suportam velas, podendo ser de pé ou de suspensão do tecto.

Ver CASTIÇAL
SERPENTINA

CANECA – Recipiente para conter e ingerir líquidos. Geralmente tem forma cilíndrica, base plana e uma asa. Pode ter tampa e acessório de encaixe interior com crivo para infusão de chá.

CANTO – Um ou mais azulejos que fazem a passagem entre a horizontal e a vertical de remate decorativo, de uma composição de azulejos.
Ver BARRA
CERCADURA
FRISO

Cantoneira

CANTONEIRA – Peça cerâmica utilizada como acabamento das arestas entre duas superfícies perpendiculares de azulejo.

Canudo
Use POTE DE FARMÁCIA

CASTIÇAL – Objecto de pequena ou média dimensão, destinado à iluminação, composto geralmente por uma base com um ou mais bocais para suportar as velas, variando a base de acordo com a sua finalidade.
Ver CANDELABRO
PALMATÓRIA

CENTRO DE MESA – Elemento para decoração do centro de uma mesa disposta para refeições. Pode ser composto por um único objecto isolado ou por um conjunto de vários recipientes ou acessórios decorativos como jarras, candelabros, castiçais ou estatuetas.

CERCADURA – Tipo de guarnição simples, com um azulejo de largura e cuja decoração é limitada por filetes ou faixas.
Ver GUARNIÇÃO

CESTO – Recipiente para transporte e apresentação à mesa de alimentos podendo ter somente função decorativa. Em geral tem proporção baixa, com ou sem asas e a decoração pode imita o encanastrado do vime.

NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ter um modificador de função (ex.: cesto de fruta, cesto de pão).

CHÁVENA – Recipiente usado para ingerir café, chá, leite ou qualquer outra bebida quente. Geralmente, de forma semiesférica, com base plana ou com pé baixo, e asa lateral em posição vertical. Faz conjunto com um pires.

NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ter um modificador de função (ex.: chávena de chá, chávena de café, etc).

Ver PIRES

Usado para Xícara

Cercadura

CHOCOLATEIRA – Recipiente em que se prepara e serve o chocolate líquido e quente. Com proporção vertical tem bico curto e asa ou cabo laterais. A tampa tem um orifício para introdução de uma peça de madeira, destinada a mexer a bebida de modo a manter constante a sua homogeneidade.

CINZEIRO – Recipiente para colocar as cinzas do tabaco, com o bordo com reentrâncias para apoio dos produtos do tabaco.

COLHER – Utensílio que se destina a mexer, servir e comer os alimentos. Tem uma parte côncava e um cabo e, geralmente, faz conjunto com um garfo e uma faca. A forma e dimensões variam consoante a função.

Em cerâmica têm funções complementares de serviço não individual.

COLO (RECIPIENTE) – Secção do recipiente que articula o bojo com o bocal.

CONCHA – Colher de grande dimensão destinada a servir a sopa e outros alimentos líquidos. Tem a parte côncava em calote esférica e um cabo de grandes dimensões.

Num serviço de mesa é complemento da terrina.

Ver COLHER

TERRINA

CONTORNO (RECIPIENTE) – A configuração da linha exterior de um objecto ou de uma forma, quer plana quer tridimensional, e que estabelece a separação entre o objecto e o fundo.

CONTRACANTO – Termo geralmente utilizado para as barras em que designa, na transição da horizontal para a vertical, o azulejo que pelo interior da barra estabelece esta passagem.
Ver BARRA
CANTO

COPO – Recipiente destinado a conter e ingerir líquidos, sendo frequente que em cerâmica a sua forma seja uma secção de cone ou cilindro.

COVILHETE – Prato ou travessa de pequenas dimensões para servir alimentos.

COVO (RECIPIENTE) – Superfície côncava de um recipiente de proporção baixa. Ex. prato de sopa, travessa ou prato de serviço.

CUMEEIRA – Telha ou tijolo de grande dimensão que remata, decorativamente ou não, a parte superior do telhado.

DEFUMADOR – Recipiente destinado a queimar incenso ou substâncias aromáticas, com tampa perfurada para saída dos fumos.

ESCARRADEIRA – Recipiente para recolher secreções orais. Sendo, em geral, de forma cilíndrica, tem tampa afunilada furada no centro e asa lateral. Pode ter uma configuração decorativa e mesmo zoomórfica.

ESCRITÓRIO – Serviço formado por um suporte, geralmente uma bandeja, que contem o tinteiro, areeiro, porta-penas ou porta-canetas e, por vezes, uma espécie de caixa com gaveta e um castiçal.
Usado para SERVIÇO DE ESCRITÓRIO

ESCUDELA – Recipiente usado para a apresentação e consumo de alimentos. De forma geralmente semiesférica tem duas asas e por vezes tampa.
Ver TIGELA

ESTÁTUA – Representação em vulto do corpo íntegro de uma figura ou um grupo de figuras humanas, animais ou híbridas. É frequente o seu uso em jardins ou nas balaustradas das fachadas dos prédios

ESTATUETA – Estátua de pequenas dimensões representando uma figura ou um grupo de figuras humanas, animais ou híbridas.

FAIXA – Tipo de guarnição linear repetitiva que limita uma composição ou uma área de azulejos de cor lisa, geralmente com metade do tamanho do azulejo.
Ver GUARNIÇÃO

FIGURA DE CONVITE – Painel de azulejos, cuja composição representa uma figura recortada em azulejo, representando à escala natural, lacaios, alabardeiros, damas ou guerreiros em atitude de defesa, de recepção ou de indicação de direcções, colocadas em entradas, escadarias e jardins dos edifícios. Podem estar associadas a um silhar figurativo ou de padrão, de que se destacam, destacando-se a parte superior do corpo pelo recorte dos azulejos.
NOTA DE APLICAÇÃO: Termo usado no campo Outras Denominações do Matriz.

FIGURA DE MOVIMENTO – Estatueta antropomórfica de pequenas dimensões criada por Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) em Portugal, e em que a personagem é constituída por uma base com as pernas que termina num espigão onde assenta o tronco que termina noutro espigão onde, finalmente, assente a cabeça. Esta estrutura instável permite que a figura ganhe mobilidade real ao ser tocada.

FONTE – Recipiente de aplicação parietal para água, geralmente com tampa e uma torneira na base, que está associada a uma bacia móvel.

FRASCO – Recipiente destinado a guardar líquidos, pós ou ervas aromáticas. Geralmente com bojo amplo, tampa, gargalo curto e bocal estreito.

NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ter um modificador de função (ex.: frasco de chá, frasco de tabaco).

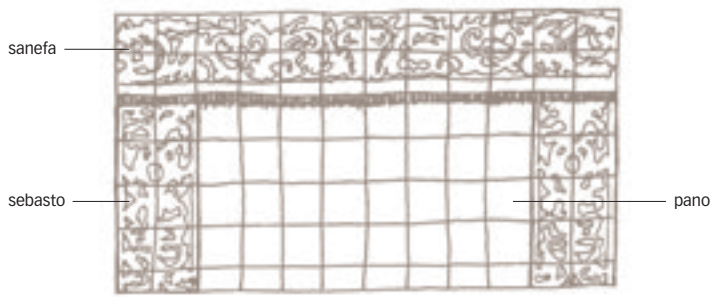
FRISO – Tipo de guarnição simples para composições de azulejo, constituído por secções rectangulares de um terço ou um quarto de um azulejo.

Ver GUARNIÇÃO

Pano de frontal de altar

FRONTAL DE ALTAR – Painel de azulejos para revestimento da face da frente dos altares, utilizados do século XVI ao século XVIII. É constituído por três partes: a superior designada sanefa, as laterais, sebastos, e a central, o pano, podendo este último ser inteiro, bipartido ou tripartido.

NOTA DE APLICAÇÃO: Termo usado no campo Outras Denominações do Matriz.



Por vezes as faces laterais podiam ser guarnecidas com vasos floridos.

Na decoração do século XVII é evidente a influência de frontais têxteis, imitando os bordados europeus nas sanefas e sebastos, e nos panos inspirando-se em tecidos estampados vindos da Índia.

FRUTEIRA – Taça usada para servir ou expor fruta, natural ou artificial. É um recipiente com o covo mais ou menos profundo sobre um pé central, estrutura que se pode desenvolver num conjunto de recipientes sobrepostos e decrescentes, encaixados sucessivamente pelo centro.

FUNDO (RECIPIENTE) – Face interna da base de um recipiente.

GALHETA – Recipiente para conter e servir azeite ou vinagre, no uso doméstico, ou a água e o vinho, na liturgia católica. Tem forma de jarro pequeno com bojo amplo e gargalo estreito, em geral com tampa e asa lateral.
Ver GALHETEIRO

GALHETEIRO – Utensílio de mesa composto por um suporte com ou sem asas onde pousam duas galhetas, a de azeite e a de vinagre e, em alguns casos, o saleiro, o pimenteiro e a mostardeira.

GARGALO (RECIPIENTE) – Remate superior protuberante de um recipiente para transporte e serviço de líquidos, bilha, garrafa ou frasco.

GARRAFA – Recipiente destinado a conter e transportar líquidos, geralmente de bojo e gargalo em secção de cilindro ou de cone. O gargalo é estreito e pode estar fechado com tampa.

GLOBO – Objecto esférico elevado num pé, liso ou decorado com estrelas, florões, podendo ter um remate cónico, aplicado no remate das fachadas dos edifícios ao longo das balaustradas.
Ver BALAUSTRADA

Gola (RECIPIENTE)
Ver COLO
GARGALO

GOMIL – Recipiente destinado para conter água em serviço de higiene. Jarro alto, com bocal estreito com asa lateral em posição oposta, pé alto e largo que estrangula junto ao arranque do bojo. Podendo

surgir isolado é uma peça que normalmente faria conjunto com uma lavanda.

Ver JARRO
LAVANDA

GOTEIRA – Telha em meia cana para escoamento das águas da chuva que pode ser ou não decorada.

Cercadura

GUARNIÇÃO – Termo utilizado para designar o limite de uma composição cerâmica.

Ver BARRA
CERCADURA
FAIXA
FRISO

GUARNIÇÃO DE LAREIRA – Conjunto de um número impar de objectos cerâmicos, em geral cinco ou sete, composto por jarras ou potes, que se dispõe em alternância mas em simetria, sobre uma lareira.

Ver JARRA
POTE
TALHA

JARDINEIRA – Recipiente de forma rectangular ou oval, fundo plano, assente em pequenos pés ou directamente sobre a base; de paredes rectas ou ligeiramente vazadas, geralmente, com uma das faces decorada e no qual se recria um jardim em dimensão reduzida, seja com flores cortadas seja com flores envasadas.

JARRA – Recipiente decorativo destinado a conter flores, com uma infinita variedade de configurações, podendo funcionar isoladas, aos pares ou integrando conjuntos mais complexos como centros de mesa ou guarnições de lareira.

Ver SOLITÁRIO
TULIPEIRA

JARRÃO – Recipiente decorativo de forma tubular alta, com ou sem tampa, de grandes dimensões, por vezes formando par.

JARRO – Recipiente que se destina a conter e a servir líquidos. É composto por pé, bojo amplo, piri forme, cónico ou cilíndrico, colo estreito com bico mais ou menos acentuado e asa em posição oposta aberto. Certos modelos têm tampa presa com charneira ao corpo.
Ver GOMIL
Usado para Pichel

LADRILHO – Placa quadrada de cerâmica cozida, vidrado ou não, para revestimento de pavimentos.
Ver MOSAICO CERÂMICO

LAMBRILHA – [1] Azulejo de pequena dimensão, com decoração engobada, de corda seca e aresta, importados de Valência e de Sevilha nos séculos XV e XVI, integrando composições para revestir pavimento.
[2] Designa também um azulejo pintado, estampilhado ou estampado, usualmente como de figura avulsa, recuperado em 1937 por artistas modernistas com inspiração no imaginário e cultura popular.

Lambrim
Ver SILHAR

Latrina
Use SANITA

LAVANDA – Recipiente utilizado para conter água com que se lavam as mãos ou a cara. Bacia semiesférica, oval, mais larga que alta, de bordo liso ou com aba. Podendo surgir isolado é uma peça que faria conjunto com um gomil.
Ver GOMIL

LAVATÓRIO – Recipiente que pode fazer parte de um serviço de higiene, montado num móvel de madeira ou em estrutura metálica, mas que designa um recipiente para higiene corporal, fixo na parede e ligado a um sistema de canalização e esgoto de águas.

LEGUMEIRA – Recipiente para servir os legumes cozidos. Geralmente de forma esférica, fundo plano ou com pé baixo, tampa e asas laterais horizontais. Pode estar sobre uma bandeja ou ser autónoma. Faz frequentemente conjunto com a terrina da sopa.

LEITEIRA – Recipiente para guardar e servir o leite. De formas variadas, é um jarro de pequenas dimensões, com ou sem tampa, asa lateral e bico. As leiteiras com bico largo podem ser também usadas para servir natas, designando-se cremeiras.
Ver SERVIÇO DE CHÁ

LOSETA – Placa cerâmica quadrada aplicada em pavimentos em articulação com alfardons e mosaicos rectangulares.
Ver ALFARDON

Malga
Use TIGELA

Manga
Ver ALBARELO
Use POTE DE FARMÁCIA

MANILHA – Corpo cerâmico cilíndrico só em chacota, geralmente em grés, usado nas canalizações, com uma extremidade mais larga para a ligação sucessiva.
NOTA DE APLICAÇÃO: Pode estar associado a um modificador de forma: manilha recta, curva, em cotovelo, de forquilha ou em cruz.

MANTEIGUEIRA – Recipiente para conter e servir manteiga, geralmente baixo e com tampa, muitas vezes acompanhado por prato ou pequena bandeja, fixo ou não.

MEALHEIRO – Recipiente fechado, de formas variadas, com uma fenda onde se introduzem moedas.

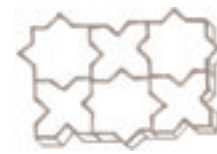
MÓDULO – Unidade de repetição composta por um ou vários azulejos, cuja justaposição sucessiva, quer no sentido horizontal quer

no vertical, cria o padrão. Os motivos decorativos são concebidos tendo em vista o uso em repetição, existindo para tal elementos de ligação entre os módulos e alternâncias de centros que garantem a continuidade da trama ornamental do padrão.
Ver PADRÃO

Moldura
Use GUARNIÇÃO

MOLHEIRA – Recipiente para o serviço dos molhos. A molheira tem geralmente uma forma de barco, um ou dois grandes bicos, uma ou duas asas verticais e laterais; pode estar sobre uma pequena bandeja fixa ou separada, e ter, em alguns casos, um crivo nos bicos para filtrar o molho.

MOSAICO CERÂMICO – [1] Composição decorativa para pavimentos constituída por peças cerâmicas autónomas, de formas variadas (polígonos hexagonais estrelados, alfardons, losetas ou outros), justapostas segundo regras de repetição.
[2]Actualmente designa placas cerâmicas ou de porcelanoses de produção industrial para revestimento de pavimentos.
Ver LADRILHO
ALFARDON
LOSETA


Mosaico cerâmico

MOSTARDEIRA – Recipiente para servir a mostarda. De formas variadas, com tampa, normalmente tem uma asa e um recorte no bordo do corpo ou da tampa para a colher que poderá ser também cerâmica. Pode fazer conjunto com uma bandeja móvel ou fixa; um saleiro e um pimenteiro ou estar ainda integrada num galheteiro.

Olha
Use TERRINA

PADRÃO – Composição regrada pela repetição de uma mesma unidade decorativa, o módulo. Em azulejo foi largamente utilizada na primeira metade do séc. XVI com azulejos hispano mouriscos

Padrão

e, na segunda metade desse século, desenvolveu-se com decoração em faiança conduzindo a uma imensa variedade ao longo do século XVII. O padrão foi recuperado na segunda metade do século XVIII, em consequência do terramoto de 1755, passando, em meados do século XIX, a revestir as fachadas dos prédios.

Ver MÓDULO
TAPETE

PAINEL DE AZULEJOS – Composição formada por um número variável de elementos cuja leitura constitui uma unidade formal, funcional e estética.

Ver ALBARRADA
AZULEJO
FIGURA DE CONVITE
FRONTAL DE ALTAR
REGISTO
SILHAR

Painel de azulejos

PALITEIRO – Recipiente para guardar ou dispor palitos para os dentes. De formas variadas, em caixas poligonais com orifícios, são, com maior frequência, figurativas, com superfícies com pequenos orifícios.

PALMATÓRIA – Castiçal pequeno e baixo com prato, asa ou cabo.

Ver CASTIÇAL

PANO

Ver FRONTAL DE ALTAR

PÉ (RECIPIENTE) – Elemento de apoio de um objecto que eleva o recipiente.

PEGA (RECIPIENTE) – Designa o apêndice por onde se manuseia um recipiente ou uma parte dele, geralmente com configurações que se destacam da superfície do objecto.
Ver ASA
CABO

PERFUMADOR – Recipiente em forma de taça onde se colocam líquidos aromatizados ou folhas, para se evaporarem, por vezes pela acção de uma vela ou de um lâmpada eléctrica.

PIA DE ÁGUA BENTA – Recipiente de aplicação parietal para a água benzida em culto doméstico, composta por alçado e contentor de pequenas dimensões.

Pichel
Use JARRO

PINHA – Objecto em forma de pinha elevado num pé, aplicado no topo dos edifícios ao longo das balaustradas.
Ver BALAUSTRADA

Piscina
Use AQUÁRIO

PIVETEIRO – Objecto em forma de pêra com gargalo muito estreito que serve para conter e aspergir perfumes e líquidos aromatizados.

PIMENTEIRO – Recipiente para se guardar e servir a pimenta moída à mesa. Inicialmente tinha a configuração de pequena taça circular ou oval, elevada numa base ampla, coberta ou não. Em modelos mais recentes é um recipiente tubular fechado com orifícios no topo. Surge com frequência associado a um saleiro ou integrando um conjunto de galheteiro.

Ver GALHETEIRO
SALEIRO

PIRES – Prato pequeno, exclusivamente destinado a suportar uma chávena cujo lugar está geralmente marcado ao centro por um ressalto ou uma marcação decorativa.
Ver CHÁVENA
PRATO

Placa

PLACA – Corpo cerâmico de espessura e forma variáveis e de maiores dimensões do que o azulejo, constituído por base argilosa, lisa ou modelada, decorado e vitrificado ou não numa das faces.
NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ter um modificador de função (ex.: placa de tecto).

PLATIBANDA – Decoração em azulejo de um muro ou sequência de ornatos cerâmicos que rematam um terraço ou o topo da fachada de um edifício.

Placa de tecto

POTE – Recipiente de proporção baixa, com ou sem tampa, com bojo amplo e bocal largo, usado para fins práticas ou decorativas, podendo então integrar um par ou conjuntos ornamentais mais complexas.
NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ter um modificador de função (ex.: pote de mel).
Ver GUARNIÇÃO DE LAREIRA
TALHA

POTE DE FARMÁCIA – Recipiente para guardar substâncias sólidas, pastosas e líquidas, geralmente drogas farmacêuticas. Tem forma cilíndrica, com uma leve depressão central, tampa e podendo ter pequenas asas na parte superior do bojo. De um modo geral a decoração inclui uma faixa com a indicação da substância a que se destinava.
Use para Canudo

PRATO – Recipiente para conter e servir alimentos. Geralmente de forma circular, plano, é composto por covo e aba.

NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ter um modificador de forma: prato raso, prato fundo; de função: prato marcador, prato de sobremesa, prato de sopa; prato de baptismo, prato patronímico. Termo a usar no campo Outras Denominações do Matriz.

PRATO COBERTO – Elemento de um serviço de mesa, para apresentação de alimentos, que é constituído por um prato covo de maiores dimensões, com uma tampa e, por vezes, com asas.

PRATO DECORATIVO – Prato que, seja pela dimensão seja pela decoração, não tem função prática mas apenas ornamental. De um modo geral tratam-se de objectos para suspensão parietal.

RAJOLA – Placas quadradas pequenas que integram mosaicos cerâmicos, utilizadas em composições repetitivas que integrando placas com outras dimensões e formas, também decoradas ou apenas em chacota. Produção de Valência bastante comum até finais do século XV.
Ver ALFARDON

REBORDO (RECIPIENTE) – Termo que designa o tratamento em relevo do bordo de um recipiente que pode constituir um componente conformado separadamente.
Ver BORDO

RÉCHAUD DE MESA – Suporte horizontal com pés, composto por um receptáculo para velas ou depósito para combustível, para ser apresentado sobre uma mesa e que mantém a temperatura de recipientes com alimentos (bule, travessa, prato, etc.,). Pode ter uma tampa articulada ou independente.

RECIPIENTE – Designa o objecto cuja configuração permite receber e conter diferentes matérias.

NOTA DE APLICAÇÃO: Como descritor aplica-se este termo na descrição de qualquer objecto com funções de receber e guardar substâncias sólidas, líquidas ou gasosas.

REFRESCADOR – Recipiente para refrescar garrafas ou copos entre pedras de gelo ou água fria. Geralmente é largo e fundo e tem forma cilíndrica, com ou sem asas.

REGADOR – Recipiente destinado a verter água. De forma cilíndrica, tem asa lateral, uma pega superior e um longo gargalo cuja extremidade termina em forma de pêra com um crivo.

Registo

REGISTO – Painel de azulejos de intenção devocional, colocado nas fachadas de prédios, invocando a protecção da Virgem ou dos Santos contra desastres, cuja aplicação foi largamente difundida ao longo do século XVIII.

NOTA DE APLICAÇÃO: Termo a ser usado no campo Outras Denominações.

Retrete

Use SANITA

RODAPÉ – Sequência horizontal de azulejos, em geral lisos, esponjados ou marmoreados, aplicados ao nível do chão.

SABONETEIRA – Caixa para guardar o sabão ou sabonete usado nos cuidados de higiene corporal. De forma redonda, oval ou rectangular, pode ter um crivo e tampa.

Ver SERVIÇO DE TOALETE

SALADEIRA – Recipiente para temperar e servir a legumes crus. Taça com ou sem pé e sem asas.

SALEIRO – Recipiente para se guardar e servir o sal à mesa. Inicialmente tinha a configuração de pequena taça circular ou oval, elevada numa base ampla, coberta ou não. Em modelos mais recentes é um recipiente tubular fechado com orifícios no topo. Surge com frequência associado a um pimenteiro ou integrando um conjunto de galheteiro.

Ver GALHETEIRO
PIMENTEIRO

SANEFA

Ver FRONTAL DE ALTAR

SANITA – Objecto para as pessoas defecarem e urinarem, em posição sentada ou acocorada, que é aplicado no pavimento ligado a uma fossa asséptica ou a uma rede de esgotos.

Usado para Bacia de cloaca
Latrina
Retrete

SEBASTOS

Ver FRONTAL DE ALTAR

SERVIÇO – Conjunto de objectos diferentes que tem função determinada atendendo às necessidades práticas, alimentares e de higiene.

NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ter um modificador de função (ex.: serviço de chá, serviço de toalete, serviço de mesa, escritório, etc.). Termo a usar no campo Outras Denominações.

Usado para Aparelho
Baixela

Serviço de escritório

Use ESCRITÓRIO

SERVIÇO DE FARMÁCIA – Conjunto de recipientes para conter e preparar os componentes destinados à farmacopeia.

Serviço de jantar

Use SERVIÇO DE MESA

SERVIÇO DE CAFÉ – Conjunto de recipientes usados para o transporte e consumo de café, composto por cafeteira, leiteira, açucareiro, e chávenas de pequena dimensão com os respectivos pires.

SERVIÇO DE CHÁ – Conjunto de recipientes usados para o transporte e consumo de chá, composto por bule, leiteira, açucareiro, manteigueira e chávenas com os respectivos pires.

SERVIÇO DE MESA – Conjunto de recipientes usados para o transporte e consumo de alimentos à mesa, podendo incluir acessórios tais como galheteiros, saleiros, pimenteiros e argolas de guardanapo.

SERVIÇO DE TOALETE – Conjunto de recipientes usados para higiene pessoal, geralmente composto por uma bacia, um balde, geralmente montado num móvel de madeira ou numa estrutura metálica, e que se completava com um jarro, uma saboneteira e uma caixa de escovas.

SILHAR – Painel de azulejos para revestimento parietal, ocupando uma superfície que vai desde o chão até meio da parede.
Usado para LAMBRIM

SOLITÁRIO – Jarra de pequenas dimensões que comporta apenas uma flor.
Ver JARRA

SOPEIRA
Use TERRINA DA SOPA

SUPERFÍCIE DE APOIO (BASE) – Parte inferior da base de uma peça cerâmica.

TAÇA – Recipiente pouco fundo em calote esférica, elevado sobre um ou três pés por vezes com asas laterais, para o serviço de alimentos, podendo ter exclusiva função decorativa.
Ver FRUTEIRA
PRATO COBERTO
SALADEIRA

TALHA – Recipiente de médias e grandes dimensões e forma bulbosa, com ou sem tampa, podendo ter exclusiva função decorativa.
Ver POTE

TAMPA (RECIPIENTE) – Designa uma elemento móvel de um objecto que serve para cobrir um recipiente e proteger o seu conteúdo, podendo ou não estar ligada a este, ser perfurada e ter ou não pega ou elemento de preensão.

TAPETE (Azulejo) – Tipo de composição de azulejos para revestimento parietal, geralmente utilizado na cobertura de vastas superfícies durante o século XVII, resultante da repetição regular de padrões e sempre delimitado por molduras largas constituídas por frisos, cercaduras e barras. É possível encontrar-se numa mesma parede várias composições de tapete, com diferentes padrões, sendo, de um modo geral, aplicados os módulos mais pequenos nas superfícies mais baixas e os módulos maiores nas mais altas.
Ver BARRA
CERCADURA
FRISO
MÓDULO
PADRÃO

TARDOZ – Superfície não vidrada de um azulejo, correspondendo à sua face posterior, para aplicação na parede.

TELHA – Corpo cerâmico para cobrir edifícios através de telhados, geralmente só em chacota, mas que pode ser também vidrado e decorado.
NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ser modificador de forma e decoração (ex.: telha de Alicante, telha árabe, telha de canudo, telha de cavalete, telha curva, telha de escama, telha de ventilação, telha Marselha, telha plana). Termos usados no campo Outras Denominações do Matriz.

Telha

TERRINA DA SOPA – Recipiente coberto para transportar e servir a sopa, de secção geralmente circular ou oval, com duas pegas laterais horizontais e uma tampa que pode ter ou não um rasgo para acomodação da concha. Assente em base ou em um ou mais pés, pode fazer conjunto com uma travessa do mesmo serviço.
Usado para Sopeira

Tête-a-tête
Use SERVIÇO DE CAFÉ
SERVIÇO DE CHÁ

TIGELA – Recipiente semiesférico usado para a confecção, conservação e consumo de alimentos.
Usado para Escudela
Malga

TIJOLO – Corpo cerâmico só em chacota, em forma de paralelepípedo, compacto ou vazado interiormente, usado na construção, podendo ter também função decorativa e receber ou não vidrado.
NOTA DE APLICAÇÃO: Este termo pode ser modificador de forma e decoração (ex.: tijolo curvo, tijolo de cunha, tijolo furado, tijolo burro). Termos usados no campo Outras denominações do Matriz.

TINTEIRO – Recipiente para conter tinta usada na escrita. De formas variadas, pode ou não ter tampa.
Ver AREEIRO
ESCRITÓRIO

TORSO – Representação em vulto do corpo humano seccionado pela base do tronco.

TONDO – Relevo cerâmico de forma circular, geralmente com moldura em relevo alto e o centro em baixo-relevo.

TRAVESSA – Recipiente destinado a servir os alimentos à mesa, com a mesma estrutura do prato mas de proporções alongadas e maiores dimensões. De formas variadas, pode ter duas asas laterais simétricas. Pode ser apoio e fazer conjunto com uma terrina.
Ver SERVIÇO DE MESA

TREMBLEUSE – Termo francês que designa um conjunto de chávena e pires usado em viagem, com um aro em relevo central para segurar a chávena e que lhe garante a posição horizontal constante.

TULIPEIRA – Recipiente para colocar flores, inicialmente tulipas, cuja parte superior apresenta múltiplos orifícios ou pequenos tubos que permitem a introdução de cada flor em seu orifício.
Ver JARRA

URINOL – Recipiente de aplicação parietal que permite aos indivíduos do sexo masculino urinar em pé. Pode ter forma de vaso alto com ou sem pegas.

URNA – Recipiente com função decorativa ou funerária. Geralmente de forma ovóide ou em tronco de cone, com pé ou pedestal ornamentado, abertura de diâmetro menor do que o corpo e, geralmente, com duas asas laterais e tampa.

VASO DECORATIVO – Objecto em forma de urna elevado num pé, com ou sem asas, aplicado no topo dos edifícios ao longo das balaustradas.
Ver BALAUSTRADA

VEILLEUSE – Termo francês que designa um objecto que dá luz de presença, geralmente em porcelana translúcida com uma lâmpada no interior que pode ou não ter um depósito de perfume que evapora com o calor da luz.

Xícara
Use CHÁVENA

DECORAÇÃO (Lista aberta)

ACANTO – Ornato composto por planta cuja folhagem é utilizada na decoração aparecendo frequentemente, na talha e no azulejo, em folha singela, repetida ou enrolada em volutas.

ACROTÉRIO – Ornamento geralmente em forma de palmito, colocado nas extremidades dos frontões.

ALEGORIA – Representação de ideias, qualidades e actividades, por meio de objecto ou figura, ou por agrupamento de objectos e figuras, frequentemente, de um modo idealizado.

ALETA – Ornatos em curva e contracurva geralmente dispostos em simetria em relação a um vão ou frontão.

ALVEOLADO – Ornamento feito por um conjunto de elementos fechados formando uma malha apertada representando por exemplo os favos de uma colmeia.

ANTEFIXO – Ornamento clássico em terracota, geralmente decorado de palmitos, cabeça de leão, etc., fixado no bordo da cornija para mascarar a extremidade das telhas.

ANTROPOMÓRFICO – Motivo ornamental com representação ou inspiração no corpo humano.

ARABESCO – Ornamento de tradição árabe, caracterizado por imbricamentos lineares usados na decoração de superfícies, composto por linhas geométricas e formas vegetais, em ritmos de repetição.

ATLANTE – Estátua de figura masculina, de pé ou com uma das pernas em flexão, utilizado como suporte de coluna, cornija, ou outro elemento arquitectónico.

ATRIBUTO – Objecto ou característica própria representados numa imagem que permitem a identificação iconográfica do personagem.

BRASÃO – Representação das armas de uma família ou de uma cidade.

BRUTESCO – Ornamento de grande dimensão representando animais, plantas ou seres fantásticos articulados entre si por imbricamentos de ornatos vegetalistas ou geométricos.

CARIÁTIDE – Estátua feminina com função de coluna suportando uma arquitrave, cuja parte inferior do corpo pode ter a forma de pedestal.

CARRANCA – Elemento decorativo formado por cabeça disforme, humana, animal ou híbrida, usada como ornamento.

CARTELA – Ornamentação baseada na representação de uma superfície lisa, emoldurada e aplicada sobre um fundo, destinada a receber uma inscrição, um monograma, uma decoração. Pode apresentar a forma de uma pele seca de animal cujas margens surgem enroladas sobre si, dobradas, arredondadas ou cortadas.

CHINOISERIE – Pinturas decorativas de paisagens e personagens chinesas.

COMPOSIÇÃO – Organização dos elementos visuais num plano, num volume ou num espaço.

CONCHEADO – Ornamento feito por um conjunto de elementos que imita conchas.

CONTAS – Ornato composto de pequenas esferas ou pérolas justapostas.

CORDA – Ornato com a forma de filamentos têxteis agrupados e em torção.

EFÍGIE – Retrato humano, seccionado pelo pescoço ou pelo peito, de frente ou de perfil.

EMBLEMA – Figura simbólica ou atributo que serve para caracterizar figuras alegóricas ou instituições sociais.

ENROLAMENTO – Ornamento em geral vegetalista constituído pelo movimento repetitivo em espiral de folhagens, podendo associar-se a flores, frutos ou fitas.

ENTRELAÇADO – Ornato composto por curvas e contracurvas que se cruzam entre si.

ESCAMAS – Ornato feito por um conjunto de elementos que tem a forma e disposição das escamas de peixe.

ESCUDO – Motivo ornamental que representa uma arma defensiva de configuração circular ou oblonga.

ESFERA ARMILAR – Globo vazado formado por círculos (armilas) que figuram o Equador, os Paralelos, os Meridianos e o Zodíaco. Emblema de D. Manuel I.

FESTÃO – Ornato baseado numa grinalda pendente de flores, folhas, ramos e frutos.

FILACTERA – Bandeirola ou fita de extremidades enroladas, com inscrições religiosas, divisas ou legendas, normalmente sustentada por anjos.

FILETE – Elemento ornamental representando um fio fino.

FITOMÓRFICO – Motivo ornamental com inspiração no mundo das plantas.

FLORÃO – Ornato baseado na estilização em relevo de uma flor circular.

FOLHA – Ornato em forma de folha vegetal, sendo muito corrente o uso convencional das de acanto e as de louro.

FOLHAGEM – Ornamento constituído por um conjunto ou ramos de folhas.

GEOMÉTRICA, Ornamentação – Ornamentação composta de linhas rectas ou curvas regradas sem qualquer presença de elementos vegetais ou zoomórficos. Ex. gregas, xadrez, dente de serra, etc.

GRADAÇÃO – Efeito resultante de uma propensão ascendente ou decrescente na riqueza dos motivos de ornamentação.

GREGA – Ornato que consiste numa faixa mais ou menos larga em que se repete a mesma combinação de elementos decorativos, e composta por linhas quebradas que formam ângulos rectos.

GRIFO – Animal fabuloso que tinha cabeça, asas de águia e corpo de leão.

GRINALDA – Ornato formado de flores, folhagens e frutos entrelaçados com fitas.

GROTESCOS – Ornamento que consiste em motivos dispostos com profusão, sem aparente relação entre si, incluindo frequentemente figuras humanas, pássaros e outros animais, e monstros dispostos entre grades e medalhões pintados.

GUIRLANDA
Ver GRINALDA

HERÁLDICA, ornamentação – Representação que usa a ciência dos brasões, ou seja, explica, escreve e representa as armas ou escudos de uma casa nobre ou província.

HISTORIADO – Representação narrativa de cenas religiosas ou profanas.

JAPONISMO – Movimento de citação da arte do Japão na arte europeia a partir do século XIX.

LABIRINTO – Ornamento formado por linhas ou faixas entrecruzadas que determinam secções de quadrados e de ângulos rectos que definem percursos com ou sem saídas.

LANCEOLADO – Ornato semelhante ao ferro de uma lança.

LEGENDA – Inscrição explicativa tratada de forma decorativa ou apenas informativa.

LÓTUS – Ornato semelhante às folhas e flores do lótus.

MACACARIA – Decoração onde os macacos aparecem entretidos em brincadeiras, vestidos com roupa de pessoas e desempenhando tarefas humanas.
Usado para SINGERIE

MAÇAROCA – Ornato composto por um toro revestido com bagas e com folhas na base, idêntico a uma maçaroca de milho.

MARMOREADO – Ornamento de imitação ou fingimento da aparência do mármore.

MASCARÃO – Elemento decorativo formado por rosto humano ou animal, realista, caricatural ou fantástico.
Ver CARRANCA

MEDALHÃO – Qualquer figura inscrita numa moldura oval ou circular.

MOTIVO – [1] Tema dominante ou assunto básico de uma composição. [2] Ornamento diferenciado que é repetido e serve de elemento decorativo predominante na composição.

NÓ – Ornato em forma de laço que apresenta corda ou cordas entrelaçadas.

ONDA – Ornato formado pela junção de segmentos circulares alternadamente côncavos e convexos.

ONDA GREGA – Ornato formado pela repetição de uma curva em S, terminando uma das suas extremidades em voluta, a partir da qual se desenvolve a curva seguinte.

ORNAMENTO – Motivo que valoriza esteticamente uma superfície, um objecto ou um espaço. Os ornamentos podem ser geométricos ou compostos por formas naturais, folhagens, animais e figuras humanas, sujeitas a simplificações ou a idealizações não realistas. Ver ORNATO

ORNATO – Forma convencional usada na valorização estética de um objecto ou espaço. São muitos e variados os tipos de ornamentos de que são exemplo, arabescos, aspas, besantes, bicos, bilhetas, botões, cabeças-de-prego, cabos, dentes-de-cão, óvulos e dardos, palmetas, pâmpanos, pontas de diamante, rosários, xadrez; figuras geométricas, vermiculados, folhas de acanto, palmitos, grifos, golfinhos, atlantes, cariátides ou *putti*.

ÓVULO – Ornato comum em forma de ovos truncados separados por dardos ou folhas.

PALMETA – Ornato formado por pequenas folhas dispostas em leque, imitando a folha de uma palmeira. A palmeta é também usada para a decoração dos elementos de terracota que nas coberturas formam a extremidade das filas de telhas côncavas.

PÂMPANO – Ornato em forma de ramo de videira com folhas e cachos de uvas.

PÉROLA – Ornato formado por um rosário de pequenas esferas dispostas em sucessão linear.

PINHA – Ornato que imita o fruto do pinheiro.

PINHOTA – Ornato que se assemelha a um cacho de pinhas.

PONTA DE DIAMANTE – Ornato em pirâmide quadrangular que se destaca da superfície.

PUTTO (Pl. Putti) – Qualquer menino nu, por exemplo um cupido ou pequeno anjo, que pode ser representado sem asas.

QUADRIFÓLIO – Ornato composto por forma circular ou quadrada com quatro folhas internas em forma de trevo.

QUADRILÓBULO – Ornato formado por quarto arcos de círculo.

RENDILHADO – Ornamento em que a superfície é perfurada de um lado ao outro, simulando um trabalho de renda.

RESERVA – Área autónoma delimitada por filete ou moldura e que se destina à inscrição de uma legenda, símbolos ou representações de cenas ou paisagens.

ROSETA – Ornato que consiste na representação de uma rosa ou flor mais ou menos fantasiada, circular ou ovalada, grande e isolada.

TERMO – Busto decorativo (meia figura humana ou animal) colocado sobre um pedestal ou pilar.

TRIFÓLIO – Ornamento em forma de trevo ou de flor com três pétalas, de modo a inscrever-se num triângulo equilátero cujos vértices tocam a extremidade dos três lobos.

TROFÉU – Ornato formado de armas dispostas sistematicamente à volta de uma couraça e de um capacete.

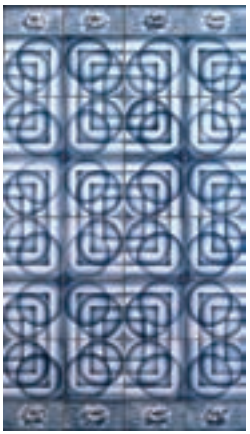
VIEIRA – Ornato em forma de concha de vieira, associada aos peregrinos e a São Tiago.

VOLUTA – Ornato formado por um enrolamento que se desenvolve a partir de uma espiral.

VOTIVO – Diz-se de uma obra de arte oferecida em cumprimento de um voto.

ZIGUEZAGUE – Ornato que consiste numa série de linhas quebradas segundo ângulos agudos.

ZOOMÓRFICO – Motivo ornamental inspirado em fauna real ou fabulosa.



Painel de azulejos
Padrão Art Deco
Fábrica de Louça de Sacavém, 1930-1940
Aerografia sobre pó de pedra
Pintura a azul sobre branco
MNAz, inv. n.º 6927

AEROGRAFIA (TÉCNICA) – Técnica de decoração que consiste em aplicar sobre a chacota sucessivas camadas de vidrado ou pigmentos líquidos através de um jacto com grande pressão de ar. Esta forma de aplicação da decoração tem a aparência de manchas homogéneas com pontos muito finos e difusos, permitindo gradações muito controladas e rigorosas nas cores.

AERÓGRAFO – Equipamento mecânico composto por um compressor, uma conduta articulada a um esguicho a partir do qual se projecta a grande pressão o vidrado e/ou pigmento, jacto muito fino que deposita a matéria pulverizada sobre a superfície do objecto.
Ver AEROGRAFIA (TÉCNICA)

ALICATADO (TÉCNICA) – Composição cerâmica com esquemas geométricos pré-estabelecidos, realizada com fragmentos de placas cerâmicas cozidas, de cores lisas e cortadas com um utensílio semelhante ao alicate, constituindo pequenos elementos autónomos que se ajustam entre si.

Alicatado

Amarelo de antimónio
Use AMARELO DE NÁPOLES

AMARELO DE NÁPOLES – Antimonato de chumbo. Mistura obtida pela calcinação dos óxidos de antimónio e chumbo, a baixa temperatura.
Usado por Amarelo de antimónio

APLICAÇÃO DE UM REVESTIMENTO
TE BANHO (TÉCNICA)
ENGOBE (TÉCNICA)
VIDRAGEM (TÉCNICA)

AREIA – Partículas de quartzo que são adicionadas à argila como matéria desengordurante. A porosidade da argila depois da coze-

dura é proporcional à quantidade de areia., porque sendo também materiais fundentes contêm fortes proporções de feldspato ou mica.

A areia também é utilizada durante a cozedura dos objectos cerâmicos para cobrir as placas de enforna para evitar que se colem.

ARESTA (TÉCNICA) – Técnica de decoração hispano-mourisca que consiste na inscrição dos motivos ornamentais através de finas arestas salientes. Estas arestas são obtidas pressionando o barro ainda cru em moldes de madeira, metal ou gesso, com ornatos previamente sulcados, e têm como função separar as diferentes cores, evitando a sua mistura durante a fusão da cozedura.

Ver CORDA SECA (TÉCNICA)
CORDA SECA FENDIDA (TÉCNICA)

Azulejo hispano-mourisco
Sevilha, 1.ª metade do século XVI
Aresta com esmaltes policromos
MNAz, inv. n.º 109

ARGILA – Rocha sedimentar, de grão fino, que provém da decomposição, química ou por erosão, ao longo do tempo, das rochas feldspáticas como o granito e o pórfiro. Os principais elementos da sua constituição são a sílica e o alumínio.

Para os ceramistas é um material natural (terra) que quando misturado com água se converte numa pasta plástica.

Argila de bolas

Use BALL CLAY

ARGILA PRIMÁRIA – Designa a argila tal como é encontrada no exacto local onde é gerada, a rocha mãe que pode ser magmática, metamórfica ou sedimentar. Normalmente tem tons claros.

ARGILA SECUNDÁRIA – Designa a argila que é encontrada a uma maior distância da rocha mãe que pode ser também magmática, metamórfica ou sedimentar. Normalmente tem grande teor de óxido de ferro e tem tons escuros.

ATMOSFERA DE COZEDURA – Composição química de gases de combustão no interior do forno durante a cozedura. É determinada pelo tipo de forno, de combustível e da qualidade e quantidade de oxigénio existente no interior.

A atmosfera de cozedura pode ser neutra, oxidante ou redutora. As atmosferas de oxidação e redução podem alterar muito as cores dos mesmos óxidos usados para a decoração.

Ver COZEDURA

ATMOSFERA NEUTRA – Atmosfera sem oxigénio suficiente para oxidação mas que não chega a ser de redução. As peças obtidas, não têm a mesma qualidade que nas restantes atmosferas, adquirem um aspecto de cozedura incompleta.

Esta atmosfera é conseguida nos fornos a gás e nos fornos eléctricos, porque é possível fechá-los hermeticamente sem que se produzir alterações na circulação do ar, logo do oxigénio.

ATMOSFERA OXIDANTE – Atmosfera que se define pela entrada de oxigénio em maior abundância que o carbono necessita para a combustão completa. A temperatura aumenta com facilidade e todos os óxidos, presentes nos vidrados e no barro, atingem as suas cores naturais (o branco fica branco; o ferro fica amarelo ou alaranjado; o cobre fica verde, etc.).

ATMOSFERA REDUTORA – Atmosfera que se define pela entrada insuficiente de oxigénio para que se cumpra a combustão completa. Com esta atmosfera, torna-se mais demorado o aumento de temperatura. A atmosfera de redução faz com que o barro mude de cor, e alguns óxidos dos vidrados se alterem totalmente, sobretudo de cobre e ferro que, após a cozedura, passam a ter mais evidente o elemento metálico.

AZUL COBALTO – Cor obtida a partir do óxido de cobalto, utilizado como pigmento na decoração e por vezes na composição de vidrados, muito usada na cerâmica portuguesa da 1.ª metade do século XVIII, em especial no azulejo.

BALL CLAY – Argila com elevada plasticidade, de granulometria muito fina, que adquire uma coloração marfim ou creme claro, após a cozedura. Tem sido muito utilizada na indústria de cerâmica branca e de refractários, pelas suas propriedades ligantes e refractárias. É a que apresenta maior capacidade de retracção.
Usado por Argila de bolas

BANHO (TÉCNICA) – Técnica de vidragem que consiste na imersão ou no derrame de vidrado sobre o objecto em chacota.

BARBOTINA – Pasta líquida que serve para a reprodução de peças por enchimento de moldes em gesso.

Biscoito – Designa o corpo cerâmico obtido após a primeira cozedura, sem revestimento vítreo.
Use CHACOTA

BISCUIT – Designa o corpo cerâmico obtido após a primeira cozedura da porcelana, sendo frequente o seu uso como material final, não vidrado e com a aparência de fino mármore branco.

BONE CHINA – Porcelana fosfática, muito branca, com elevada resistência mecânica, ressonante e translúcida, depois de cozida. É constituída essencialmente, por caulino, pegmatito e cinzas de

ossos de gado bovino. As peças em cru requerem cuidados especiais, pela reduzida plasticidade e resistência mecânica desta pasta. Para melhorar a plasticidade são, por vezes, misturadas pequenas quantidades de *ball clay*.

BRUNIDURA (TÉCNICA) – Técnica de decoração que consiste no polimento de uma superfície mate com brunidores de pedra dura. Permite criar efeitos decorativos por contraste entre superfícies mates e brilhantes. A brunidura é feita quando o barro apresenta um ponto de secagem com dureza idêntica à do couro.

Caixa

Use GAZETE

CALIBRAGEM (TÉCNICA) – Técnica de conformação da pasta que consiste na execução de uma peça cerâmica por meio de um equipamento com molde fixo. O barro, em lastra, é colocado sobre o molde de gesso (com a forma interna da peça) fixado a um torno. Sobre este conjunto é encostado um perfil recortado em madeira ou metal, designado calibre que, mediante a rotação do torno, vai definindo o perfil exterior do objecto. Assim, o interior do objecto é obtido pelo molde em gesso e o exterior é definido pelo calibre que retira os excessos da pasta, através do movimento de rotação do torno.

CAULINO – Argila residual ou primária caracterizada pela sua grande pureza, brancura e dureza. Constituída por hidrosilicato de alumínio em estado muito puro, é a matéria-prima da porcelana.

Taça
China, Dinastia Song (960-1279)
Porcelana céladon
CMAG, inv. n.º 2

CÉLADON – Designação de peças de porcelana chinesa com cores lisas e superfícies quase mates que variam entre o verde oliva e o verde-claro e que, por isso, são designadas com o mesmo nome. São obtidas pela redução de certos óxidos, tais como os de ferro, bário, cálcio e titânio. Se a redução não for completa a cor resulta castanha amarelada. A tonalidade e brilho macio estão relacionados com a moagem fina da sílica.

CERÂMICA – Material não metálico e não orgânico que se obtém pela mistura de matérias-primas minerais, rochas silicatadas designadas argilas. Misturadas entre si e com água, produzem as pastas cerâmicas que tem qualidades de plasticidade e ganham dureza quando secas e cozidas a temperaturas superiores a 600º C, procedimento essencial para a sua transformação física e química do produto final que pode ser classificado, consoante a sua estrutura e acabamento, em terracota, grés, faiança e porcelana.

CHACOTA – Designa o corpo cerâmico em pasta sujeita apenas a uma cozedura, sem revestimento vítreo. Aplica-se este termo para todos os corpos cerâmicos com excepção da porcelana.
Ver BISCUIT
Usado para Biscoito

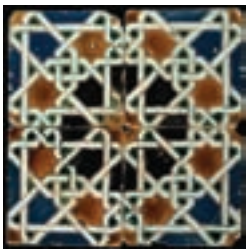
Azulejo em chacota
Gafanhoto
Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha
MNAz, inv. n.º T21

CHAMOTA – Argila que depois da calcinação a alta temperatura é moída com diferentes granulometrias. Normalmente é utilizada na composição de pastas refractárias e também como matéria desengordurante. Na conformação de peças de grande dimensão a adição de chamota à pasta facilita a secagem e dá-lhes maior robustez. As superfícies das pastas chamotadas são rugosas.

COLAGEM (TÉCNICA) – [1] Técnica de conformação que consiste na união com lambugem dos componentes de uma peça, por

exemplo, um pé, um bico ou uma asa, quando o barro já apresenta alguma dureza. [2] Usado também para a conformação de um objecto por rolos de argila: [3] Utilizado para caracterizado para a aplicação de elementos decorativos relevados sobre a superfície de uma peça em cru.

CONFORMAÇÃO – Transformação das pastas cerâmicas em artefactos segundos diferentes processos.
TE MOLDAGEM (TÉCNICA)
MODELAGEM (TÉCNICA)
TORNEAMENTO (TÉCNICA)
ROLOS (TÉCNICA)
EXTRUSÃO (TÉCNICA)
LASTRA (TÉCNICA)
COLAGEM (TÉCNICA)
CALIBRAGEM (TÉCNICA)



Azulejo Hispano-mourisco
Sevilha, inícios do século XVI
Corda seca com esmaltes policromos
MNAz, inv. n.º 101

CORDA SECA (TÉCNICA) – Técnica de decoração que consiste na inscrição dos motivos ornamentais marcados com uma mistura de óleo de linho com óxido de manganês sobre o azulejo já cozido. Estas linhas separaram as diferentes cores, evitando a sua mistura durante a fusão dos vidrados.
Ver ARESTA (TÉCNICA)
CORDA SECA FENDIDA (TÉCNICA)

CORDA SECA FENDIDA (TÉCNICA) – Técnica de decoração hispano-mourisca que consiste na gravação dos motivos decorativos através de cordas pressionadas nas placas de barro húmido, criando fendas. Depois da primeira cozedura, estas são preenchidas com óleo de linho e óxido de manganês para separarem as diferentes cores, evitando a sua mistura durante a fusão dos vidrados.

Azulejo em técnica de corda seca não fendida
Sevilha, Triana
MNAz, inv. n.º

CORES DE ALTO FOGO – Designação comercial dada aos óxidos coloridos, utilizados na pintura de objectos cobertos com vidrado cru. As temperaturas de fusão destas tintas vão de 980º a 1020º C.

CORES DE BAIXO FOGO – Designação comercial dada aos óxidos coloridos utilizados na pintura de objectos com vidrado cozido. As temperaturas de fusão das cores vão de 730º a 750ºC.

CORPO CERÂMICO – Designação comum da estrutura essencial de um objecto construída com pastas argilosas.

COZEDURA – Processo essencial de transformação física e química dos materiais cerâmicos, pastas argilosas, vidrados e esmaltes, sujeitando-os à acção de altas temperaturas, dando-lhe dureza e coesão física.

Ver PRIMEIRA COZEDURA
SEGUNDA COZEDURA
TERCEIRA COZEDURA
ATMOSFERA DE COZEDURA
FORNO

COZEDURA DE SAL (TÉCNICA) – Técnica geralmente aplicada nas peças de grés, revestimento transparente e incolor, muito fino, produzido num forno em cujo interior se colocou sal, cloreto de sódio, que se volatiliza entre 900º e 1300º C, depositando-se sobre a superfície dos objectos em chacota.

COZEDURA OXIDANTE – Cozedura numa atmosfera rica de oxigénio no interior do forno, que irá permitir a combustão completa dos metais contidos na argila e nos vidrados, sem alteração da cor natural do óxido.

Ver ATMOSFERA OXIDANTE

COZEDURA REDUTORA – Cozedura numa atmosfera rica em dióxido de carbono logo pobre em oxigénio. Esta combustão incompleta reduz os óxidos aos seus componentes metálicos. Ocorrem alterações de cor e textura das pastas e vidrados. As cores obtidas pela redução são densas, subtis e suaves.

Ver ATMOSFERA REDUTORA

Estatueta (craquelê)
Figura Feminina
Jorge Barradas
Lisboa, 1950
Faiança modelada e vidrada a branco
MNAz, inv. n.º C-10

CRAQUELÊ – [1] Fenómeno relacionado com tensões geradas entre o corpo cerâmico e o vidrado durante o processo de arrefecimento após a cozedura. Tem a aparência de pequenos sulcos e crateras superficiais originados pela libertação de gases durante o arrefecimento. Está relacionado com incompatibilidade entre os coeficientes de dilatação/contracção entre os vidrados e a chacota. [2] Técnica de decoração que explora de modo controlado a diferença dos coeficientes de dilatação/contracção entre vidrado e chacota, de modo a obter o efeito de uma fina malha orgânica, cujas fracturas podem ser realçadas por patines de tinta-da-china ou outro corante.

CRISTALIZAÇÃO – Cristais que se formam na superfície de alguns vidrados com composições especificas e sujeitos a arrefecimentos lentos após a cozedura, funcionando muitas vezes como revestimento decorativo da superfície cerâmica.

CROMOLITOGRAFIA (TÉCNICA) – Técnica de decoração industrial que consiste na impressão litográfica dos motivos decorativos sobre papel de decalque. São estes motivos decalcados em papel que se aplicam depois na superfície a decorar, fixando-se com a fusão dos vidrados.

DECALCOMANIA (TÉCNICA) – Técnica de decoração em que os motivos são aplicados sobre uma camada de vidrado já cozido, através de um papel especial endurecido com vernizes e com os ornatos definidos com tintas cerâmicas. O papel é previamente humedecido, para facilitar a aderência ao vidrado. O excesso de água é retirado e a peça é submetida a uma terceira cozedura.

DECORAÇÃO
TE AEROGRAFIA (TÉCNICA)
ARESTA (TÉCNICA)
BRUNIDURA (TÉCNICA)
CORDA SECA (TÉCNICA)
CROMOLITOGRAFIA (TÉCNICA)
DECALCOMANIA (TÉCNICA)

DOURAGEM (TÉCNICA)
ESGRAFITADO (TÉCNICA)
ESMALTAGEM (TÉCNICA)
ESTAMPAGEM (TÉCNICA)
ESTAMPILHAGEM (TÉCNICA)
FOTOCERÂMICA (TÉCNICA)
GRÃO DE ARROZ (TÉCNICA)
INCISÃO (TÉCNICA)
INCRUSTAÇÃO (TÉCNICA)
LUSTRE (TÉCNICA)
MARMOREADO (TÉCNICA)
PASTA SOBRE PASTA (TÉCNICA)
PRATEAR (TÉCNICA)
RAKU (TÉCNICA)
RELEVO (TÉCNICA)
SERIGRAFIA (TÉCNICA)
TUBAGEM (TÉCNICA)

Painel de enxaquetado rico ou de caixilho
Lisboa, 1610-1650
Faiança policroma
MNAz, inv. n.º 6240

Enforna

DOURAGEM (TÉCNICA) – Técnica de decoração de aplicação de ouro sobre a superfície já vidrada, feita em diluição e sujeita uma cozedura de baixa temperatura ou em cozedura de mufla.

ENFORNA – Acto de dispor as peças no interior do forno para a cozedura. É feita de duas maneiras diferentes, em função das duas fases essenciais de cozedura da produção cerâmica: a primeira, com as peças em pasta argilosa crua e seca empilhadas apenas umas sobre as outras; a segunda, com as peças em chacota e já com revestimento de vidro e decoração, arrumadas sobre placas refractárias, trempes, cantoneiras e gazetes, evitando-se o contacto físico entre elas durante a cozedura.

ENGOBE (TÉCNICA) – Técnica de pintura com argila líquida, corada com óxidos ou pigmentos, aplicada sobre o corpo cerâmico ainda cru. As peças podem ser apenas ser submetidas a uma única cozedura, mono cozedura, ou ser ainda cobertas com um vidrado fino e transparente e ser cozidas segunda vez.

ENXAQUETADO (TÉCNICA) – Composição decorativa obtida por um esquema de aplicação de azulejos, em meia esquadria, com formas geométricas e dimensões variáveis, separados por faixas rectangulares, em geral de cores lisas. Este tipo de composições utilizou-se em revestimentos parietais desde a segunda metade do século XVI até meados do século XVII.

ESCACILHAR – Fazer lascas com um pequeno martelo nos bordos do tardoz de um azulejo de modo a criar arestas irregulares na chacota que facilitam a justaposição e a aplicação dos azulejos à parede.

Azulejo com caracter gótico
Sevilha, início do século XVI
Técnica de esgrafitado
MNAz, inv. n.º 1340

ESGRAFITADO (TÉCNICA) – Técnica de decoração em que se retira com o auxílio de um estilete a camada vidrada do corpo cerâmico, deixando visível a chacota, assim configurando os motivos decorativos.
Ver ESTILETE

ESMALTAGEM (TÉCNICA) – Técnica de decoração que consiste na cobertura directa do corpo cerâmico com esmaltes. Pode ser executada através de pêra, pincel, trincha, banho ou aerografia.

ESMALTE – Vidrado opaco, corado com óxidos metálicos, adquirindo a cor dos respectivos óxidos.

ESPONJADO (TÉCNICA) – Técnica de aplicação das cores com uma esponja ou um trapo embebidos em pigmentos sobre o corpo cerâmico vidrado, de modo a obter uma decoração com aparência de pedra. Usados num único azulejo constituem com frequências faixas de rodapé.

ESTAMPAGEM (TÉCNICA) – Técnica de decoração industrial que consiste na aplicação dos motivos decorativos directamente na chacota simples ou já com vidrado, através de papéis endurecidos ou placas metálicas que transportam directamente as tintas para a superfície cerâmica a decorar.

Travessa
Século XIX/XX
Estampagem monocroma a verde
MNAz, inv. n.º C-148

ESTAMPILHAGEM (TÉCNICA) – Técnica de decoração semi industrial que consiste na aplicação sobre o vidrado cru de estampilhas, papéis encerados ou acetatos com os motivos decorativos recortados. Encostada a estampilha à chacota, o desenho é transferido pela passagem de uma trincha embebida em tinta, ficando assim transposto o desenho aberto na estampilha.
Para cada cor usa-se uma estampilha diferente, consoante o número de cores necessárias.

ESTILETE – Instrumento de metal delgado e pontiagudo utilizado na técnica do esgrafitado.

ESTRESIDO – Papel com o desenho de uma imagem que se deseja transferir para a superfície vidrada do objecto cerâmico. O desenho deve ser picotado com um picador e é através desses pequenos orifícios que, com uma boneca de pano cheia de carvão, os motivos são passados para a superfície com o vidrado cru.
Este desenho com pontos a carvão serve depois como referência para a pintura.

Painel de azulejos
Padrão de Campainhas
Lisboa, Fábrica Cerâmica Viúva Lamego
Finais do século XIX
Faiança estampilhada policroma
MNAz, inv. n.º 5967

ESTRESIR – Acto de transferir o desenho para o corpo cerâmico com o auxílio do estresido.

FAIANÇA – Produto cerâmico obtido através do revestimento da chacota com vidrado estanífero, sobre o qual se executa a decoração em pintura directa, por estampilha ou por estampagem.
Usado para MAJÓLICA

Forno

FORNO – Equipamento de cozedura dos materiais cerâmicos que pode ter uma infinidade de configurações, consoante os produtos desejados, o volume de produção e os lugares geográficos,
No ocidente e de um modo tradicional é construído com tijolos refractários e metal, e composto por três partes essenciais: a fornalha, onde arde o combustível, a câmara de cozedura, onde se colocam as peças cerâmicas e que pode ter vários andares, e a chaminé.
A evolução tecnológica trouxe mudanças nas configurações dos fornos, por exemplo, por serem alimentados não pela combustão da madeira mas de gás ou de electricidade, e desenhados para responder a grandes volumes de produção, com forma em túnel ou contínuo.
Ver COZEDURA

FOTOCERÂMICA (TÉCNICA) – Técnica de decoração a partir de um procedimento fotográfico de revelação, não permanente e que só deve ser usado em peças não funcionais. A superfície da peça esmaltada e cozida, é molhada com uma emulsão líquida. Depois de seca, é exposto, sobre a peça, o negativo fotográfico e a imagem é revelada e fixada.

FUNDENTE – Matérias que se adicionam aos vidrados para fazer diminuir o ponto de fusão de matérias de alta temperatura. Adicionadas aos óxidos, permitirão uma maior aderência ao suporte (vidrado ou chacota). Os fundentes alcalinos favorecem uma vitrificação mais lenta e progressiva.

GAZETE – Caixas de argila refractária, nas quais se condicionam no forno as peças para as proteger do efeito directo do fogo, fumo e vapores. Podem ter vários formatos. Permitem o empilhamento das peças no interior do forno.
Usado para Caixa

GESSO CERÂMICO – Mineral composto por sulfato de cálcio. É muito utilizado nas fases que antecedem a produção cerâmica, pelas suas características de densidade e porosidade. O gesso em pasta pode ser empregue para se retirar o molde, por exemplo, a peças modeladas em barro.
Em estado líquido serve para construir o molde de uma peça que se pretende reproduzir em grande quantidade.
Seco e em placas é usado como superfície de secagem do barro húmido. O gesso cerâmico pode ser impermeabilizado com goma-laca. Aumentando assim a sua dureza.

GRANULOMETRIA – Termo genérico referente ao tamanho e distribuição das partículas que formam a pasta cerâmica depois de cozida.

GRÃO DE ARROZ (TÉCNICA) – Técnica de decoração chinesa, que consiste em pressionar grãos de arroz na superfície da peça de porcelana em cru. Durante a cozedura, o arroz queima deixando um espaço vazio que é posteriormente preenchido com um vidrado transparente, dando um efeito translúcido à decoração.

GRÉS – Produto cerâmico cuja pasta vitrifica entre os 1150º C e os 1350º C, e cuja composição é muito rica de sílica, quartzo e feldspato. Segundo a sua origem e quantidade de óxido de ferro pode adquirir tons que vão desde o branco, cinzento ao castanho.

Imersão (Técnica)
Use BANHO (TÉCNICA)

INCISÃO (TÉCNICA) – Técnica de decoração que consiste na gravação com um instrumento pontiagudo, no barro ainda cru, de um motivo decorativo.

INCRUSTAÇÃO (TÉCNICA) – Técnica de decoração que consiste em preencher os motivos decorativos incisos com argilas de colorações diferentes.

LAMBUGEM – Pasta argilosa muito diluída em água que funciona como material de fixação entre os diferentes componentes de um objecto cerâmico.

LASTRA (TÉCNICA) – Técnica de conformação do objecto cerâmico a partir de placas de argila estendidas entre bitolas que lhe dão uma espessura constante.

LUSTRE (TÉCNICA) – Técnica de decoração de modo a obter um resultado semelhante a uma fina película metálica sobre a decoração já vidrada.
Os vidrados de lustre são preparados comerciais que fundem numa terceira cozedura, a baixas temperaturas, entre 500º e 800ºC. Apesar de serem fundidos são superfícies muito frágeis. Não confundir com brilhos metálicos.

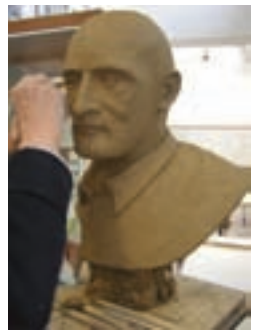
Majólica – Designação de uma cerâmica em que a chacota era coberta integralmente com vidrado de óxido de estanho e depois decorada a pincel e sujeita a segunda cozedura. Por hipótese, o termo terá tido origem em Maiorca, um dos centros desta técnica, mas vulgarizou-se para designar a imensa produção nesta técnica cerâmica durante os séculos XV e XVI, nomeadamente as peças historiadas italianas, com incidência nas de Faenza.
Use FAIANÇA

MARMOREADO (TÉCNICA) – Técnica de decoração pintada que finge a aparência do mármore.

MOBILIÁRIO DE ENFORNA – Conjunto de equipamentos usados como contentores, suportes ou separadores as peças cerâmicas durante a cozedura. São produzidos em argila refractária para suportar o uso continuado.

Ver GAZETES
TREMPES

MODELAGEM (TÉCNICA) – Técnica de conformação de uma peça com o uso directo das mãos e de utensílios manuais, estando a massa de argila assente num torno.


Modelagem

MOLDAGEM (TÉCNICA) – Técnica de conformação da peça cerâmica pela aplicação manual da pasta mole ou pelo derrame da pasta líquida num molde único ou constituído por vários tasselos.

MOLDE – Peça única ou composta por diversas secções complementares, os tasselos, geralmente em gesso ou metal, que permitem reproduzir uma mesma peça em grande número.

Molde

MONOCOZEDURA – Consiste numa cozedura única do corpo cerâmico, dando-se em simultâneo a transformação da argila em chacota e a fusão dos materiais de decoração.

MUFLA – Forno de reduzidas dimensões muito utilizado para experiências de vidrados.

OPACIFICANTE – Matérias adicionadas aos vidrados para os tornar opacos.vidrados, esmaltes e pastas argilosas.
TE PIGMENTO
ÓXIDO DE COBALTO
ÓXIDO DE COBRE
ÓXIDO DE CRÓMIO
ÓXIDO DE FERRO
ÓXIDO DE MANGANÊS
ÓXIDO DE NÍQUEL
ÓXIDO DE URÂNIO
ÓXIDO DE VANÁDIO

ÓXIDO DE ANTIMÓNIO – Opacificante de vidrado que pode substituir o óxido de estanho ou o de zircónio. Combinado com

chumbo e estanho, a baixa temperatura, dá amarelo de Nápoles.

ÓXIDO DE COBALTO – Corante muito activo, utilizado para os tons de azul. Em grandes quantidades pode ser usado como fundente. Misturado com óxido de zinco obtêm-se azuis intensos; com óxido de magnésio, os tons púrpura; com óxidos de ferro, cobre e níquel, diferentes tonalidades de azul.

ÓXIDO DE COBRE – Corante para os tons de verde. Sobre vidrados alcalinos, produz tons de azul. Nos vidrados de chumbo, em cozedura oxidante, produz verdes intensos e, quando fundido em atmosfera redutora, uma gama de vermelhos. Misturado com cobalto, produz uma gama de verdes azulados. Com ferro, urânio, vanádio, níquel e rútilo, origina verdes amarelados e verde musgo.

ÓXIDO DE CRÓMIO – Corante refractário cuja cor não se altera nem em atmosfera redutora nem oxidante. A cor obtida a partir deste óxido altera-se com o componente adicionado: com zinco, o verde passa a rosa acastanhado; com chumbo, fica mais amarelado; no vidrado alcalino, origina tons escuros; com estanho e chumbo dá esmaltes rosas e vermelhos; com maior percentagem de chumbo, laranja avermelhado.

Altera-se também com baixa temperatura, resultando em amarelos, vermelhos, rosas, castanhos e verdes e com alta temperatura em rosas, azul esverdeado e verde-esmeralda.

ÓXIDO DE ESTANHO – Opacificante dos vidrados, caracterizado por conferir um branco cremoso e usado para cozeduras a baixa temperatura. Dá um tom rosado em alguns vidrados e às vezes um acabamento lustroso. É usado para o rosa de crómio.

ÓXIDO DE FERRO – Corante muito activo. Aparece sob duas formas, o óxido de ferro vermelho que é sulfato ferroso calcinado, e o óxido de ferro negro. Responsável pela coloração avermelhada das argilas, é considerado uma impureza nas argilas claras. Em

cozedura com atmosfera redutora origina uma gama de verdes e combinado com outros óxidos pode, igualmente, originar azuis.

ÓXIDO DE MANGANÊS – Corante. Apresenta-se sob a forma de bióxido de manganês e a sua cor natural é castanho arroxeado. Emprega-se quando se pretende obter tons violáceos (castanhos ou azuis). Sobre vidrados alcalinos, produz tons de azul violáceo. Misturado com óxido de ferro e crómio produz preto. Com óxido de cobalto produz violetas profundos.

ÓXIDO DE NÍQUEL – Corante refractário que origina colorações acastanhadas, amareladas, esverdeadas e acinzentadas. Aparece sob duas formas: óxido de níquel negro e óxido de níquel verde. Em vidrados com elevado teor de zinco e em atmosfera redutora, origina amarelos brilhantes, púrpuras e azuis. Isoladamente origina cinzentos, verdes e azuis. É pouco empregue devido à sua grande instabilidade.

ÓXIDO DE SÓDIO – Fundente muito activo que aumenta a fluidez do vidrado durante a fusão. É utilizado na cerâmica sob a forma de carbonato, fosfato ou silicato. Combina-se muito bem com outros óxidos corantes, particularmente os de azul e turquesa. O seu coeficiente de dilatação é muito elevado, o que diminui a elasticidade e a resistência à tensão provocando rachas na superfície vidrada.

ÓXIDO DE TITÂNIO – Opacificante muito activo e de todos o que produz melhor branqueamento. Pode originar texturas, formar cristais nos vidrados, e alterar algumas cores. Confere tons amarelados ou azulados.

ÓXIDO DE URÂNIO – Corante principalmente usado na pintura sobre porcelana que surge sob duas formas: o bióxido de urânio que, a baixa temperatura e em vidrados de chumbo, origina vermelho alaranjado; e o óxido de urânio, salino que produz amarelos pálidos nos vidrados alcalinos e amarelos alaranjados nos vidrados de chumbo. A alta temperatura, em atmosfera oxidante

e em combinação com vidrados calcários resulta um amarelo limão, e em atmosfera redutora dá negro.

ÓXIDO DE VANÁDIO – Corante obtido pela calcinação do anidrido (ácido) de vanádio que é um metal muito duro que funde a uma temperatura de 1750ºC. Com este óxido obtêm-se cores amarelas, e em atmosfera redutora, cinzentos.

ÓXIDO DE ZINCO – Fundente para altas temperaturas que misturado com o cobre dá turquesa e com o crómio dá tons de terra queimada. Empregue em quantidade excessiva torna o vidrado demasiado refractário e viscoso. Tende a opacificar os vidrados e o branco é rosado.

Para além do brilho, aumenta a dureza e a durabilidade dos vidrados, e quando usado em alto grau de saturação produz texturas cristalinas.

ÓXIDO METÁLICO – Metal combinado com oxigénio, sob forma de pó moído. O óxido de silício é essencial para qualquer vidrado, podendo todos os outros, integrara ou não, a sua composição. Conferem propriedades transparentes, alcalinas, opacas ou matizadas.

Os óxidos, segundo a valência dos átomos do oxigénio, dividem-se nos seguintes grupos: RO-R2O, óxidos que actuam como fundentes; R2O3, os que interferem na viscosidade; e os RO2, os que produzem a vitrificação.

PASTA – Designa a mistura de várias argilas, de características diversas, plásticas ou não, que compõem o corpo cerâmico.

PASTA SOBRE PASTA (TÉCNICA) – Técnica de decoração utilizada na porcelana, que consiste na aplicação sobre a superfície do objecto de sucessivos níveis de pastas coloridas por diferentes óxidos.

PIGMENTO – Substância corante, geralmente em pó fino e no estado seco, utilizada na preparação de cores cerâmicas. Os pigmentos

são formados por óxidos metálicos, misturados com outras matérias inorgânicas (caulino, vidro transparente, fundentes, feldspato, etc.).

PÓ-DE-PEDRA – Pasta cerâmica de granulometria fina a que se adiciona caulino para obter maior brancura e dureza.

PORCELANA – Produto cerâmico de pasta muito fina, densa, branca e translúcida, geralmente revestida com vidrado transparente e incolor.

A matéria-prima principal da sua composição é o caulino muito lavado, a que se associam o quartzo e o feldspato finamente moídos, em moinho de bolas.

O feldspato mais usado é o de potássio pois proporciona elevada estabilidade contra a deformação dos objectos durante a cozedura.

Consoante a temperatura e a quantidade de cada uma das matérias-primas assim é classificada: " porcelana dura", cozida entre 1380 e 1460ºC e que exige uma atmosfera redutora entre os 1050 e os 1460º C; e a "porcelana macia", cozida entre os 1170 e 1270º C e que exige atmosfera oxidante entre 1170 e 1270ºC. Para aumentar a plasticidade da porcelana, é por vezes, misturada argila em bolas, "ball clay", à pasta de porcelana "macia".

PRATEAR (TÉCNICA) – Técnica de decoração de aplicação da prata que funde a temperatura muito baixa. Depois de brunir, deve ser lavada com bicarbonato de sódio e polida com um pano macio. Pode ser incorporada sob a forma de cloreto carbonato de prata, para vidrados com reflexos metálicos.

PRIMEIRA COZEDURA – Primeira cozedura da pasta cerâmica, sem vidrado, sujeitando-a, normalmente, a temperaturas entre 800º C e 900º C. Esta cozedura corresponde a um segundo momento da transformação física e química do corpo cerâmico depois da argila mole ser conformada, sendo o primeiro o da secagem, período durante o qual a argila perde água apenas por exposição atmosférica.

Ver COZEDURA

Pote com tampa
Lisboa, Real Fábrica de Louça, ao Rato
1717-1835
Faiança de pó de pedra, rodada, moldada e vidrada a transparente
MNAz, inv. n.º C-355

Azulejo Arts & Crafts
Minton, segundo desenho de Moyr Smith,
Finais do século XIX
Pó de pedra estampado
MNAz, inv. n.º 7866

Peça Raku
Martim Santa-Rita

RAKU (TÉCNICA) – Técnica de decoração japonesa obtida através do arrefecimento brusco das temperaturas da cozedura. As peças são conformadas em pastas refractárias, cozidas a baixa temperatura, decoradas e submetidas a uma segunda cozedura, também a baixa temperatura. A técnica especial deste processo de decoração é de retirar as peças do forno em estado incandescente e colocá-las num recipiente metálico com serradura que, tapado de imediato com outro contentor metálico, provoca uma brusca redução de oxigénio e de temperatura. O fumo produzido tende a ligar-se com o oxigénio da superfície da peça, produzindo craquelês enegrecidos.

Prato
Espanha, Manises
Último terço do século XV
Faiança. Pintura com reflexos metálicos
MNAA, inv. 6802 Cer

REFLEXO METÁLICO (TÉCNICA) – Técnica que consiste em dar brilho metálico ao vidrado, fazendo realçar, através de cozedura numa atmosfera redutora, os elementos metálicos dos óxidos com que se aplicaram os motivos decorativos.

REFRACTÁRIOS – Argilas cauliníticas, capazes de resistir a altas temperaturas e de suportar choques térmicos sem fracturar.

RELEVO (TÉCNICA) – [1] Técnica de decoração que consiste na marcação do motivo decorativo na pasta ainda húmida por meio de moldes de madeira, gesso ou metal. Este é gravado no molde como reentrância, ficando a pasta marcada com os relevos. [2] Técnica de decoração que consiste em fazer aplicação de ornatos moldados em relevadas sobre as superfícies lisas de um recipiente.

Azulejo
Perfil de Mulher
Estados Unidos da América, 1880-1890
Barro moldado com vidrado transparente
MNAz, inv. n.º 6923

Terrina (?)
Norte, 2.ª metade do século XIX
Faiança moldada e relevada
Pintura a azul sobre branco
MNAz, inv. n.º C-27

RODA (TÉCNICA) – Técnica de conformação que consiste na utilização de um mecanismo estruturalmente constituído por dois círculos de madeira ligados entre si por um eixo vertical; o primeiro é menor e está colocado ao nível de um homem sentado; o segundo é maior e está ao nível dos seus pés. No círculo superior é colocada a pasta cerâmica que o oleiro vai modelar directamente com as mãos, e no círculo inferior são induzidos movimentos circulares pelo pé do próprio oleiro.

ROLOS (TÉCNICA) – Técnica de conformação manual mais antiga de peças cerâmicas. Consiste na justaposição e colagem em altura de rolos de argila feitos à mão.

Os rolos formam-se enrolando o barro sobre uma superfície plana com as palmas das mãos, sendo necessário fazer depois pequenas incisões cruzadas na superfície de cada um deles, aplicando lambugem, garantindo assim uma melhor colagem entre os sucessivos rolos.

É possível encontrar-se peças que foram depois alisadas com tanta perfeição, que as suas superfícies ficam semelhantes à de uma peça de roda ou mesmo de molde.

SECAGEM – Acção lenta a que é sujeito um objecto cerâmico depois de conformado na argila mole, em ambiente natural ou de oficina, e a que corresponde à perda de cerca de 90% da água que a constitui, ganhando deste modo maior dureza, tornando-a apta para uma primeira cozedura.

SEGUNDA COZEDURA – Sucedendo a primeira cozedura em que o objecto conformado em argila se transforma em chacota, à segunda cozedura corresponde a fusão dos vidrados com as tintas empregues na decoração do objecto.

Esta cozedura, também designada de alto fogo, atinge temperaturas entre 800º C e 1300º-1350º C, fundindo os vidrados e garantindo uma forte coesão entre a chacota e o respectivo revestimento.

Ver COZEDURA

Placa cerâmica Faina da Pesca
Jorge Colaço
Fábrica Lusitânia, 1930-1940
Faiança serigrafada
MNAz, inv. n.º 7184

SERIGRAFIA (TÉCNICA) – Técnica de decoração em que os motivos são transferidos para a chacota ou para o vidrado com o

auxilio de bastidores de seda, onde foram previamente desenhados os elementos da decoração, distribuídas entre zonas cheias e vazias. Os bastidores actuam como uma estampilha não permitindo que os pigmentos passem para determinadas áreas da imagem.

TASSELOS – Cada uma das secções que constituem a totalidade do molde de gesso de um objecto.

TERRACOTA – Produto cerâmico de pasta vermelha, coada, bastante porosa, cozida e sem revestimento vítreo.

TORNEAMENTO (TÉCNICA) – Técnica de conformação ou de acabamento de uma peça em barro pela repetição regrada de movimentos circulares.
Ver RODA

TORNO MECÂNICO – Mecanismo de conformação de peças cerâmicas, semelhante à roda mas com a adição de um motor eléctrico.

TORNO TRADICIONAL
Ver RODA

TREMPE – Suporte de três pés, em barro refractário, para separar as peças e evitar que se colem entre si e às placas refractárias durante a segunda cozedura.

TUBAGEM (TÉCNICA) – Técnica de decoração que consiste em desenhar os contornos dos motivos decorativos com separadores lineares de engobe engrossado com areias, aplicados na chacota ainda não cozida e que funcionam depois como limite entre os esmaltes.

VIDRADO – Preparado à base de vidro em pó misturado com óxidos e outras substâncias e que cobre a superfície das peças cerâmicas. Tem por finalidade primeira impermeabilizar o objecto em cha-

cota, aumentar a resistência física da superfície à acção dos agentes externos, e também ser meio de decoração.

VIDRADO ESTANÍFERO – Vidrado branco e opaco com predominância de óxido de estanho na sua composição.

VIDRADO MATE – Vidrado opaco, sem brilho, de toque macio e superfície homogénea.

VIDRADO PLUMBÍFERO – Vidrado transparente capaz de grande brilho, cuja composição tem uma grande percentagem de óxido de chumbo.

VIDRAGEM (TÉCNICA) – Técnica de cobrir com vidrado ou esmalte, uma peça cerâmica crua ou em chacota. Este termo também pode estar associado aos vidrados de sal.

CONSERVAÇÃO

Deve consultar-se as Normas Gerais de Inventário sobre os princípios da conservação, referindo, a lista seguinte, as patologias e defeitos de fabrico mais correntes da Cerâmica.

Patologias

A deterioração da cerâmica está relacionada com os factores ambientais e com as degradações, mecânica e química.

A maior ou menor degradação das cerâmicas está também relacionada com as diferentes composições, manufactura e temperatura de cozedura das peças.

ABRASÃO (Desgaste por) – Perda gradual de material da superfície, por fricção com um outro objecto, de igual ou maior dureza. Pode resultar de um acto único ou de actos repetidos durante um longo tempo de uso.

Exemplos de Abrasão

CABELO

Use FISSURA

COLAGEM – União dos fragmentos com uma substância com propriedades adesivas, para a reconstituição da forma do objecto. Quando inadequadamente realizada poderá conduzir à deterioração parcial ou total da peça. Pode ser caracterizada por: antiga ou recente; com ou sem qualidade; tipo de adesivo.

Destacamento de vidrado

Eflorescências de sais

Empolamento do vidrado

Esbeiçadela

Falha de vidrado

CONCREÇÃO – Massa, com alguma dureza, formada pela sedimentação de partículas sobre a superfície do objecto, como por exemplo, depósitos de calcário.

DESAGREGAÇÃO – Desprendimento fácil de partículas da superfície cerâmica, manifestada por um aspecto pulverulento.

DESTACAMENTO DE VIDRADO – Desprendimento da superfície vítrea em forma de escama, ou bolsa.

DESPIGMENTAÇÃO – Perda do cromatismo original, do objecto cerâmico, pela aplicação indevida de detergentes abrasivos, lixívias e ácidos, ou mesmo, pela acção dos agentes climatéricos. Situação especialmente evidente nas produções industriais que recorrem à decoração por decalcomania.

EFLORESCÊNCIAS DE SAIS – Depósitos de filamentos cristalinos, normalmente de coloração branca, na superfície da peça. Em painéis de azulejo *in situ*, tendem a surgir em linhas de fractura ou nas juntas entre os azulejos.

EMPOLAMENTO DO VIDRADO – Desprendimento do vidrado, da chacota, deixando um espaço oco entre os dois, em forma de bolsa.

EROSÃO (Desgaste por) – Desgaste contínuo da superfície da cerâmica, provocada pelos agentes atmosféricos.

ESBEIÇADELA – Falha de pasta cerâmica geralmente nos pontos mais frágeis dos objectos, como os bordos e bases, geralmente por consequência de um choque físico violento.

FALHA DE VIDRADO – Ausência de vidrado, normalmente, pontual, como resultado dos factores de degradação a que a peça esteve sujeita. Pode ser caracterizada por recente ou antiga.

FISSURA – Fenda, de profundidade variável, que não chega a separar os fragmentos, originada por um conjunto de solicitações físicas, de origem variada, a que o corpo cerâmico é submetido.

FRACTURA – Separação total ou parcelar de partes de uma peça, resultante de um choque físico violento ou da fissuração interna da pasta. Pode ser caracterizada por recente ou antiga.

FRAGMENTOS – Partes constituintes da peça, após a fractura.

GATOS – Prática antiga de fixação dos fragmentos, que constituem uma peça, com o auxílio de agrafos metálicos.

LACUNA – Área em falta no original, que pode ser diferenciada por lacuna de suporte (ex.: um azulejo; uma asa, etc.) ou de fragmentos.

LINHA DE FRACTURA – Refere-se à linha de separação, por ruptura, dos fragmentos.

Fissura

Fractura

Fragmentos

Gatos

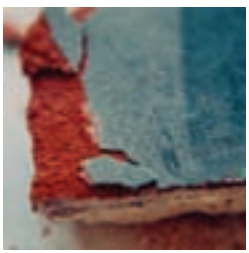
Lacuna

Linha de fractura

Líquenes

Mancha

Mancha de ferro



Pulverulência

LÍQUENES – Espécie vegetal composta por dois organismos, um fungo e uma alga, em simbiose. Desenvolvem-se sobre as superfícies das cerâmicas, especialmente, no exterior e em zonas com vegetação abundante.

MANCHA – Coloração diferenciada da que caracteriza a superfície da peça, proveniente do contacto ou da proximidade com outros materiais (ex.: gorduras, metais oxidados, etc.).

MANCHA DE FERRO – Mancha ocre-avermelhado originada pela deposição e impregnação de óxidos de ferro, na superfície das peças cerâmicas, resultantes da corrosão daquele metal. Normalmente, surge por contacto ou proximidade, com elementos metálicos em ferro.

MICRORGANISMOS – Algas, musgos e líquenes que se alimentam de materiais inorgânicos. Desenvolvem-se na superfície do material cerâmico, em maior ou menor profundidade.

PULVERULÊNCIA – Alteração física na coesão da estrutura cerâmica para um estado de desagregação de partículas.

REPINTES – Camadas de tinta aplicadas sobre as superfícies vidradas para ocultar, danos por degradação (ex.: linhas de fractura), defeitos de fabrico, preenchimentos, ou mesmo, para modifica-

Repintes

ção da decoração. São facilmente identificáveis quando envelhecidos, pela alteração cromática.

RESTAURO – Reintegração volumétrica e pictórica das lacunas, geralmente, com materiais sintéticos. Pode ser caracterizado por: intervenção recente ou antiga.

Restauro antigo

SUJIDADE – Quaisquer depósitos superficiais de matérias estranhas ao corpo cerâmico (pós, gorduras, concreções calcárias ou manchas).

SUPERFÍCIE DE FRACTURA – Superfície interna do fragmento, na zona de fractura.

Defeitos de Fabrico

Um objecto cerâmico, mesmo antes de qualquer uso, pode apresentar defeitos que são consequência das qualidades dos materiais e dos processos de manufactura e cozedura.

Os principais defeitos de fabrico estão maioritariamente relacionados com o vidrado, por vezes confundidos, com sinais de degradação.

Na produção cerâmica moderna e contemporânea, alguns desses defeitos têm sido explorados como efeitos decorativos.

Superfície de fractura

Craquelê de envelhecimento

CRAQUELÊ – Linhas de fissura no vidrado, que aparecem depois do arrefecimento da peça, e que se tornam mais visíveis ao longo do tempo, com a penetração de sujidades.

Esta ocorrência está associada às diferenças entre os coeficientes de dilatação do vidrado e da chacota.

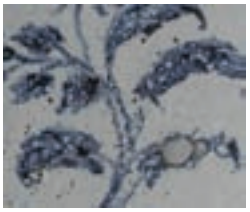
O craquelê pode ser provocado, constituindo valorização estética do objecto cerâmico.

Pode surgir, igualmente, como consequência de processos de degradação.

Craquelê provocado intencionalmente

Defeito por colagem na cozedura

Deformação



Ebulição do vidrado

Enrolamento do vidrado

Fissura estrutural

CORTE – Procedimento antigo que consistia no seccionamento recto de um recipiente cerâmico quando fragmentado, mais frequentemente, em jarras e canudos, deixando a chacota à vista, podendo ou não receber um acabamento metálico.

DEFEITO POR COLAGEM NA COZEDURA – Sinais deixados nos objectos cerâmicos, que resultam da colagem de peças, entre si, durante a cozedura. É consequência da inadequada distribuição das peças no interior do forno, que se colam aquando da fusão e, posterior, arrefecimento dos vidrados.

DEFORMAÇÃO – Conformação defeituosa do objecto cerâmico, ocorrida durante as fases de secagem ou cozedura.

EBULIÇÃO DO VIDRADO – Vulgarmente designada por refervido, caracteriza-se pela formação de ampolas, normalmente abertas e com contorno limítrofe em aresta viva, resultante de uma incorrecta cozedura.

EMPENO – Deformação sofrida por um objecto com forma regrada, seja no sentido horizontal seja vertical.
Use DEFORMAÇÃO

ENROLAMENTO DO VIDRADO – Áreas de formato irregular com áreas sem vidrado, deixando a chacota à vista, e que podem surgir em qualquer parte da peça. Quando a retracção do vidrado é grande e a chacota surge sem vidrado, o fenómeno pode estar associado com a presença de matérias gordas na superfície da chacota.
Pode estar associado também ao escorrimento de excesso de vidrado sobre a chacota, sendo então visível nas arestas ou nas reentrâncias das peças. O enrolamento do vidrado ocorre também na área circundante a uma fissura estrutural da chacota.

FISSURA ESTRUTURAL – Fenda no objecto em chacota, de profundidade variável, que contudo não chega para o fragmentar. Este defeito poderá estar relacionado com uma pasta mal amassada e

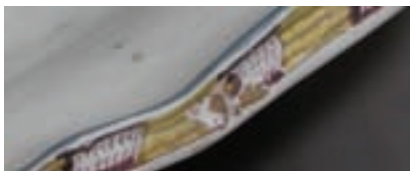
homogénea, logo com bolhas de ar no seu interior, resultar de uma secagem deficiente da pasta argilosa, ou ainda pelo aquecimento demasiado rápido da peça, no interior do forno.

MARCAS DE MATERIAL DE ENFORNA – Referem-se a todas as irregularidades na superfície das peças, provocadas pela colagem de elementos refractários, usados na separação de peças vidradas no interior do forno.

TREMPES

PRISMAS

Trempes (marcas)



Prismas (marcas)

TREMPES (marca) – Em geral, três pontos, em alto-relevo e sem vidrado, equidistantes em disposição triangular, correspondentes às extremidades das trempes, utilizadas para a separação das peças empilhadas e vidradas no interior do forno.

PRISMAS (marca) – Em geral, três pontos, em baixo-relevo e sem vidrado, equidistantes em disposição triangular, correspondentes ao local de encosto dos prismas de sustentação, utilizados na separação de peças no interior de caixas ou gazetas. É, particularmente, comum surgirem no bordo de peças em faiança, como travessas e pratos.

PICADO – Pequenas crateras, não muito profundas, que têm origem na libertação de gases durante o arrefecimento e são caracterizadas por terem as arestas curvilíneas. Surgem isolada e aleatoriamente numa peça.

Picado

PICADO MÚLTIPLO – Pequenas crateras, pouco profundas, originadas pelo excesso de vidrado. São caracterizadas por terem os bordos arredondados. Em geral surgem em grande número, concentradas na mesma área como zonas de reentrância das peças (ex. junto ao frete de faianças, nas concavidades de esculturas, etc.).

OCULTAÇÃO DE FISSURA – Linhas, normalmente verticais, em baixo-relevo, com arestas vidradas e curvilíneas, resultado da ocultação de fissuras que surgiram na 1.ª cozedura, por aplicação de vidrado e decoração. Este defeito é, comummente, encontrado em peças de grande dimensão e está relacionado com a garantia do seu aproveitamento.

Ocultação de fissura

ANEXO

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA

INSTITUIÇÃO / PROPRIETÁRIO Museu Nacional do Azulejo
SUPER-CATEGORIA Artes Plásticas, Artes Decorativas, etc.
CATEGORIA Cerâmica
SUBCATEGORIA Cerâmica de arquitectura
DENOMINAÇÃO Telha
N.º DE INVENTÁRIO C-128

IDENTIFICAÇÃO

DESCRIÇÃO
Forma semicircular decorada com aves e elementos florais com remate de palmetas estilizadas. Peça monocroma: azul sobre branco

AUTORIA

NOME Desconhecido
TIPO Autor

PRODUÇÃO

CENTRO DE FABRICO Porto
LOCAL DE EXECUÇÃO Portugal

DATAÇÃO

ANO(S) 1850 d.C. - 1900 d.C.
SÉCULO(S) XIX d.C.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

MATÉRIA Barro
TÉCNICA Faiança estampilhada

DIMENSÕES

ALTURA (CM) 87,5
LARGURA (CM) 17
PESO (KG) 7

CONSERVAÇÃO

ESTADO Bom
ESPECIFICAÇÕES Escassas falhas de pasta e vidrado
DATA 03 / 09 / 1999

INCORPORAÇÃO

DATA DE INCORPORAÇÃO 00 / 01 / 1997
ANO(S) 1997 - 0
MODO DE INCORPORAÇÃO Doação
DESCRIÇÃO Oferta do Comandante Alberto Covas

LOCALIZAÇÃO

LOCALIZAÇÃO Reservas
LOCALIZAÇÃO Reserva n.º 4 - Estante 3 (lado direito); Prat. 5D
DATA 16 / 09 / 2004

LOCALIZAÇÃO Exposição
LOCALIZAÇÃO Sala séc. XIX-XX; 1.º andar
DATA 03 / 09 / 1999

IMAGEM

TIPO REGISTO Imagem
NÚMERO A2; F19; 6/4
TIPO Transp. a Cores
LOCALIZAÇÃO MNA
AUTOR Porfíria Formiga

TIPO REGISTO Imagem
NÚMERO IFN PROV 23
TIPO Transp. a Cores
LOCALIZAÇÃO DDF-IPM
AUTOR José Pessoa

BIBLIOGRAFIA

TÍTULO O Brasil e a cerâmica antiga
EDIÇÃO São Paulo, Cia lithografica Ypiranga, 1981

OBSERVAÇÕES

OBSERVAÇÕES

Telha romana ou de canudo utilizada geralmente para guarnecer a parte inferior dos beirais, obtendo-se grande efeito decorativo.
Em Portugal o seu uso fez-se exclusivamente no Norte, tendo igualmente grande aceitação no Brasil.

Matriz Net

VALIDAÇÃO

PREENCHIDO POR Maria Teodora Marques
DATA 03 / 09 / 1999

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA

INSTITUIÇÃO / PROPRIETÁRIO Museu Nacional do Azulejo
SUPER-CATEGORIA Artes Plásticas, Artes Decorativas, etc.
CATEGORIA Cerâmica
SUBCATEGORIA Cerâmica de equipamento
DENOMINAÇÃO Estatueta
TÍTULO Efebo
N.º DE INVENTÁRIO C-350

IDENTIFICAÇÃO

DESCRIÇÃO

Peça moldada. Escultura de figura masculina assente em base circular, de pé, junto a um tronco do qual sai um ramo com uma parra que lhe cobre o sexo. Representada nua, a figura retrata um jovem, apoia-se na perna direira e flecte a esquerda. Tem o tronco numa posição recuada em contracurva, com os braços soerguidos, olhando para a mão direita. A cabeça, de características clássicas, tem o cabelo em madeixas fartas.

REPRESENTAÇÃO Representação mitológica

AUTORIA

NOME Desconhecido
TIPO Autor

PRODUÇÃO

OFICINA / FABRICANTE Real Fábrica de Louça, ao Rato
CENTRO DE FABRICO Lisboa
LOCAL DE EXECUÇÃO Portugal

DATAÇÃO

ANO(S) 1780 d.C. - 1816 d.C.
SÉCULO(S) XVIII d.C. - XIX d.C.
JUSTIFICAÇÃO DA DATA Período de João Anastácio Botelho de Almeida

INFORMAÇÃO TÉCNICA

MATÉRIA Barro
TÉCNICA Faiança moldada e vidrada a branco

DIMENSÕES

ALTURA (CM) 67
LARGURA (CM) 28,5
PROFUNDIDADE (CM) 20
PESO (KG) 4

CONSERVAÇÃO

ESTADO Regular
DATA 07 / 11 / 2001

INCORPORAÇÃO

DATA DE INCORPORAÇÃO 00 / 00 / 2000
ANO(S) 2000 - 0
MODO DE INCORPORAÇÃO Compra
DESCRIÇÃO Adquirido à firma Solar Antiguidades

LOCALIZAÇÃO

LOCALIZAÇÃO Reservas
ESPECIFICAÇÕES Reserva n.º 3 – Prat. 15
DATA 07 / 11 / 2001

LOCALIZAÇÃO Exposição
ESPECIFICAÇÕES Sala dos Arcos, 1.º andar
DATA 07 / 09 / 2006

LOCALIZAÇÃO Exposição
ESPECIFICAÇÕES Exposição temporária: "Real Fábrica de Louça, ao Rato" / Os Ciclos de Produção da Real Fábrica de Louça
DATA 09 / 07 / 2003

IMAGEM / SOM

TIPO REGISTO Imagem
NÚMERO A3; F37; 13A/1
TIPO Negativo a Cores
LOCALIZAÇÃO MNA
AUTOR Teresa Henriques

TIPO REGISTO Imagem
NÚMERO 11569.jpg
TIPO Imagem Digital
LOCALIZAÇÃO DDF-IPM
AUTOR José Pessoa

EXPOSIÇÕES

TÍTULO Real Fábrica de Louça, ao Rato
LOCAL Museu Nacional do Azulejo, Lisboa
DATA DE INÍCIO 05 / 06 / 2003
DATA DE FIM 07 / 09 / 2003
N.º CATÁLOGO 148

TÍTULO Real Fábrica de Louça, ao Rato
LOCAL Museu Nacional Soares dos Reis
DATA DE INÍCIO 08 / 10 / 2003
DATA DE FIM 04 / 01 / 2004
N.º CATÁLOGO 148

TÍTULO Céramique du Portugal du XVI^{e} au XX^{e} siècles
LOCAL Museu Ariana, Genebra
DATA DE INÍCIO 25 / 11 / 2004
DATA DE FIM 28 / 03 / 2005
N.º CATÁLOGO 57

BIBLIOGRAFIA

TÍTULO Céramique du Portugal du XVI^e^ au XX^e^ siècle / Cerâmica portuguesa do séc. XVI ao séc. XX
EDIÇÃO Genève, Musée Ariana, 2004

TÍTULO Real Fábrica de Louça, ao Rato
EDIÇÃO Lisboa, IPM, 2003

TÍTULO Roteiro do Museu Nacional do Azulejo.
EDIÇÃO Lisboa, IPM, 2005, 219, 2.ª ed.

OBSERVAÇÕES

Esta escultura parece basear-se num retrato de Antinoo existente no Museu de Nápoles, ou na estátua de "Doriforo", no mesmo Museu, imagem idealizada do atleta com proporções policléticas, sendo denominado "O Cânone".

Matriz Net

VALIDAÇÃO

PREENCHIDO POR Alexandre Pais
DATA 07 / 11 / 2001

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA

INSTITUIÇÃO / PROPRIETÁRIO Museu Nacional do Azulejo
SUPER-CATEGORIA Artes Plásticas, Artes Decorativas, etc.
CATEGORIA Cerâmica
SUBCATEGORIA Cerâmica de equipamento
DENOMINAÇÃO Serviço de mesa
TÍTULO Máxima
N.º DE INVENTÁRIO C-437

IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO Museu Nacional do Azulejo
DENOMINAÇÃO Serviço de mesa
N.º DE INVENTÁRIO C-437a a C-437g
DESCRIÇÃO

Serviço de mesa composto por sete elementos, terrina, galheteiro, prato marcador, fundo, raso, doce e sobremesa.

Decorado com riscas de cores alternadas e túlipas. Peças polícromas: verde (dois tons), vermelho (dois tons), violeta, ocre, laranja e branco.

AUTORIA

NOME Desconhecido
TIPO Autor

PRODUÇÃO

OFICINA / FABRICANTE SPAL – Sociedade de Porcelanas de Alcobaça
CENTRO DE FABRICO Alcobaça
LOCAL DE EXECUÇÃO Portugal

MARCAS / INSCRIÇÕES

IDENTIFICAÇÃO DE MARCA "MAXIMA / SPAL / PORCELANAS" (no frete)

DATAÇÃO

ANO(S) 2004 d.C.
SÉCULO(S) XXI d.C.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

MATÉRIA Porcelana
TÉCNICA Decalcomania

DIMENSÕES

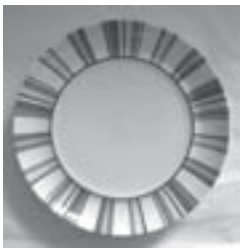
OUTRAS DIMENSÕES O serviço apresenta diversas dimensões, referidas nas fichas individuais

CONSERVAÇÃO

ESTADO Bom
DATA 06 / 06 / 2005

ORIGEM

OBJECTO RELACIONADO
DENOMINAÇÃO Prato
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO C-437b



DENOMINAÇÃO Prato
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO C-437c

DENOMINAÇÃO Prato
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO C-437d

DENOMINAÇÃO Prato
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO C-437e

DENOMINAÇÃO Terrina
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO C-437f

DENOMINAÇÃO Galheteiro
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO C-437g

DENOMINAÇÃO Prato
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO C-437a

INCORPORAÇÃO

DATA DE INCORPORAÇÃO 00 / 01 / 2005
ANO(S) 2005 - 0
MODO DE INCORPORAÇÃO Doação
DESCRIÇÃO Oferta da SPAL – Sociedade de Porcelanas de Alcobaça

LOCALIZAÇÃO

LOCALIZAÇÃO Reservas
ESPECIFICAÇÕES Reserva n.º 3
DATA 06 / 06 / 2005

IMAGEM

TIPO REGISTO Imagem
NÚMERO C-437-conjunto.JPG
TIPO Imagem Digital
LOCALIZAÇÃO MNA
AUTOR Isabel Pires

EXPOSIÇÕES

TÍTULO Rotas de Cerâmica
LOCAL Museu Nacional do Azulejo, Lisboa
DATA DE INÍCIO 07 / 10 / 2004
DATA DE FIM 09 / 01 / 2005

OBSERVAÇÕES

Este serviço não está completo, embora as peças existentes documentem todas as formas de que é constituído

VALIDAÇÃO

PREENCHIDO POR Florbela Morgado
DATA 06 / 06 / 2005

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA

INSTITUIÇÃO / PROPRIETÁRIO Museu Nacional do Azulejo
SUPER-CATEGORIA Artes Plásticas, Artes Decorativas, etc.
CATEGORIA Cerâmica
SUBCATEGORIA Cerâmica de revestimento
DENOMINAÇÃO Painel de azulejos
TÍTULO Jesus entre os doutores
N.º DE INVENTÁRIO 866

IDENTIFICAÇÃO

OUTRAS DENOMINAÇÕES Painel de azulejos de composição figurativa
LOCALIZAÇÃO Reservas
DENOMINAÇÃO Ciclo da vida da Virgem
N.º DE INVENTÁRIO 858 a 867
DESCRIÇÃO

Composição sobre um soco elevado apresentando um silhar arquitectónico em *trompe l'oeil*. A representação central decorre à esquerda do observador, com Jesus sentado sobre um estrado, rodeado por diversas figuras masculinas, tendo aos seus pés livros e rolos de pergaminhos. Num plano de transição entre espaço interior e exterior, à direita, entrando no templo onde decorre a acção, José e Maria auréoleados, manifestam surpresa ante a cena. Em segundo plano, figuras conversam junto a arquitecturas. Toda a representação é emoldurada por concheados e formas vegetalistas exuberantes e rematada superiormente por spagnolete. Painel monocromático: azul sobre branco.

IMAGEM

IMAGEM Representação Bíblica, NT, Lucas 2, 46-49, Infância de Cristo
Mariologia

AUTORIA

NOME Desconhecido
TIPO Autor

PRODUÇÃO

CENTRO DE FABRICO Lisboa
LOCAL DE EXECUÇÃO Portugal

DATAÇÃO

ANO(S) 1760 d.C. - 1770 d.C.
SÉCULO(S) XVIII d.C.

INFORMAÇÃO TÉCNICA

MATÉRIA Barro
TÉCNICA Faiança

DIMENSÕES

ALTURA (CM) 196
LARGURA (CM) 300
PESO (KG) 70

CONSERVAÇÃO

ESTADO Bom
DATA 08 / 10 / 1998

ORIGEM

HISTORIAL Revestimento parietal do convento de Santo António da Convalescença, Benfica, Lisboa

OBJECTO RELACIONADO

DENOMINAÇÃO Anjo com o Sol
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 266

DENOMINAÇÃO Anjo com a Lua
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 20

DENOMINAÇÃO Adoração dos Magos
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 864

DENOMINAÇÃO Nascimento de Maria
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 858

DENOMINAÇÃO Apresentação da Virgem no Templo
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 859

DENOMINAÇÃO Casamento da Virgem
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 860

DENOMINAÇÃO Visitação
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 862

DENOMINAÇÃO Adoração dos Pastores
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 863

DENOMINAÇÃO Fuga para o Egipto
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 865

DENOMINAÇÃO Pentecostes
LOCALIZAÇÃO MNAz
N.º INVENTÁRIO 867

INCORPORAÇÃO

DATA DE INCORPORAÇÃO 00 / 00 / 1980
MODO DE INCORPORAÇÃO Outros
DESCRIÇÃO Fundo antigo

LOCALIZAÇÃO

LOCALIZAÇÃO Reservas
ESPECIFICAÇÕES Reserva n.º 4 - Estante 6; Prat. 5A
DATA 08 / 10 / 1998

LOCALIZAÇÃO Exposição
ESPECIFICAÇÕES Permanente; Sala dos Arcos; 1.º andar
DATA 21 / 09 / 2004

IMAGEM

TIPO REGISTO Imagem
NÚMERO IFN 13136.01
TIPO Transp. a Cores
LOCALIZAÇÃO DDF-IPM
AUTOR José Pessoa

TIPO REGISTO Imagem
NÚMERO IFN 13136
TIPO Transp. a Cores
LOCALIZAÇÃO DDF-IPM
AUTOR José Pessoa

EXPOSIÇÕES

TÍTULO Azulejaria do século XVIII, integrada nas Comemorações do 250.º aniversário do nascimento de João de Sousa Carvalho
LOCAL Câmara Municipal de Estremoz, Estremoz
DATA DE INÍCIO 00 / 12 / 1995
DATA DE FIM 00 / 02 / 1996

TÍTULO Azulejos, Europália 91 – Portugal
LOCAL Bélgica: Bruxelas, Porte de Hal
DATA DE INÍCIO 20 / 09 / 1991
DATA DE FIM 29 / 12 / 1991
N.º CATÁLOGO 76

BIBLIOGRAFIA

TÍTULO Azulejos, catálogo de exposição
EDIÇÃO Europália 91 – Portugal

TÍTULO Roteiro do Museu Nacional do Azulejo.
EDIÇÃO Lisboa, IPM, 2005, 126, 2.ª ed.

TÍTULO Azulejaria em Portugal no século XVIII
EDIÇÃO Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979

OBSERVAÇÕES

Matriz Net

VALIDAÇÃO

PREENCHIDO POR Alexandre Pais
DATA 08 / 10 / 1998

IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA

INSTITUIÇÃO / PROPRIETÁRIO Museu Nacional do Azulejo
SUPER-CATEGORIA Artes Plásticas, Artes Decorativas, etc.
CATEGORIA Cerâmica
SUBCATEGORIA Cerâmica de revestimento
DENOMINAÇÃO Placa
TÍTULO Disco
N.º DE INVENTÁRIO C-251

IDENTIFICAÇÃO

DESCRIÇÃO
Peça modelada, circular de perfil irregular, elaborada por justaposição de placas, interrompida na metade superior por uma faixa onde se inscrevem, sobre uma linha, círculos e formas quadrangulares.
Peça policroma: preto, branco.

AUTORIA

NOME Sousa, Cecília de (Lisboa, 1937 -)
TIPO Autor
JUSTIFICAÇÃO/ATRIBUIÇÃO Peça assinada "Cecília"

PRODUÇÃO

CENTRO DE FABRICO Lisboa
LOCAL DE EXECUÇÃO Portugal

DATAÇÃO

ANO(S) 1999 d.C.
SÉCULO(S) XX d.C.
JUSTIFICAÇÃO DA DATA Peça datada "1999"

INFORMAÇÃO TÉCNICA

MATÉRIA Barro chamotado
TÉCNICA Modelagem e pintura
PRECISÕES SOBRE A TÉCNICA A coloração é dada pela mistura dos pigmentos na pasta cerâmica.

DIMENSÕES

ESPESSURA (CM) 12
DIÂMETRO (CM) 66

CONSERVAÇÃO

ESTADO Muito Bom
DATA 17 / 04 / 2001

INCORPORAÇÃO

DATA DE INCORPORAÇÃO 27 / 02 / 2000
ANO(S) 2000 - 0
MODO DE INCORPORAÇÃO Doação
DESCRIÇÃO Oferta da autora/ Aceite a sua incorporação nas colecções do MNAz por Despacho, IPM 01156 de 27 de Fevereiro 2006

LOCALIZAÇÃO

LOCALIZAÇÃO Reservas
ESPECIFICAÇÕES Reserva n.º 4
DATA 28 / 08 / 2006

LOCALIZAÇÃO Exposição
ESPECIFICAÇÕES Exposição Temporária – "A minha segunda casa... – Cecília de Sousa, obra cerâmica 1954-2004"
DATA 15 / 10 / 2004

LOCALIZAÇÃO Reservas
ESPECIFICAÇÕES Reserva n.º 4
DATA 10 / 11 / 2001

LOCALIZAÇÃO Outros
ESPECIFICAÇÕES Em exposição itinerante
DATA 17 / 04 / 2001

IMAGEM

TIPO REGISTO Imagem
TIPO Positivo a Cores
LOCALIZAÇÃO MNA

EXPOSIÇÕES

TÍTULO O Azulejo em Portugal no século XX
LOCAL Brasil (Museu Histórico do Rio de Janeiro; Museu Arte de Salvador da Baía; Igreja de Santo Alexandre, Belém do Pará)
DATA DE INÍCIO 24 / 04 / 2000
DATA DE FIM 05 / 12 / 2000
N.º CATÁLOGO 39

TÍTULO Ceramic-Culture-Innovation, 1851-2000
LOCAL Budapeste, Lisboa, Limoges, Stoke-on-Trent, Faenza, Selb-Plossberg
DATA DE INÍCIO 08 / 11 / 2002
DATA DE FIM 03 / 10 / 2004
N.º CATÁLOGO 241

TÍTULO A minha segunda casa... – Cecília de Sousa – obra cerâmica 1954-2004
LOCAL Museu Nacional do Azulejo, Lisboa
DATA DE INÍCIO 07 / 10 / 2004
DATA DE FIM 09 / 01 / 2005
N.º CATÁLOGO 94

BIBLIOGRAFIA

TÍTULO Cecília de Sousa. Cerâmica, catálogo de exposição
EDIÇÃO Lisboa, Museu Nacional do Azulejo, 1991

TÍTULO Ceramic-Culture-Innovation (1851-2000), catálogo de exposição
EDIÇÃO Programa Cultura 2000 da Comunidade Europeia, 2003

TÍTULO O Azulejo em Portugal no século XX, catálogo de exposição itinerante no Brasil
EDIÇÃO Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – INAPA, 2000

TÍTULO O Azulejo em Portugal no século XX, catálogo de exposição itinerante no Brasil
EDIÇÃO Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses – INAPA, 2000

TÍTULO A minha segunda casa... – Cecília de Sousa, obra cerâmica 1954-2004
AUTORES HENRIQUES, Paulo; CALADO, Rafael Salinas
EDIÇÃO Lisboa, IPM, 2004

OBSERVAÇÕES

Matriz Net

VALIDAÇÃO

PREENCHIDO POR Ana Almeida
DATA 17 / 04 / 2001

BIBLIOGRAFIA

TESAURI. LISTA DE DESCRITORES. TERMINOLOGIAS

Algemeines Kunstler-Lexicon. Leipzig: VEB E.A. Seemann, 1983.

American Ceramic Society, Ceramic glossary. Columbus: A.C.S., 1963.

Art and architecture thesaurus. Oxford: Oxford University Press, 1990. 3 vols.

Sears: lista de encabezamientos de materia. Trad. e adapt. de la 12 ed. en inglés, por Carmen Rovira. New York : H.W. Wilson, 1984.

Standart definitions of terms relating to ceramic white wares and related products, ASTM C242-60, 1960.

Thesaurus de l'Unesco. Établi par Jean Aitchison. Paris: Unesco, 1983. 2 vols.

DICIONÁRIOS. ENCICLOPÉDIAS

COYSH, A. W.; HENRYWOOD, R. K., The dictionary of blue and white painted pottery, 1780- 1880. England: Antique Collectors Club, 1984.

DOMINGUES, Celestino M., Dicionário de Cerâmica, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2006.

FLEMING, John; HONOUR, Hugh, Dictionary of the decorative arts. New York: Icon, 1987.

JANNEAU, Guillaume, Dictionnaire des termes d'art. Paris: Garnier, 1980.

LUCIE-SMITH, Edward, Dicionário de termos de arte. Lisboa: D. Quixote, 1990.

PEREIRA, José Fernandes (dir.), Dicionário da arte barroca em Portugal. Lisboa: Presença, 1989.

RÉAU, Louis, Dictionnaire polyglotte des termes d'art et d'archéologie. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

RODRIGUES, Maria João Madeira; SOUSA, Pedro Fialho de; BONOFÁCIO, Horácio Manuel Pereira, Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura. Coimbra: Quimera Editores, 1990.

SAVAGE, George; NEWMANN, Harold, An illustrated dictionary of ceramics. London: Thames and Hudson, 1985.

SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida, Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura. Lisboa: Presença, 2005.

TEIXEIRA, Luís Manuel, Dicionário ilustrado de belas-artes. Lisboa: Presença, 1985.

OBRAS GERAIS

AAVV, *Azulejos na cultura luso-brasileira*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1997.

AAVV, *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Lisboa: Instituto Português de Museus; Museu Nacional de Soares dos Reis, 2001.

AAVV, *Museu de Cerâmica. Roteiro*, Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003.

AAVV, *Museu Nacional do Azulejo. Roteiro*, Lisboa; Porto: Instituto Português de Museus; Asa, 2003.

AAVV, *O azulejo em Portugal no século XX*, Lisboa: CNCDP, Inapa, 2000.

AAVV, O *revestimento cerâmico na arquitectura em Portugal*. Lisboa: Estar, 1998.

ALCÂNTARA, Dora, *Azulejos portugueses em São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro, 1980.

AMORIM, Sandra, *Azulejaria de fachada na Póvoa do Varzim 1850-1950*. Póvoa do Varzim: [e.a.], 1996.

ARRUDA, Luísa, *Azulejaria barroca portuguesa: figuras de convite*. Lisboa: Inapa, 1993.

Idem, «Azulejaria nos séculos XIX e XX». História da arte portuguesa, vol. 3. Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995. p. 407-436.

Idem, *Caminho do Oriente: guia do Azulejo*, Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

Azulejos [catálogo]. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1947.

Azulejos [catálogo]. Bruxelles: Europália 91 – Portugal, 1991.

Azulejos de Lisboa [catálogo]. Lisboa: Câmara Municipal, 1984.

Azulejos: les metamorphoses de l'azur [catálogo]. Paris: Espace Electra, 1994.

BAUCH, Ulrich, Lissabon-Hamburg, *Fayenceimport für den norden*, Hamburg, Museums für Kunst und Gewerbe, 1996.

BLONDEL, Nicole, *Céramique: vocabulaire technique*. Paris: Monum, Éditions du Patrimoine, 2001.

BURLAMAQUI, Suraya, *Cerâmica mural contemporânea portuguesa*. Lisboa: Livros Quetzal, 1996.

CALADO, Rafael Salinas, *Aspectos azulejares na arquitectura ferroviária portuguesa*, Lisboa: Caminhos de Ferro Portugueses, 2001.

Idem, *Azulejo: 5 séculos de azulejo em Portugal*. Lisboa: Correios e Telecomunicações de Portugal, 1986.

Idem, *Faiança Portuguesa, sua evolução até ao início do século XX. Portuguese Faience, its evolution up to the early 20th century,* Lisboa: Correios e Telecomunicações de Portugal, 1992.

Cerâmica decorativa moderna portuguesa. Exposição integrada no 1.º simpósio internacional sobre azulejo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

CAMPOS, Teresa, *A igreja de S. Pedro de Penaferrim em Sintra. Revestimento azulejar.* Ofícios Necessários, Lda, 2000.

Carvalhinho – Centenário 1840-1940. Álbum comemorativo do primeiro centenário da Fábrica do Carvalhinho. Porto: [s.n.], [1940].

CARVALHO, J. M. Teixeira de, *Cerâmica coimbrã no século XVI*, Coimbra, 1921.

Catálogo da Exposição de Cerâmica e Olaria das Caldas, Caldas da Rainha, Museu de José Malhoa, 1963.

Catálogo da Fábrica Cerâmica e de Fundição das Devezas – António Almeida da Costa & C.ª [catalogo].Gaya-Porto: Edição Real Typ. Lith. Lusitana, 1910.

Ceramics, Culture and Inovation: 1851-2000 [catalogue]. Wunsiedl: Zweckerband Deutsches Porzellanmuseum, 2003.

CORDEIRO, José Manuel Lopes, *As fábricas portuenses e a produção de azulejos de fachada (Sécs. XIX-XX)*. In *Azulejos no Porto*. Porto: Câmara Municipal, 1996.

CORREIA, Virgílio, *Azulejos*. Coimbra: [e. a.], 1956.

Idem, *Azulejos datados*. Lisboa, 1922.

Idem, «Azulejadores e pintores de azulejo de Lisboa: olarias de Santa Catarina e Santos». A Águia, n.º 77-78 (1918).

Idem, «A Família Oliveira Bernardes: uma grande escola de pintura de azulejo». – A Águia, n.º 71-72 (1917). p.198-208.

Idem, «Oleiros e pintores de louça e azulejos de Lisboa: olarias (Anjos)». Atlântida, n.º 7 (1918).

Costa Motta Sobrinho (1877-1957): Obra cerâmica e escultórica, [catálogo]. Museu de Cerâmica, Lisboa: Instituto Português de Museus, 2001.

DIAS, Aida; MACHADO, Rogério, *A Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro*. Porto, 1987.

*Exposição retrospectiva de arte ornamental portuguesa e he*spanhola [catálogo]. Lisboa, 1882.

Exposição de cerâmica Ulissiponense, dos finais do século XVI aos princípios do século XIX [catálogo]. Lisboa: Palácio Galveias, 1936.

Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro [catálogo]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1985.

Faiança portuguesa/ Portuguese faience (1600-1660) [catalogo]. Amsterdão: Lisboa, 1987.

Faiança Portuguesa do Ateneu Comercial do Porto [catálogo]. Porto: Ateneu Comercial, 1997.

FERRÃO, Julieta, *Rafael Bordalo Pinheiro e a Faiança das Caldas*. Gaia: s.n., 1933.

FRANÇA, José-Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro, o português tal e qual*. Lisboa: Bertrand, 1982.

Idem, *A arte em Portugal no século XIX*. Lisboa: Bertrand, 1966.

Idem, *A arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Bertrand, 1974.

FROTHINGHAM, Alice, *Tiles panels of Spain 1500-1650.* New York, 1969.

GAMA, Eurico, *Azulejaria elvense*. Elvas: s.n.,1985.

GESTOSO Y PEREZ, José, *Historia de los barrios vidriados sevillanos, desde sus origenes hasta nuestros dias*. Sevilla, 1904.

GONÇALVES, Flávio, «A data e a origem dos azulejos do claustro da Sé do Porto». Revista da Faculdade de Letras, 4 (1987).

Idem, «As obras setecentistas da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda de Peniche e o seu enquadramento na arte portuguesa da primeira metade do século XVIII». Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 88 (1982), n.º 89 (1983).

GUIMARÃES, Agostinho, *Azulejos artísticos de Guimarães: séculos XVI, XVII e XVIII*. Porto: [e.a.], 1983.

Idem, *Azulejos do Porto*. [S.l.]:[s.n.], 1989.

GUIMARÃES, Feliciano, *Azulejos de figura avulsa*. Gaia, [s.n.], 1932.

HANEKUIJK, D., «Tegels in Portugal bekeken». Tegel 16 (1988). p. 40-43.

HENGL, Jacqueline, [et al.], *Portugal: painéis de azulejo do século XX*. Lisboa: Caixa Geral de Depósitos, 1987.

HENRIQUES, Paulo, «Módulo, padrão e jogo: azulejos de repetição na segunda metade do século XX». Oceanos. Lisboa: CNCDP. n.º 36-37 (Out. 1998 / Março 1999). p. 253-269.

HERCK, Ch. Van; SIMÕES, J. M. dos Santos, «Antwerpsche tegels van omstreeks 1558 in Portugal». Antwerpens Koninklijke Oudheidkundige Kring, n.º 20-21 (1945).

As idades do azul [catálogo]. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional, 1998.

JAENNICKE, Friedrich, «Studien über portugiesische keramik». Kunst und Gewerbe (Nürnberg), 1 (1886).

KATZ, Marshall P., *Cerâmica das Caldas da Rainha, Estilo Palissy 1853-1920*. Lisboa: Inapa, 1999.

KEIL, Luís, "A faiança de Hamburgo e as suas analogias com a Cerâmica Portuguesa do século XVII" *in Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes*, III, Lisboa, 1938.

LEACH, Bernard, *Manual del ceramista*. Barcelona: Blume, 1981.

LEÃO, Joaquim de Sousa, Decorative art: the azulejo.Portugal and Brazil. Oxford, 1953. p.385-394.

LEÃO, Manuel, *A cerâmica em Vila Nova de Gaia,* Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 1999.

LEPIERRE, Charles, "Estudo Químico e tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna" in *Boletim do Trabalho Industrial*, LXXVIII, Lisboa, 1912.

LYNGGAARD, Finn, *Tratado de cerâmica*. Barcelona: Omega, 1976.

Loiça das Caldas. Colecção de Duarte Pinto Coelho, [catálogo]. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, 1995.

LOUREIRO, José Carlos, *O Azulejo: possibilidades da sua reintegração na arquitectura portuguesa*. Porto: [e. a .], 1962.

MACEDO, Jorge Borges de [et al.], *Vista Alegre. Porcelanas*. Lisboa: Inapa, 1989.

MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha: séculos XVI-XVIII* [catálogo]. Caldas da Rainha: Museu de José Malhoa, 1987.

MANGUCCI, António Celso, "Olarias de Louça e Azulejo da Freguesia de Santos-o-Velho dos meados do século XVI aos meados do século XVIII", in *Al*-madan, II Série, n.º 5, Outubro 1996, Centro de Arqueologia de Almada.

MARGGRAF, Rainer, Novos resultados de investigação sobre azulejos holandeses na igreja de Nossa Senhora da Nazaré. Lisboa: Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, 1989.

MARTINS, Fausto Sanches, *Azulejaria portuense: história e iconografia*, Lisboa: Inapa, 2001.

MARTINS, Maria Filomena Silva, Azulejos do Juncal: contributos para a história do azulejo em Portugal. Lisboa: Diferença, 1997.

MATOS, José Sarmento de, «Il Palazzo del Marchese di Fronteira». FMR, Mensile di Franco Maria Ricci (Mailand), n.º 32 (1985).

MECO, José, *Azulejaria portuguesa*. Lisboa : Bertrand, 1985.

Idem, «Azulejaria no palácio da Independência em Lisboa». Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, nº 87. Lisboa: 1981.

Idem, O Azulejo em Portugal. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

Idem, «Azulejos de Gabriel del Barco na região de Lisboa». Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 85. Lisboa, 1979.

Idem, «Azulejos de Lisboa». Casa & Jardim, n.º 87 (1985).

Idem, «Os Azulejos do Palácio Fronteira». A Fronteira. Lisboa, 1992.

Idem, «Os Azulejos do Palácio do Marquês de Tancos». História, n.º 29 (1981).

Idem, «Louças do Rato e azulejos pombalinos». Lisboa e o Marquês de Pombal [catálogo n.º 3). Lisboa: Câmara Municipal, 1982.

Idem, «Os painéis de azulejos da Embaixada de Portugal em Brasília e a obra de Querubim Lapa». Artes Plásticas, n.º 1 (1990).

Idem, «O Palácio da Mitra em Lisboa e os seus azulejos». Lisboa, n.º 12-14 (1985).

Idem, «O Pintor de azulejos Manuel dos Santos: definição e análise da obra». Lisboa, 1980. Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, n.º 86 (1980).

Idem, Real Fábrica de Louça ao Rato. Lisboa: IPM; MNA, 2003.

MONTEIRO, João Pedro, "La ceramiche neoclassiche in Portogallo", in *CeramicAntica*, Anno VIII - n.º 9 (86) – Outubro de 1998.

Idem, «O Frontal de altar da capela de Nossa Senhora da Piedade, Jaboatão, Pernambuco». Oceanos. Lisboa: CNCDP. n.º 36-37 (Out. 1998/Março 1999). p.158-176.

Idem, «Iconografia de São Tiago em azulejos setecentistas». Azulejo. Lisboa: MNA. n.º 2 (1992). p.22-37.

Idem, "Paliotti d'altare in piastrelle portoghesi del XVII secolo" in *CeramicAntica*, Anno X – n.º 6 – Junho de 2000.

Idem, "Um prato da Restauração e a opção pelo Oriente na faiança portuguesa do século XVII" in *Oriente*, n.º 7, Fundação Oriente, Dezembro de 2003.

MONTEIRO, João Pedro, «Os Vasos floridos do Convento de Nossa Senhora da Esperança em Lisboa». Azulejo. Lisboa: MNA. n.º 1 (1991).

MORLEY-FLETCHER, Hugo, *Tecnicas de los grandes maestros de la alfareria y ceramica*. Madrid: Hermann Blume, 1985.

MOURA, Carlos – «Sombra, luz e cromatismo: a pintura e o azulejo. As Artes Decorativas». História da Arte em Portugal, vol. 8: O Limiar do Barroco. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

MUSEU NACIONAL DO AZULEJO, Os Azulejos de Willem van der Kloet. Lisboa: Lisboa 94; MNA, 1994.

Idem, Cerâmica neoclássica em Portugal. Lisboa: IPM; MNA, 1997.

Idem, Céramique du Portugal du XVI au XX siècle. Lisboa: IPM, 2004.

Idem, Cifka : obra cerâmica. Lisboa: MNA, 1993.

Idem, Un Eclat portugais: l'art de l'azulejo. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1996.

Idem, Faiança de Estremoz. Lisboa: IPM, MNA, 1995.

Idem, Figures et personnages, une histoire en céramique: l'azulejo au Portugal du XVI^{e} au XX^{e} siècle. Lisboa: IPM; MNA, 1998.

Idem, A Influência oriental na cerâmica portuguesa do século XVII. Lisboa: Lisboa 94, MNA, 1994.

Idem, Júlio Resende: obra cerâmica. Lisboa: IPM; MNA, 1998.

Idem, Maria Keil: azulejos. Lisboa: MNA, 1989.

Idem, Querubim: obra cerâmica 1954-1994. Lisboa: Lisboa 94, MNA, 1994.

NEVES, Amaro, *Azulejaria antiga de Aveiro*. Aveiro: [s.n.], 1985.

NEVES, Amaro, *Azulejos do Buçaco*. Aveiro: Lacticoop, 1992.

PADILLA MONTOYA, Carmen; MAICAS RAMOS, Ruth; CABRERA BONET, Paloma. 2002. *Diccionario de materiales cerámicos*, Madrid, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, Dirección General de Bellas Artes y Bienes Culturales.

PAIS, Alexandre – «O Theatro Moral de la Vida Humana no convento de São Francisco da Bahia». Oceanos. Lisboa: CNCDP. n.º 36-37 (Out. 1998/ Março 1999). p.100-112.

PAIS, Alexandre Nobre; MONTEIRO, João Pedro, *Faiança Portuguesa da Fundação Carmona e Costa/Portuguese Faience in the Carmona e Costa Foundation*, Lisboa, Assírio e Alvim, 2003.

PARRA, Júlio, *Azulejos: painéis do século XVI ao século XX*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia, 1994.

PEREIRA, João Castel-Branco, Arte no Metropolitano de Lisboa. Lisboa: Metropolitano de Lisboa, 1995.

PEREIRA, João Castel-Branco, Azulejos no Metropolitano de Lisboa. Lisboa: Metropolitano de Lisboa, 1990.

PEREIRA, João Castel-Branco, «Azulejos neoclássicos». Oceanos. Lisboa: CNCDP. n.º 36-37 (Out. 1998/Março 1999). p. 211-232.

PEREIRA, João Castel-Branco [et al.], *As Colecções do Museu Nacional do Azulejo,* Lisboa. Lisboa e London: IPM/Zwemmer, 1995.

PLEGUEZUELO HERNANDEZ, Alfonso – *Azulejos sevillanos*. Sevilla, 1989.

PINTO, Luís Fernandes, *O Azulejo e a arquitectura: ensaio de um arquitecto*. [s.l.]: Getecno, Lda., 1994.

PORCAR, José Luis [et al.], *Manual-guia técnica de los revestimientos y pavimientos cerâmicos.* Castellón: Instituto de Tecnologia Cerâmica, 1987.

Il Portogallo a Milano: azulejos di Lisbonna [catálogo]. Milão, 1985.

Portugal 1900, [catálogo], Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

QUEIRÓS, José, *Cerâmica portuguesa e outros estudos*. Lisboa: Presença, 1987.

QUEIRÓS, José, *Olarias do Monte Sinay*. Lisboa, 1913.

RACZYNSKI, Athanase, *Les Arts en Portugal: lettres adressées à la Societé Artistique et Scientifique de Berlin et accompagnées de documents*. Paris, 1846.

RADA, Pravoslav, *Les techniques de la céramique*. Paris: Grund, 1989.

Rafael Bordalo Pinheiro. O Ceramista. [catálogo], Exposição *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal e Qual*. S. Paulo: Pinacoteca do Estado, 1996.

RASTEIRO, Joaquim, *Palácio e Quinta da Bacalhoa, Azeitão: inícios da renascença em Portuga*l. Lisboa, 1898.

Raul Lino: exposição retrospectiva da sua obra [catálogo]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

Raul Lino: artes decorativas [catálogo]. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, 1990.

RIBEIRO, Luís Filipe Carvalho, *Azulejos de Lisboa*, Lisboa: Litexa, 2003.

RILEY, Noel, *Tile art: a history of decorative ceramic tiles.* London, 1987.

RODRIGUES, António, *Jorge Barradas*, Lisboa, IN-CM, 1995.

ROGGE, Theodor, «Portugiesische fayence-fliesen». Kunstgewerbeblatt, n.º 1 (1886), p.1-4.

Rouge et Or: Trésors du Portugal Baroque, [catalogue]. Lisboa: Gabinete de Relações Internacionais do Ministério da Cultura, Museu Jacquemart-André, Paris, 2001.

La Ruta de la Cerámica [catálogo]. Valencia: Alicer, 2000.

SABO, Rioletta; FALCATO, Jorge Nuno, *Azulejos: arte e história. Azulejaria de palácios, jardins e igrejas em Lisboa e arredores*. Lisboa: Inapa, 1998.

SANCHO CORBACHO, Antonio, *La ceramica andaluza: azulejos sevillanos del siglo XVI.* Sevilla: Casa de Pilatos, 1953.

SANTOS, Armando Vieira, «A cerâmica portuguesa». A arte portuguesa: artes decorativas. vol. 2. Lisboa, 1948.

SANTOS, Reinaldo dos, *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Sul, 1975.

Idem, «Os Frontais de altar do século XVII». Belas-Artes, n.º 10 (1957).

SAPORITI, Teresa, *Azulejos de Lisboa no século XX*. Lisboa: Afrontamento, 1992.

Idem, *Azulejos de padrão: século XX*. Lisboa: Afrontamento, 1998.

SARAIVA, Carlota Abrantes, *Contribuição para o estudo dos azulejos do Instituto de Odivelas*. Lisboa, 1975.

SERRA, João B., *Arte e Indústria na Cerâmica Caldense (1853-1977)*. Caldas da Rainha: PH, 1991.

SILVA, Maria João Espírito Santo Bustorff (coord.), *Igreja de Santo António de Igarassu: memória e futuro, continuidades barrocas*, Lisboa: FRESS, 2000.

SILVA, Maria Madalena Cagigal e, "Elementos para o Estudo da Influência oriental na Decoração da Cerâmica Portuguesa (séculos XVI-XVII)", in *Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências* [actas], Lisboa, 1950.

SILVA, Teresa Parra da [et al.], *São Bento Renascido: conservação e restauro de azulejos do Palácio de São Bento*. Lisboa: Assembleia da República, 2002.

SIMÕES, J. M. dos Santos, *A Casa do Paço da Figueira da Foz e os seus azulejos*. Figueira da Foz, 1947.

Idem, *Alguns azulejos de Évora*. Évora, 1945.

Idem, *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

Idem, *Azulejaria em Portugal no século XVII.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971. 2 vols.

Idem, *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

Idem, *Azulejaria nos Açores e na Madeira*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1963.

Idem, *Azulejaria portuguesa no Brasil 1500-1882*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

Idem, *Os Azulejos do Paço de Vila Viçosa*. Lisboa: [s.n.], 1946.

Idem, «Os Azulejos holandeses do Palácio Saldanha». Belas-Artes, n.º 1 (1948).

Idem, «Azulejos in a land of many colours».The Connoisseur, n.º 551 (1956).

Idem, «Azulejos românticos». Actas do 1.º Colóquio de estética do romantismo em Portugal . Lisboa, 1974.

Idem, Carreaux céramiques hollandais en Portugal et en Espagne. Haia: Martinus Nijhoff, 1959.

SMITH, Robert C., Os Azulejos de São Vitor. Belas-Artes, n.º 24-26 (1970).

Idem, *The Art of Portugal 1500-1800*. New York: George Weidenfeld and Nicholson, 1968.

Idem, «French models for portuguese tiles». Apollo, n.º 134 (1973), p. 396-407.

SOARES, Mário, *Técnicas de decoração em Azulejo*. Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro, 1983.

TELLES, Liberato, *Duas palavras sobre pavimentos*. Lisboa, 1896.

VALENTE, Vasco, *Cerâmica artística portuense dos séculos XVIII e XIX*. Porto: Livraria Fernando Machado, [1949].

Idem, *Uma Dinastia de Ceramistas. Elementos para a História das Fábricas de Loiça de Massarelos, Miragaia, Cavaquinho e Santo António do Vale da Piedade*. Porto: Imprensa Moderna, 1936.

VAN DAM, J. D., *Nederlandse tegels*. Utrech, 1988.

VASCONCELLOS, Joaquim de, Ceramica Portugueza (Subsidios Historicos). *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto.* Porto: Typographia Occidental, 2.º anno, n.º 11 (1 Nov. 1882) 538-574; 2.º anno, n.º 12 (1 Dez. 1882) 615-654; 3.º anno, n.º 2 (1 Fev. 1883) 73-83; 3.º anno, n.º 5 (1 Maio 1883) 217-233.

VASCONCELOS, Joaquim de, *Cerâmica portuguesa*. Porto, 1883.

VELOSO, A. J. Barros; ALMASQUÊ, Isabel, *Azulejaria de exterior em Portugal*. Lisboa: Inapa. ?

Idem, *Azulejos de fachada em Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1989.

Idem, *O azulejo português e a Arte Nova*. Lisboa: Inapa, 2000

VITORINO, Pedro, *Cerâmica Portuense*. Vila Nova de Gaia: Edições Apolino, 1930.

Waves of influence: cinco séculos de azulejo português [catálogo]. Lisboa: Metropolitano de Lisboa, 1995.

NOTAS

MC
Ministério da Cultura

INSTITUTO DOS MUSEUS
E DA CONSERVAÇÃO